

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM GERAL E ESPECIALIZADA**

O SIGNIFICADO DA SEXUALIDADE PARA MULHERES GRÁVIDAS

Tese apresentada ao programa de pós-graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor junto ao Departamento de Enfermagem Geral e Especializada na área de concentração Enfermagem Fundamental e linha de pesquisa Sexualidade Humana no Processo Saúde-Doença.

Aluna: Maria Cicera dos Santos de Albuquerque

Orientadora: Prof^a. Dr^a Tokico Murakawa Moriya

**Ribeirão Preto
2000**

FICHA CATOLOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca Central do Campus

Administrativo de Ribeirão Preto / USP

Albuquerque, Maria Cicera dos Santos de
Sexualidade: o significado para mulheres grávidas.
Ribeirão Preto, 2000.
227p.: il.; 30cm.

Tese de doutorado, apresentada à Escola de Enfermagem
de Ribeirão Preto/USP, Departamento de Enfermagem Geral
e Especializada.

Orientador: Moriya, Tokico Murakawa

1. Sexualidade. 2. Gravidez.

MARIA CICERA DOS SANTOS DE ALBUQUERQUE

**O SIGNIFICADO DA SEXUALIDADE PARA
MULHERES GRÁVIDAS**

**Ribeirão Preto
2000**

Dedico:

*A Deus, o Senhor da minha vida;
a Abel, esposo e companheiro de todos as horas, meu grande amor.
a meus filhos, Rizia e Gustavo amigos e um presente de Deus;
a meus pais, Santos e Dilma, que por seu amor me ensinaram a lutar;
a meus irmãos, Sérgio, Sandra, Shirley e Léia que crescemos e
caminhamos uma bela jornada juntos;
a meus sogros, Abel e Heloína, que permitem considerá-los pais.
a meus cunhados, Austrin, Marilza, Oscar, Julho, Tarcisio, Tadeu,
Ismênia, Ana, Cláudio, Ivoneide, Ada e Eduardo, aos quais posso
considerar irmãos.
a meus sobrinhos Daniela, João Antonio, Amanda, Anderson,
Alexandro, Igor e Rafaela, extensão do meu sentimento maternal.
a todas as mulheres que colaboram com este estudo, sem as quais ele
não se tomara realidade.*

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho pudesse ser concluído e o doutorado pudesse ser uma realidade pude contar com a colaboração de várias instituições e pessoas que se dispuseram direta e indiretamente a realização deste sonho

Dentre as diversas instituições meus agradecimentos:

A Universidade Federal de Alagoas, ao Centro de Ciências da Saúde, ao Departamento de Enfermagem que me liberaram para cursar o doutorado.

A Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto que me acolheu e que durante quatro anos fez parte da minha vida, proporcionando-me novos conhecimentos e sérias reflexões da prática da enfermagem.

Ao Pólo de Saúde da Família-AI e ao Núcleo Docente Assistencial Virgem dos Pobres III por me permitirem realizar a coleta de dados para a efetivação do estudo.

A Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) que subvencionou o meu doutorado com uma bolsa de estudo durante toda a sua efetivação.

Dentre as pessoas que por mim passaram durante o curso e realização da pesquisa meus agradecimentos:

A Dr^a Tokico Murakawa Moriya que ultrapassou o limite do ser orientadora e comigo andou a segunda milha, além de orientar-me quanto as disciplinas a cursar e a pesquisa do doutorado, abriu-me a possibilidade de ver a vida com as cores do amor, da amizade, da confiança, da partilha e principalmente da solidariedade.

A Dr^a Dulce Maria Rosa Gualda, que me introduziu no processo etnográfico e de forma acessível apresentou-me o leque de possibilidades da antropologia da saúde; pelos os encontros tão ricos e de discussões tão amplas, pela nossa amizade e pelo acreditar que eu poderia percorrer esta trajetória.

Aos docentes da EERP e aqueles que de forma mais próxima e afetiva compartilharam conhecimentos e uma amizade gratificante, dentre estes cito: Dr^a. Nilza Teresa Rotter Pelá, Dr^a. Maria Alves Brunn, Dr^a Elucir Gir, Dr^a Maria Helena Caliri, Dr^a. Márcia M. F. Zago, Dr^a. Clarice Aparecida Ferraz, Dr. José Augusto Della Coletta.

A todos os funcionários da EERP-USP que de forma pronta e eficiente me atenderam e me orientaram quanto as questões do doutorado, destaco os seguintes: Deolinda, Elaine, Angélica, Ketlin, Denise, Velmara e César.

A todos os funcionários do Núcleo Docente Assistencial do CAIC Virgem dos Pobres, cito Eudes, Ivone, Zilda e Magliones e ao Médico Hélvio Auto Filho.

A todas as colegas e docentes do Departamento de Enfermagem da UFAL que acreditaram que eu podia realizar este sonho, ressalto: Vera Rocha que me apoiou de forma tão extraordinária e me introduziu na EERP, Leila Pacheco que tanto suporte me deu em São Carlos, a Célia Rozendo amiga muito especial e que foi um braço forte e condutor da minha ida e estada em Ribeirão Preto, partilhamos conhecimentos e trocamos experiências. A Fátima Fontan e Cristina Figueiredo que conduziram e apoiaram-me no campo de pesquisa do CAIC Virgem dos Pobres e na comunidade. A Neide Santos e Zandra Candiotti que como chefes do departamento me apoiaram irrestritamente. A todas professoras da disciplina Método de Intervenção II, Elza, Graça, Fátima Lúcia, Violeta, Leila, Heliana pelo companheirismo e amizade constantes.

Ao médico Marco Antonio Mota Gomes, presidente do Pólo Saúde da Família e aos membros da Câmara Técnica deste Pólo por me autorizarem a realizar a coleta de dados no Conjunto Residencial Virgem dos Pobres III.

Aos meus amigos muito especiais Enaide e Odamir Gomes, Cicera Maria dos Santos por estarem presentes na minha vida e de minha família nas horas mais difíceis, por todo carinho, apoio e dedicação a mim proporcionados.

A amiga muito especial Dr^a. Maria do Socorro Loureiro, atual docente da Universidade Federal da Paraíba, que tive o privilégio de conviver em Ribeirão Preto, por trocarmos experiências, conhecimento, partilhamos um convívio tão saudável e por mantermos uma amizade tão extensiva.

E finalmente a todos os moradores do Conjunto Virgem dos Pobres III e muito especialmente às mulheres que colaboraram com este estudo pela preciosa contribuição, meu muito obrigada, valeu!

SUMÁRIO

Lista de figuras

Lista de quadros

Lista de tabela

Resumo

1	<i>O MOVIMENTO DAS INQUIETAÇÕES.....</i>	01
2	<i>ELEMENTOS CONCEITUAIS PARA COMPREENDER A SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ</i>	10
2.1	A sexualidade e suas múltiplas facetas.....	10
2.2	Antropologia cultural, cultura e antropologia da Saúde.....	18
2.3	Gênero, saúde reprodutiva e saúde sexual.....	22
3	<i>DELINEANDO O CAMINHO METODOLÓGICO.....</i>	30
3.1	Conceituando a etnografia.....	32
3.2	O estudo etnográfico.....	33
4	<i>O PROCESSO ETNOGRÁFICO EM PRÁTICA.....</i>	48
5	<i>AS GRÁVIDAS DA VIRGEM: APRESENTANDO O GRUPO CULTURAL.....</i>	61
5.1	Virgem dos Pobres III.....	64
5.2	O grupo pesquisado.....	67

6	GRAVIDEZ E SEXUALIDADE: OS SIGNIFICADOS DAS MULHERES GRÁVIDAS.....	139
6.1	O DESCOBRIR DA SEXUALIDADE.....	142
6.1.1	O vivenciar da menstruação.....	142
6.1.2	O namoro.....	147
6.1.3	O noivado.....	151
6.1.4	O início da atividade sexual.....	151
6.1.5	O casamento.....	156
6.2	A EXPERIÊNCIA DA GRAVIDEZ.....	160
6.2.1	A confirmação da gravidez.....	160
6.2.2	A notícia da gravidez.....	165
6.2.3	A gravidez desejada e indesejada.....	169
6.2.4	Os sentimentos em relação a gravidez.....	172
6.2.5	Os sinais e sintomas da gravidez.....	173
6.3	A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ.....	176
6.3.1	O relacionamento afetivo-sexual na gravidez.....	177
6.3.2	O corpo grávido.....	179
6.3.3	O sexo na gravidez.....	180
6.3.4	O sexo para ele com a parceira grávida.....	186
6.3.5	O sexo para atender o parceiro.....	186
6.4	AS TEIAS DE SIGNIFICADOS.....	189
6.4.1	Pontuando algumas questões.....	204
7	REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES DO ESTUDO PARA A ENFERMAGEM.....	207
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	220

Summary

Apêndice

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Três maiores abordagens interpretativa	31
Figura 2. Formação de uma rede para realização das entrevistas.....	55
Figura 3. O descobrir da sexualidade.....	194
Figura 4 A experiência da gravidez.....	198
Figura 5. A experiência da sexualidade na gravidez	201

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. O significado da sexualidade na gravidez	141
Quadro 2. O descobrir da sexualidade	159
Quadro 3. A experiência da gravidez	175
Quadro 4. A experiência da sexualidade na gravidez	188

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Distribuição da faixa etária por sexo em setembro de 1998 do Conjunto Virgem dos Pobres III	70
--	----

RESUMO

Este estudo foi realizado com mulheres grávidas com os objetivos de descrever e analisar as experiências e os significados da sexualidade a partir do ponto de vista das entrevistadas no seu contexto cultural. Foram utilizados os conceitos da antropologia interpretativa da saúde, da saúde reprodutiva e da saúde sexual. Percorreu-se o caminho metodológico através da etnografia. Os dados obtidos foram coletados por meio da observação e entrevista. Realizou-se um processo de análise com base nos relatos orais das histórias de vida das colaboradoras do estudo. Foram identificados três temas fundamentais: o descobrir da sexualidade, a experiência da gravidez e a experiência da sexualidade na gravidez. O estudo fornece elementos para que enfermeiros obtenham um melhor entendimento da sexualidade durante a gravidez e, conseqüentemente, ampliem as ações de enfermagem para este momento da vida feminina.

Palavras-chave: Sexualidade, gravidez, cultura.

J. BANDOVI

O MOVIMENTO DAS INQUIETAÇÕES

CAPÍTULO 1

1 O MOVIMENTO DAS INQUIETAÇÕES

Os homens necessitam do esforço do conhecimento, da procura da verdade, porque não encontram revelado de imediato o que é bom, justo e benéfico para eles.

Marcuse

Assistir e estudar a mulher vivenciando o período da gravidez tem sido uma constante na minha prática profissional. Influenciada por uma formação puramente técnica, fundamentada numa visão cartesiana do ser humano, exerci a enfermagem obstétrica, durante treze anos, no atendimento à mulher.

Sempre que imaginava estar agindo dentro de uma conduta holística, no exercício profissional, mais percebia o quanto estava comprometida com a técnica e restrita à uma prática que reproduzia uma concepção fragmentada do ser humano, que passava ser "*a paciente*" no atendimento que lhe prestava. Bem sei que esta afirmação pode parecer antagônica frente a uma profissão que traz em seu conteúdo discursivo e, conseqüentemente formador, a concepção holística do ser humano.

A quem, na realidade, atendia? À cliente, à paciente, à gravidez, às situações de riscos, a família, ao pai? Eis o início das muitas indagações que emergiram da minha prática profissional.

Incorporar concepções de gravidez ou de grávida no âmbito do pré-natal e/ou maternidade, tem sido uma demonstração clara de como é reproduzido o atendimento em decorrência da visão fragmentada, restrita ao biológico, distante de uma visão sociocultural.

Durante o meu transitar no Curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), nos períodos compreendidos entre 1981 a 1985, dediquei-me à área de assistência á saúde da mulher, diretamente voltada ao ciclo grávido-puerperal.

Isso podia ser evidenciado na minha busca por estágios extracurriculares em maternidades e serviços de pré-natal, na cidade de Maceió e outros, no interior de Alagoas. Dentre tantas experiências, posso citar que ao conseguir um estágio na cidade de Rio Largo, tive uma rica oportunidade de exercitar os conhecimentos adquiridos no curso de enfermagem, no que correspondia ao atendimento à mulher no ciclo grávido-puerperal. A partir daí, implantei consultas de enfermagem, num serviço de atenção pré-natal, no Posto de Saúde e Maternidade Nossa Senhora da Conceição. Por diversas ocasiões, ao longo de um ano, pude vislumbrar situações do cotidiano de mulheres grávidas, advindas da sua realidade sociocultural, que afetavam sua saúde reprodutiva.

Um outro momento muito particular de oportunidade, ocorreu por ocasião de minha aceitação para a monitoria junto à disciplina Enfermagem Materno Infantil I e IV, no Curso de Enfermagem da UFAL. Pude reforçar os conhecimentos, adquirir novos e manifestar inquietações frente a determinadas condutas que eram dirigidas, principalmente, às parturientes quando estas por ocasião do trabalho de parto apresentavam-se inquietas, ansiosas e descontroladas.

Minha trajetória foi marcada pelo trabalho em uma maternidade de Piracicaba - SP. A movimentação das salas de partos, a internação de gestantes com complicações da gravidez, mobilizavam-me a investigar mais para que pudesse realizar uma prática mais efetiva. Após três anos de intenso atendimento à mulher durante a gravidez, parto e puerpério, identifiquei um contingente de adolescentes grávidas que por ali passavam. Preocupei-me com o que fazer para atendê-las e orientá-las.

Pensando em contribuir com aquelas jovens recém-grávidas e preocupando-me com as que poderiam engravidar, ao nível de prevenção, senti a necessidade de fazer o Mestrado em Educação, defendendo a dissertação intitulada: "O papel da escola na educação sexual do adolescente", no ano de 1990.

Acreditava, ingenuamente, que se as escolas tivessem um programa de educação sexual voltado para as adolescentes, provavelmente a gravidez na adolescência não ocorreria ou seria reduzida, como também as doenças sexualmente transmissíveis seriam drasticamente diminuídas.

Após esta experiência do Mestrado, pude constatar que nem toda adolescente está na escola e, no caso de ocorrer a gravidez, o primeiro lugar que ela deixa de frequentar é essa instituição, o que resulta num grande paradoxo, tendo em vista que, abandonando a escola, se esvai a possibilidade de alcançar um espaço melhor no mercado de trabalho.

Além do mais, mesmo que existisse uma realidade na qual todas as pessoas fossem orientadas para as questões do amor, paixão, desejo, sexo, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, ainda assim, teríamos um contingente de situações não compreendidas resultantes da prática sexual, mostrando que existe algo a mais no vivenciar a sexualidade que o domínio da razão ainda não conseguiu explicar.

Outro fato significativo, relevante e determinante para o meu crescimento profissional e intelectual, foi o momento em que fui aprovada no concurso público para assumir a docência das disciplinas Enfermagem Materno Infantil I e IV, em dezembro de 1989, no Departamento de Enfermagem da UFAL. Durante seis anos lecionei e supervisionei estágios, num intenso e rico aprendizado com os alunos, colegas de trabalho e profissionais dos serviços de saúde. Por todos esses anos, em contato direto com a mulher nos serviços de pré-natal e maternidade, pude perceber que a compreensão fisiológica da gravidez é importante, mas assume um caráter reducionista e limitador. Existem diversos aspectos do ciclo grávido-puerperal que, se considerados, podem contribuir para uma melhor assistência à mulher nesse período.

Um momento significativo para minha carreira profissional se deu no momento da minha inserção no Programa de Doutorado da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP), da Universidade de São Paulo (USP), na área de Enfermagem Fundamental. Momento singular, uma vez que tive a oportunidade de transitar em diversas áreas do conhecimento, propiciando um certo grau de enriquecimento e fortalecimento para indagações mais profundas a cerca da assistência à mulher no ciclo grávido-puerperal.

Frente a todas estas situações, concluí que a visão biológica da gravidez, definitivamente, não responderia às minhas indagações, pois passei a verificar que atender e acompanhar a mulher no âmbito do ambulatório e sala de parto, não me possibilitaria um conhecimento mais amplo do vivenciar a gravidez. Decorrente de tal conclusão, comecei a alçar vôo por outras áreas do conhecimento, tais como a Filosofia, Sociologia e Antropologia.

Para subsidiar este estudo, cursei disciplinas como: Pesquisa Etnográfica em Enfermagem; História da Sexualidade e da Repressão Humana; Políticas e Contracepção : Avanços e as Implicações na Saúde da Mulher; Representações Sociais; História Oral, entre outras.

Considerando que a sexualidade na gravidez tem sido estudada sob a ótica das alterações morfo-fisiológicas e funcional-psicológicas, julguei necessário estudá-la no contexto sociocultural. Para tanto, utilizei como base conceitual para respaldar a pesquisa, a Antropologia Cultural, mais especificamente a Antropologia da Saúde, tendo em vista possibilitar a direção

para uma ampla compreensão da sexualidade na gravidez, como fenômeno experienciado pelo ser humano.

Tive por objetivo descrever e analisar o significado da sexualidade para mulheres grávidas no contexto cultural.

Quanto aos fundamentos teórico e metodológico, recorri a autores como GEERTZ (1989, 1997), que correspondeu ao conceito de cultura, antropologia interpretativa e significados culturais; a HELMAN (1994), para delinear a Antropologia da Saúde; à ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (1996) e a GUTIÉRREZ (1996), na fundamentação dos conceitos de saúde reprodutiva e saúde sexual. Apoiei-me em AGUIRRE BAZTÁN (1995) no delineamento do método etnográfico e em MEIHY (1998), no que se referiu à história oral. O desenvolvimento sexual da mulher foi visto segundo HOGAN (1980a, 1980b, 1980c, 1980d) e TANNAHILL (1983). Cito outros autores que seguem a mesma corrente de pensamento, quando necessário, no sentido de estar enriquecendo o estudo.

Os dados são analisados com base nas narrativas que foram transcritas a partir das entrevistas gravadas. A interpretação está embasada no significado cultural de GEERTZ (1989), tendo como pano de fundo a relação de gênero entre homem e mulher, apontada por ORTNER & WHITEHEAD (1996).

Para chegar aos dados e aos resultados, utilizei o método etnográfico que me conduziu ao significado que a sexualidade assume durante gravidez, no cotidiano do grupo social estudado. Para tanto, fiz uso do relato

oral através das narrativas de mulheres que experimentavam o estado de gestação no momento da pesquisa.

A partir da revelação da sexualidade na gravidez pelas colaboradoras, foi possível uma saída do silêncio consentido pelas mulheres, para que o feminino se recharacterizasse, fizesse um resgate, preenchesse essa lacuna pouco abordada. Desta forma, quem sabe, será possível iniciar uma série de discussões e interesse por este assunto e, assim, prevenir séculos de renúncia e resignação.

Quero salientar que esta pesquisa se deu por uma mulher, estudando outras mulheres; ou melhor, uma mulher que teve a vivência da sexualidade durante a gravidez analisando mulheres que viveram e ainda estavam experimentando a mesma situação. Convencida da impossibilidade de neutralidade na produção de conhecimento científico, não nego que traço comentários pautados também nas minhas convicções ideológicas e experiências pessoais.

Após delinear os meus questionamentos e definir as abordagens teórico-metodológicas, neste momento, apresentarei como ficou estruturado este estudo.

No primeiro momento, descrevo as múltiplas dimensões que compreendem a sexualidade, corpo e sexualidade no período da gravidez, aponto os elementos conceituais da antropologia cultural, de cultura e antropologia da saúde. Julgo apropriado transitar pelos termos do gênero, da saúde reprodutiva e da saúde sexual.

No segundo, delinheiro o caminho metodológico e dou um mergulho nas questões que envolvem o método etnográfico. Após este momento, descrevo como se deu o processo etnográfico na prática.

Na terceira etapa, apresento o grupo cultural, seguido das histórias de vida narradas pelas colaboradoras do estudo que foram entrevistadas.

Aprofundo-me, no quarto momento do estudo, apresentando os dados categorizados, tecendo uma descrição a partir do ponto de vista das narradoras e adicionando as minhas interpretações, com base no conjunto teórico-conceitual proposto, fazendo as aproximações necessárias.

Concluo este estudo tecendo reflexões a respeito da sexualidade durante a gravidez como uma experiência cultural, destaco algumas situações e cito implicações do estudo para a prática da Enfermagem.

J. BAWDOKI

***ELEMENTOS CONCEITUAIS PARA COMPREENDER A
SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ***

CAPÍTULO 2

2 ELEMENTOS CONCEITUAIS PARA COMPREENDER A SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ

Há uma diferença muito grande entre o reconhecimento intelectual de que o sexo é bom, saudável, natural e não pecaminoso e a real vivência interior desse reconhecimento.

Silva

2.1 A Sexualidade e suas múltiplas facetas

A sexualidade é descrita de muitas formas, dependendo das concepções de cada autor. Várias são as tentativas de conceituá-la. As definições podem ser limitadas ou multifacetadas em seu conteúdo, entretanto, têm como denominador comum o reconhecimento de que a sexualidade é uma qualidade e uma parte intrínseca do ser humano. A definição adotada nesta pesquisa é a de COSTA (1994), que a define como: "...o termo que se refere ao conjunto de fenômenos que envolvem a vida sexual..."(p:1).

A sexualidade é muito mais do que ato sexual, como afirma COSTA (1994). É o que HOGAN (1980a) identifica como tudo que somos como homens e mulheres. O termo também é descrito, conforme LINS (1997), como abrangendo os sentimentos mais íntimos e as expectativas mais profundas do coração humano em encontrar relações significativas. A sexualidade está relacionada à totalidade do ser humano, ao contrário da palavra sexo que está restrita ao ato fisiológico. O termo mais amplo inclui os componentes biológicos, assim como, socioculturais, psicológicos e éticos do comportamento sexual.

Ela tem um caráter multifacetado, segundo apresentam os estudos de HOGAN (1980a); TANNAHILL (1983); CHAUI (1991); PAIVA (1993); COSTA (1994); ORTNER & WHITEHEAD (1996); LINS (1997); SEIXAS (1998). Na perspectiva de HOGAN (1980c), pode ser usada ou explorada na sociedade, trazer prazer ou dor, felicidade ou desespero, não está confinada ao quarto ou às áreas do corpo, pode ser considerada um ato biológico e muito mais. É tão multideterminada e tão multidimensional que, para fins deste estudo, abordarei apenas sua dimensão sociocultural.

Assim, do ponto de vista sociocultural, CAVALCANTI & CAVALCANTI (1996) sugerem que o sexo considerado aceitável, é aquele praticado pela maioria dos indivíduos de um grupo social. Na percepção de COSTA (1994), os padrões culturais definem a normalidade social e o papel de gênero ou sexual, que homens e mulheres irão desempenhar.

HOGAN (1980a); CAVALCANTI & CAVALCANTI (1996) chamam a atenção para a relatividade da conduta sexual no âmbito da sexualidade: o que

é normal em uma cultura pode ser considerado desvio em uma outra. Também, advertem para a característica dinâmica das sociedades: o que é tido como anormal em uma dada época, poderá não ser em uma outra, pois, os padrões culturais podem mudar com o tempo.

Para considerar a sexualidade numa abordagem sociocultural, é importante o entendimento das questões que envolvem o corpo, tendo em vista que a sexualidade se expressa com e no corpo. Diante desse fato farei um sucinto comentário.

O corpo assume amplo significado na ideologia sociocultural, é o instrumento que possibilita o ser humano a entrar em contato com a sua realidade social, o mundo é percebido através da materialização do corpo e das sensações que ele proporciona. Para ALBUQUERQUE (1995), corpo e sexualidade estão estritamente relacionados, acrescenta esta autora que o ser humano sempre teve dificuldade em ver claramente e sem preconceitos o próprio corpo.

O corpo pode ser lido de diversas maneiras, segundo PITTA (1996). É obrigatoriamente simbólico; ele é um signo que tem significado dentro de um dinamismo específico. Esse autor afirma que tudo no corpo é cultural, tudo no corpo se desenvolve a partir da imagem que a cultura faz dele.

Para se ter acesso ao significado do corpo, é necessário o conhecimento da cultura a qual pertence. Portanto, cada parte do corpo está relacionada a significados, variando a conotação de valorização, uma parte

pode ser valorizada positiva ou negativamente, mais ou menos (des)valorizada” conforme afirma PITTA (1996).

Seguindo essa linha de raciocínio, HELMAN (1994) afirma que cada ser humano possui um corpo individual, compreendido pelo físico e psicológico a partir do nascimento, e um corpo sociocultural, necessário ao primeiro para viver num grupo.

Todas as culturas preocupam-se com a manifestação do corpo ao definirem como a sexualidade deve ser conduzida. De acordo com RODRIGUES (1986), a expressão sexual se dá de duas maneiras: sendo coibida ou estimulada. Isso pode ser visto na história da sexualidade, com o estímulo da poligamia masculina e a proibição da expressão do prazer feminino, conforme a época grega. Cabe considerar que a sexualidade de homens e mulheres sempre foi definida em termos da compreensão do corpo.

A compreensão do corpo no contexto sociocultural, influencia também, a forma como a gravidez é concebida nesta realidade e, conseqüentemente, a maneira como a sexualidade deve ser vivenciada nesta fase da vida. Naturalmente, a gravidez inicia-se através da junção de dois corpos, acontece no corpo feminino e segue durante nove meses manifestando uma gama de significados construídos na experiência social, que certamente foram incorporados, no final resultará na origem de um outro corpo, um corpo de recém-nascido, com significados próprios de um corpo bebê.

Após uma breve descrição da ampla possibilidade de significados que o corpo adquire socioculturalmente, discorrerei a respeito do corpo grávido

e da sexualidade durante a gravidez, tendo em vista ser o foco central deste estudo e por ser a sexualidade e a gravidez temas antropológicamente importantes.

A gravidez é resultante da união dos gametas feminino e masculino que se fundem, dando origem a um ovo ou vários, representando o início do novo ser, segundo explica REZENDE & MONTENEGRO (1988). No entanto, por constituir uma fase importante na vida da mulher e por ocorrer mudanças no corpo, o corpo grávido passa a ter significados específicos no contexto cultural que vão além do âmbito biológico.

Para HOGAN (1980d); MALDONADO (1997), a gravidez pode ser vista como uma das crises de desenvolvimento mais importante de toda a vida da mulher. Para muitas, é época de estresse; para todas, é um período de profundas alterações biológicas e psicossociais. Entretanto, existe escassez de dados objetivos sobre como as pessoas lidam com isso e satisfazem suas necessidades sexuais e mantém sua relação sexual nessa época.

Parte do problema, segundo compreende HOGAN (1980d), está na atitude da sociedade em relação à sexualidade. Há dificuldade para aceitar a gravidez e a sexualidade simultaneamente na mesma pessoa, a atitude da sociedade pode ser somada na declaração: quem já viu uma senhora grávida Sex? Como interroga essa autora. Para MALDONADO (1997), seria uma contradição da natureza a grávida ter "desejos carnis". Especula-se que a maternidade, iminente na mulher, levanta resistência inconsciente por misturar o que não é misturável: "amante e mãe".

A gravidez assumiu várias características nos diversos momentos da história e nas mais diversas culturas, no estado primitivo, segundo aborda TANNAHILL (1983), não assumia um caráter incapacitante, como nas sociedades avançadas. As mulheres desta época, tinham uma sobrevivência limitada, permaneciam grávidas ou amamentando a maior parte de sua vida adulta, conforme afirmação dessa autora.

D'EAUBONNE (1977), acredita que neste período, a mulher tenha participado igualmente da caça e da pesca. Sua ausência de tais atividades e/ou da guerra, numa cultura fundamentada na necessidade de uma defesa contínua contra as feras e de um ataque contínuo da caça para sobreviver, só se justificava em decorrência dos últimos dias da gravidez e pelo parto, o que significava breves períodos.

Segundo TANNAHILL (1983), uma mulher Ainu, do Japão, continuava a exercitar-se intensamente durante a gravidez, acreditando que facilitaria para um trabalho de parto mais rápido. As Mbutis, pertencentes às tribos pigmeus, voltavam a trilha após duas ou três horas do parto.

Declara D'EAUBONNE (1977), que os médicos da época romana advertiam para a gravidez em mulheres jovens, porque acreditavam que arruinava o corpo feminino; caso ocorresse, recomendavam o aborto. Para eles, a mulher grávida não devia levantar peso, receber pancadas, saltar e se expor a emoções súbitas. Divergiam na compreensão do intercursos sexual durante a gravidez, que ia desde a abstinência total à relação sexual no nono mês com a finalidade de facilitar o parto.

Em contraste com a recomendação médica, no que se referia às atividades físicas, os estudos de MEAD (1979) revelaram que na cultura Tchambuli, para que a mulher tivesse um parto favorável, deveria carregar muita lenha durante a gravidez. Aos Arapesh, era recomendada uma atividade sexual vigorosa, severamente exigida dos pais durante as primeiras semanas e totalmente proibida, posteriormente, por ser julgada prejudicial ao concepto. A mulher Mundugumor associava, conforme identificou esta autora, sua gravidez à privação sexual, à ira e ao repúdio do marido, ao risco constante de que ele tomasse outra esposa e a abandonasse temporariamente.

RODRIGUES (1986), afirma que em certos países como em Bali, menstruação e gravidez são cerimonialmente desqualificadas: as mulheres grávidas ou puérperas não podem entrar no templo de alguns deuses, nem podem chegar perto de um sacerdote. Relata esse autor a freqüência das crenças no que se refere às relações sexuais ou relações com mulheres menstruadas ou grávidas, onde estas situações poderiam ser capazes de promover efeitos nocivos: podendo provocar impotência, esterilidade, produção de monstros ou desgraça generalizada.

Até o século XIX, acreditava-se que a mulher só concebia quando atingia o prazer sexual, a partir daí tornou-se mais claro, cientificamente, o processo de fecundação através do qual se concluiu, então, que o prazer não era condição essencial para a concepção.

Com tal descoberta, alguns médicos passaram a acreditar que a mulher frígida poderia ser facilmente fecundada porque, permanecendo mais

passiva, reteria melhor o esperma. Desta forma, o prazer feminino, antes considerado necessário à fecundação, passa a ser supérfluo e até mesmo contra-indicado.

Conforme o que foi descrito, é possível deduzir que muitos são os tabus e as sanções relativas à sexualidade durante a gravidez, entretanto, na década de cinquenta, MASTERS & JOHNSON (1984) tiveram um papel importante para uma nova visão da sexualidade durante a gestação. Seus estudos desmistificaram conceitos, tabus e crenças socialmente construídos, que reprimiam ou impediam a sexualidade feminina nesta fase da vida, possibilitando uma nova leitura a este respeito.

Partindo destas considerações, PAIM (1998) deduz que como a gravidez está inserida no conjunto de conteúdo do processo saúde-doença das culturas e, neste, caso universalmente, cada cultura provavelmente construirá estruturas de significados que apontem ou representem o estado de gravidez.

A gravidez é uma vivência de caráter amplo, que extrapola o limite do biológico, constitui uma experiência de caráter sociocultural, complexos significados que interagem entre os indivíduos, grupos e instituições. Portanto, é possível concluir que a gravidez e a sexualidade são sócio culturalmente construídas, através das quais os indivíduos atribuem significados que podem ser interpretados.

Para compreender o raciocínio deste estudo, é necessário considerar sob que aspecto a mulher confirma e se afirma, estando grávida em seu meio cultural. O que dizer do vômito, tontura, uso da sexualidade e outros? Não

estariam tais expressões cheias de significados? Organizados em totalidade de sentido? O significado da sexualidade durante a gravidez traz em si formas que possibilitam a compreensão de como homens e mulheres são vistos em seu meio sociocultural?

Investigar os aspectos culturais da sexualidade feminina no período da gravidez constitui o objeto deste estudo. Para tanto, procuro respaldo na abordagem antropológica para atingir esse desafio. Como a Antropologia tem um campo de abordagem amplo, os conceitos que dela utilizo serão descritos abaixo, são eles, os de antropologia cultural, de cultura e o da antropologia da saúde.

2.2 Antropologia Cultural, Cultura e Antropologia da Saúde

Antes de adentrar nos conceitos acima citados, é pertinente apresentar o que significa o termo Antropologia. Segundo LAPLATINE (1995), para que um estudo seja considerado antropológico, ele deve apresentar uma concepção integrativa, que considere as múltiplas dimensões do ser humano. Segundo o raciocínio desta autora, o objeto de estudo desta área do saber é o ser humano. Afirma, então, que Antropologia é o estudo do ser humano em sua totalidade, diversidade, em todas as sociedades e em todas as épocas .

A Antropologia tem várias áreas de especificidade, dentre elas a antropologia social e cultural (ou etnologia), segundo concepção de HOEBEL & FROST (1996), trata das características do comportamento civilizado nas sociedades humanas passadas, presentes e futuras. Para LAPLATINE (1995),

tudo que constitui uma sociedade e o modo particular de como se relaciona seu modo de produção econômica, crença, sistema de parentesco, língua, criações artísticas, organização política e jurídica, dentre outros, como também o que não é fixado, como gestos, trocas simbólicas, detalhes do comportamento, são elementos de investigação da antropologia cultural.

Para que o homem seja compreendido nos termos da antropologia, faz-se necessário, também, delimitar os termos conceituais da palavra cultura, pois todo estudo que pretenda ser antropológico, deve ser norteado e fundamentado por este conceito. Há uma diversidade de conceituação, a que norteia este estudo é a de GEERTZ (1989), segundo a qual:

"a cultura denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas atividades em relação a vida" (p:103).

Este conceito é essencialmente semiótico. Cada signo possui um significado, que pode ser interpretado e compreendido, considerando o emaranhado que o esconde. Com base nesta percepção, a cultura é vista como uma estrutura plena de significação. GEERTZ (1989), concebe a cultura como teias de significados, tecidas pelos próprios homens.

Para GEERTZ (1989), o homem tem um sistema ordenado de significados e símbolos em termos dos quais os indivíduos definem seu mundo,

expressam seus sentimentos e fazem julgamentos. Segundo percebe este autor, o símbolo pode ser usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção. A concepção seria o significado do símbolo.

Esse autor, chama a atenção para o fato de que é fundamental que aqueles que estudam os indivíduos "*no*" seu contexto, considerem que há maneiras diferentes de existir dentro do mesmo grupo cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano recebe a contribuição da cultura para o seu desenvolvimento, ele é também uma espécie particular de indivíduo que contribui para a construção cultural, portanto, é importante reconhecer que dentro de uma mesma sociedade há diferenças individuais e há vários tipos de indivíduos em cada cultura.

Seguindo o raciocínio até aqui exposto, descreverei, neste momento, a conceituação da antropologia da saúde adotada nesta pesquisa. Apoio-me, especificamente, na visão da antropologia interpretativa da saúde proposta por HELMAN(1994); FERREIRA (1994).

HELMAN(1994) trata o processo saúde-doença não apenas como aspectos naturais, e sim como experiências cheias de significados no mundo social; preocupa-se com as formas simbólicas e práticas culturais que influenciam o campo da saúde.

Segundo este autor, a antropologia da saúde, como ramo da antropologia social e cultural, é uma disciplina biocultural que trata dos aspectos

biológicos e socioculturais do comportamento humano, das formas como tais aspectos interagem, influenciando a saúde e a doença.

FERREIRA (1994), apresenta definição mais abrangente do que esse tipo de Antropologia, porque não só considera os aspectos da saúde e doença como também as questões que envolvem o corpo. Para esse autor, a

Antropologia da saúde pode ser vista como:

“um campo de estudo que se preocupa com como as pessoas, em diferentes culturas e grupos sociais, explicam as causas relacionadas a saúde e doença, as crenças sobre tipos de tratamentos e a quem recorre quando doente. É também o estudo das crenças e práticas relativas ao corpo, tanto nos estados de saúde como no de doença” (p:101).

Conforme ALVES & RABELO (1998a, 1998b), MINAYO (1998), quando a saúde é compreendida de forma ampla, além da fronteira médica, deve ser vista como objeto de interesse da sociedade, como um conjunto de ações e movimentos que a própria sociedade promove para se manter saudável.

A Antropologia da saúde, objetiva, através da sua abordagem, melhorar a saúde e a atenção à saúde como observam CANESQUI (1994); HELMAN (1994); MINAYO (1998). Considerando estes aspectos, acredito que as diversas atividades interpretativas do vivenciar a sexualidade no período da gravidez, narradas pelas mulheres, podem possibilitar a construção de novos paradigmas para a abordagem da saúde sexual nas perspectivas teórico-prática da enfermagem.

Conhecer as práticas do cuidado saúde-doença, crenças e valores nas diferentes culturas, na concepção de SILVA & FRANCO (1996), pode proporcionar a oferta de serviço de cuidado de enfermagem significativo e eficaz às pessoas.

Ao prestar assistência de enfermagem à gestante, é importante que o enfermeiro considere que todas as culturas produzem e reproduzem significados ao corpo feminino durante a gravidez. Segundo HELMAN (1994), várias culturas associam o comportamento da mãe ao resultado da gravidez, portanto há um controle social no que diz respeito à sua alimentação, atividade física, estado de espírito, conduta moral, uso de bebidas e práticas sexuais.

Para melhor compreender a sexualidade durante a gravidez como estruturas de significados, me reportarei como pano de fundo, às questões do gênero segundo propõem ORTNER & WHITEHEAD (1996), pois é possível perceber que sexo, sexualidade, reprodução e gênero devem ser vistos interrelacionados e considerados em conjunto.

2.3 Gênero, Saúde Reprodutiva e Saúde Sexual

Na ótica de COSTA (1999), as questões de gênero estão entrelaçadas em tudo que se refere à saúde reprodutiva e sexual. É importante considerar que, tanto o gênero como a sexualidade, são produtos socialmente aprendidos, representados, institucionalizados e transmitidos ao longo das gerações, conforme vislumbra SORJ (1992).

Por muito tempo, a visão binária do gênero homem-mulher foi compreendida a partir da compreensão biológica. No entanto, os estudos de MEAD (1979) apontaram para modelos de vida entre homens e mulheres que não se respaldavam naquele enfoque. A partir daí, foi possível entender que a divisão de tarefas, o uso do corpo, da sexualidade e a reprodução poderão assumir significados variados, conforme variados modelos culturais.

ORTNER & WHITEHEAD (1996) conceituam gênero como a participação diferencial de homens e mulheres nas instituições sociais, econômicas, políticas e religiosas de uma sociedade.

VALENZUELA & BENGUIGUI (1997), compreende o mesmo gênero como uma trama de fatores biológicos, ligado ao sexo, acompanhado dos atributos de definições e valorizações atribuídos pela cultura separadamente para homens e mulheres, e aos padrões que regulamentam suas relações mútuas.

COSTA & BRUSCHINI (1992); OSBORNE (1993), enfocam que o processo de socialização de homens e mulheres são influenciados pelas questões que envolvem a distinção dos sexos. Em suas análises, dizem que a definição dos papéis sexuais à luz da agressividade masculina e da doçura feminina, apoiada no determinismo biológico e nos motivos psicológicos, ampliou a liberdade sexual dos homens e restringiu a das mulheres.

Daí resultou a concepção da sexualidade masculina como violenta, agressiva, centrada nos genitais, objetiva, promíscua, psicologicamente mais forte e carente de emoção; enquanto que a feminina foi definida como terna,

sexualmente difusa e orientada pelos sentimentos, voltada para o amor, sensualidade, humor, ternura, psicologicamente mais fraca e compromissada.

ORTNER & WHITHEAD (1996), apropriadamente afirmam que a abordagem simbólica dada à sexualidade está respaldada na arbitrariedade do significante cultural de gênero face a diferenciação genital, o pênis simbolizando o falo, o poder. O processo de socialização no ocidente resultou desta concepção, da diferença baseada na concepção do mais forte (aquele que tem o falo), dominando o mais fraco (aquela que não o tem); assim, a relação de poder, hierarquicamente estabelecida, converteu as mulheres em vítimas potenciais física, psíquica, política e sexualmente.

Ao estudar a sociedade da Polinésia, estas pesquisadoras observaram que gênero, sexualidade e reprodução são elaborados com base na concepção cultural do prestígio: homens são glorificados por ocupar determinadas posições e estar no controle da sociedade, são definidos em termos de status e categorias de papel; assim, têm permissão elástica para exercerem a sexualidade, enquanto que as mulheres têm seu status definido em termos relacionais com o ser mãe, esposa, irmã. As mulheres são definidas em termos de suas relações com os homens, enquanto que o mundo masculino, em termos de sua ocupação.

A forma em que são moldadas as percepções dos indivíduos de um grupo com relação ao ser homem e ao ser mulher, para estas autoras, repercutirão diretamente no cotidiano individual e coletivo do grupo social. Embora a história da humanidade experimente, neste novo milênio, uma maior

abertura para falar e vivenciar a sexualidade, é importante considerar que existem caminhos ocultos que não estão explicitados, mas que definem comportamentos sexuais dos indivíduos.

Além dos conceitos de cultura, antropologia da saúde e gênero já descritos, julgo importante utilizar como referência para este estudo, a definição do que seja saúde reprodutiva e sexual, para tanto, apoio-me no que explicita GUTIÉRREZ (1996) e a ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (1996).

A saúde reprodutiva é definida pela Organização Mundial da Saúde conforme descreve a ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (1996) como:

" um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não de mera ausência de enfermidade ou doença, em todos os aspectos relacionados com o sistema reprodutivo, suas funções e processos" (p:77).

Do modo como é concebido o conceito de saúde reprodutiva, ela deve compreender a assistência preconcepcional, na qual os cuidados devem ser dirigidos à futura mãe e ao futuro pai, como estabelece GUTIÉRREZ (1996).

Esse autor afirma que a saúde reprodutiva está relacionada aos fatores social, cultural, político, econômico e outros setores como: moradia, educação, alimentação, fatores afetivos e situação social da mulher. Quando estes fatores são promovidos adequadamente, proporcionam bem estar ao indivíduo, repercutindo positivamente na saúde reprodutiva de homens e mulheres.

Para que a saúde reprodutiva seja promovida, é preciso voltar-se para o comportamento ou para o estilo de vida das pessoas. A saúde depende mais do comportamento individual e social do que das ações isoladas realizadas pelo setor saúde, como preconiza a GUTIÉRREZ (1996).

Esse autor apresenta alguns comportamentos que contribuem para a promoção da saúde reprodutiva:

a) *Exercício de uma sexualidade segura e responsável.* Através deste comportamento, é possível a promoção da saúde reprodutiva, desde que o exercício da sexualidade siga as seguintes características:

- Livre do temor de contrair doenças sexualmente transmissível, especialmente a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA).
- Livre do temor da gravidez não desejada, situação que predispõe a problemas psíquicos e sociais dos pais, ao aborto provocado e ao aumento de crianças abandonadas ou maltratadas.

b) *Exercício de uma paternidade responsável.* A paternidade responsável implica no seguinte comportamento reprodutivo:

- Que as gestações sejam planejadas para que ocorram no momento desejado pelo casal.
- Que os pais tenham consciência que procriar um ser humano implica não somente um compromisso e dever recíproco entre ambos, mas também perante aos filhos, à família e à sociedade.

- Que os pais não somente proporcionem adequada moradia, alimentação, educação, saúde e vestimenta a seus filhos, mas que também os contemplem com amor, tempo, amizade e proteção.

De acordo com a ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (1996),

“o atendimento à saúde reprodutiva inclui também a saúde sexual, cujo objetivo é o desenvolvimento da vida e das relações pessoais e não meramente a assistência social e o atendimento relativo à reprodução e às enfermidades sexualmente transmissíveis... a saúde reprodutiva implica, assim, a capacidade de desfrutar de uma vida sexual satisfatória e sem risco...” (p:77).

A saúde sexual e reprodutiva para COSTA (1999) é um direito humano que inclui vários outros direitos, tais como:

- Direito a uma vida sexual segura e satisfatória;
- Direito humano básico de todos os indivíduos e/ou casal de tomar decisões sobre sua vida sexual e reprodutiva;
- Direito do indivíduo e/ou casal de livre e responsavelmente, decidir sobre o número de filhos, intervalos entre gestações, opção de ter ou não filhos, bem como o direito de dispor de informações e de acesso aos meios para evitá-los;
- Direito de alcançar o nível mais elevado de saúde sexual e reprodutiva, através da qualidade dos serviços prestados;

- Direito de opção sexual sem sofrer discriminação, coação ou qualquer outra forma de violência.

Compreendendo as ações de saúde voltadas para uma visão integral do ser humano. Considero importante, com base no que já foi abordado, discutir a sexualidade da grávida, como consequência de uma visão ampla do que seja saúde reprodutiva e sexual, principalmente quando se trata de assistência pré-natal.

Seguirei, neste momento, delineando o caminho metodológico que me possibilitou alcançar a compreensão do significado da sexualidade durante a gravidez, para tanto, utilizo autores como AGUIRRE BAZTÁN (1995) e HOLLOWAY & WHEELER (1996) para nortear esta nova etapa.

J. BAWODKI

DELINEANDO O CAMINHO METODOLÓGICO

CAPÍTULO 3

3 DELINEANDO O CAMINHO METODOLÓGICO

O maior problema da ciência não é o método, mas a realidade.

Pedro Demo

Sexualidade no período da gravidez. Ao analisar e descrever esse fenômeno, percebi que deveria realizar esse estudo dentro da pesquisa qualitativa, uma vez que essa abordagem privilegia o conhecimento dos aspectos subjetivos, voltados para a compreensão dos seres humanos e da natureza das suas relações sociais. Acredito no potencial de tal abordagem para estudar o significado da sexualidade durante a gravidez para mulheres grávidas.

HOLLOWAY & WHEELER (1996); CABRAL & TYRREL (1998), enfatizam que este tipo de pesquisa possibilita a compreensão do problema no meio em que ele ocorre, conta com uma variedade de métodos e técnicas à sua

disposição. Por meio dessa abordagem, é possível descobrir o mundo cultural, a vida dos "nativos" através da observação e da manifestação da discussão falada e silenciada.

HOLLOWAY & WHEELER (1996) afirmam que, como um modelo de investigação, a pesquisa qualitativa, vem sendo usada nas áreas da saúde e frequentemente na enfermagem com boas contribuições.

Algumas das maiores abordagens qualitativas e suas origens podem ser vista a seguir (Fig. 1), conforme sugestão dessas autoras:

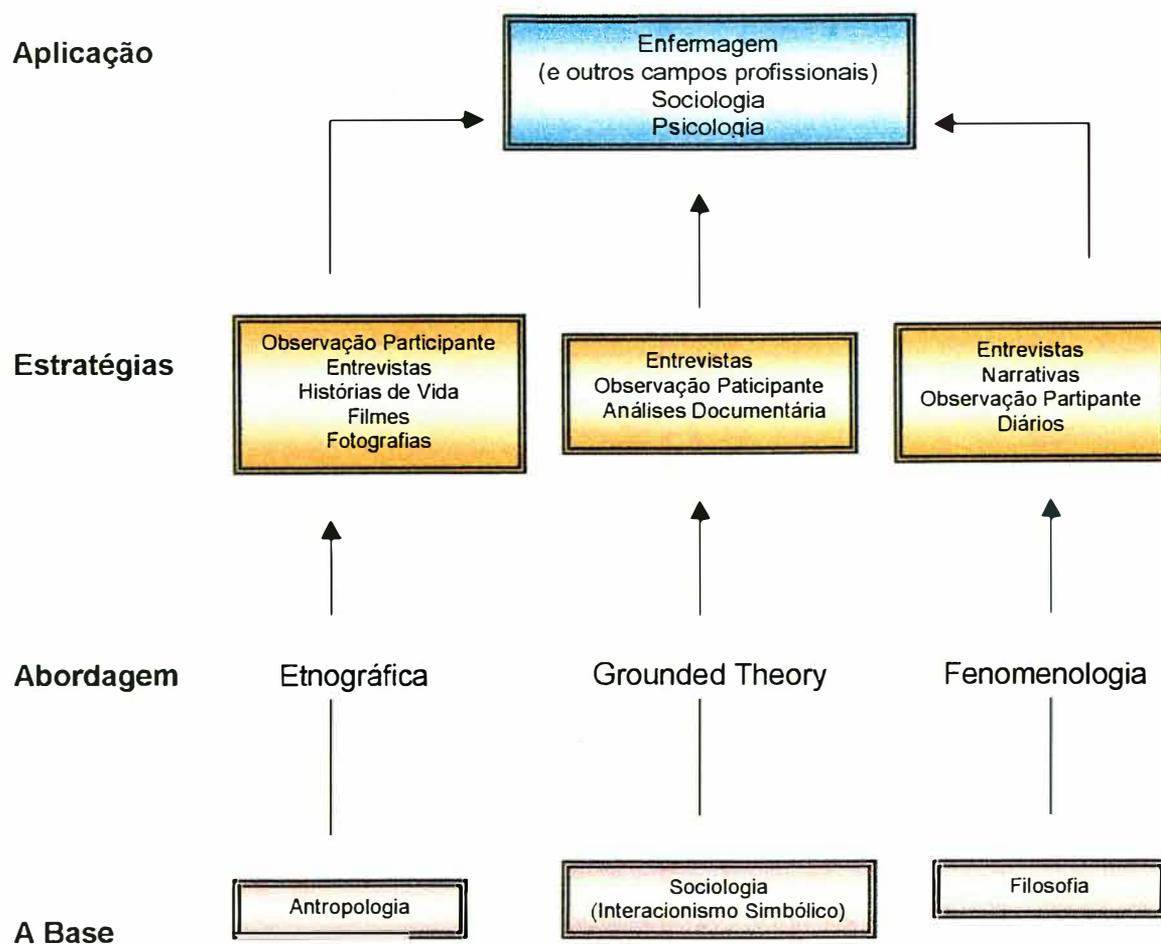


Fig. 1 Três maiores abordagens interpretativa. Holloway & Wheeler (1996)

Consciente da complexidade do fenômeno estudado e por se tratar também de um estudo antropológico, para chegar aos dados recorri ao método etnográfico por sentir necessidade de realizar o estudo *no* contexto destas mulheres, por facilitar a compreensão de interações de significados, tratar de materiais narrativos e de uma descrição densa, a fim de reconstituir um conjunto de coerência interna presente na sociedade observada, através de um mergulho no meio dela.

Nesta etapa da pesquisa, detalharei os termos conceituais e descreverei como utilizei o método etnográfico fundamentado nas abordagens de AGUIRRE BAZTÁN (1995) e HOLLOWAY & WHEELER (1996), correlacionando termos conceituais e passos a serem percorridos.

3.1 Conceituando a etnografia

A *etnografia* pode ser compreendida, de acordo com a visão de AGUIRRE BAZTÁN (1995), como sendo a descrição detalhada da cultura de um grupo, numa perspectiva global, que tem algo em comum ou de algum de seus aspectos fundamentais, com a finalidade de compreender a pessoa *no* seu contexto sociocultural, podendo ou não ocorrer o processo de análise do papel da cultura na vida humana.

Para tanto, a observação, o contato direto com os indivíduos, as entrevistas, a história de vidas, as narrativas, o registro documental (escrito, fotográfico, filme, vídeo) são instrumentos que possibilitam a coleta do conteúdo

etnográfico e, por conseguinte, o desvelar do grupo em foco, conforme compreendem HOLLOWAY & WHEELER (1996).

Para GEERTZ (1989), há quatro características da descrição etnográfica:

a) Ela é interpretativa;

b) O que ela interpreta é o fluxo do discurso social;

c) A interpretação consiste em um trabalho de tentar salvar o "dito" no discurso e de fixá-lo em formas compreensíveis. Ressalta que o dito no conteúdo dos discursos verbal e comportamental, encontra-se no que está oculto, velado, silenciado e no que tem significado para o indivíduo e sua cultura;

d) Ela é microscópica. Diante desse fato, é pertinente considerar que a abordagem das interpretações mais amplas das culturas, se dão a partir de um conhecimento de assuntos extremamente pequenos e particulares.

3.2 O estudo etnográfico

O estudo etnográfico compreende duas características específicas: ao mesmo tempo em que é processo, ele é produto. Como processo, segundo estabelece AGUIRRE BAZTÁN (1995), está relacionado com a realização do trabalho de campo, mediante a observação participante durante um tempo determinado, na comunidade ou no grupo escolhido. Como um produto etnográfico, esse autor identifica como sendo o relatório final da pesquisa.

AGUIRRE BAZTÁN (1995) distingue quatro momentos do processo etnográfico, cada um compreendendo sub etapas, que são os seguintes:

A. Demarcação do campo

B. Preparação e documentação

C. Investigação

D. Conclusão

O autor distingue como etapas do produto etnográfico:

I - Análise e organização do material

II - Redação da Monografia

A. Demarcação do campo

O processo etnográfico exige a eleição de uma comunidade ou grupo concreto para que seja realizado o trabalho de campo. Para AGUIRRE BAZTÁN (1995), a escolha de um grupo para este tipo de estudo, sofre a influência de diversos fatores: psicológicos, institucionais, conjunturais e econômicos.

Ao selecionar o local, deve o investigador considerar se é apropriado para a pesquisa, se é viável, se o acesso aos indivíduos é possível. Também é oportuna uma visita preliminar ao local, como também a utilização de documentos, caso existam, que abordem a respeito do local e do grupo social, conforme sugerem HAMMERSLEY & ATKINSON (1995).

B. Preparação e documentação

Um recurso que pode ser de grande valia para o estudo etnográfico é o preparo prévio na direção de se conhecer o local. Materiais como mapas, cartografia da área, estudos biográficos, históricos, tradições orais podem ser fundamentais para dar uma visão geral ao investigador, no que diz respeito à identidade cultural do grupo, como propõe AGUIRRE BAZTÁN (1995).

A preparação logística pode ser necessária, assim, recursos como fitas cassetes e de vídeo, câmaras de filmar e fotográfica, gravador, veículo, e outros devem ser antevistos, conforme acrescenta o referido autor.

Um preparo físico e também mental, no entendimento AGUIRRE BAZTÁN (1995), pode ser necessário, dependendo do que se vai pesquisar. Necessita-se de uma boa disposição física e mental para adentrar nas zonas insalubres, com alimentação e higiene insuficientes, pouca atenção governamental, com precária condição de saúde. O pesquisador deve considerar todas essas questões e outras que possam surgir, antes de entrar na cena do trabalho de campo.

C. Investigação de campo

Inicia-se a investigação de campo com a chegada do pesquisador no local. É o que AGUIRRE BAZTÁN (1995) chama da "imersão" na cultura "nativa". Este é um momento crucial que compreende **a chegada, os informantes, o registro dos dados e a observação participante.**

A chegada

A inserção no local para a realização do trabalho de campo é sumamente importante, por isso é crucial para o favorecimento do estudo a maneira pela qual o pesquisador chega ao local. Ela pode ser gradual ou impactante; todas exigem uma adaptação gradativa.

O pesquisador pode ser apresentado ao grupo, de acordo com a experiência de SANCHIZ OCHOA & CANTÓN DELGADO (1995), por uma pessoa influente e aceita no grupo, principalmente quando o acesso direto for complicado. A identificação deve ser bem clara evitando-se dúvidas e posteriores confusões.

A reação inicial dos indivíduos pode variar de uma indiferença inicial a acolhida total. Os primeiros momentos e o modo como as pessoas são tratadas influem, decisivamente, no desenvolvimento do trabalho. O importante é que se construa uma interação entre investigador e investigados, sem a qual dificilmente o estudo será realizado.

Os informantes

Os informantes, como identificam AGUIRRE BAZTÁN (1995), são "os nativos" bem informados, que possibilitam informações sobre sua cultura. Para o autor, só serão bons informantes aqueles que tiverem vontade de informar. Portanto, ressalta ainda o autor, que os informantes devem ser escolhidos cuidadosamente, "*como quem se elege seu médico*" (p:12), com a

certeza de que eles são adequados e representam o grupo estudado, porque a pesquisa dependerá deles em grande parte.

Na compreensão de AGUIRRE BAZTÁN (1995), há dois tipos de informantes: *informantes globais*, aqueles que têm a visão geral e dinâmica da comunidade, e os *informantes específicos*, os que têm uma visão mais institucional e oficializada da comunidade, ou de *microcultura específica*, são aqueles que informarão sobre situações específicas, por exemplo: mulheres informando sobre os papéis femininos, enfermeiros sobre a profissão.

A Amostragem. Segundo HOLLOWAY & WHEELER (1996), uma amostra adequada para este tipo de abordagem, é aquela que atinge os objetivos do estudo e ajuda a compreender o problema levantado na pesquisa, por isso, a amostra deve proporcionar informações relevantes e dados suficientes. O princípio fundamental é a aquisição de informações ricas e em profundidade.

Essas autoras citam diferentes formas de selecionar uma amostra, que são por:

- ❖ *Amostragem homogênea.* Consiste de indivíduos que participam de um mesma cultura, sub-cultura ou que têm características similares;

- ❖ *Amostragem heterogênea.* É formada por indivíduos ou grupos de diferentes lugares e experiências.

- ❖ *Amostragem construída em cadeia ou rede.* Ocorre quando o pesquisador solicita para um informante indicar ou nomear um outro elemento

que conhece e pode contribuir com o estudo. Este por conseguinte indica outro, assim sucessivamente.

❖ *Amostragem total da população.* Quando todos os participantes selecionado procedem de um grupo particular.

❖ *Amostragem por conveniência ou oportunidade.* Ocorre quando o pesquisador utiliza situação de oportunidade para entrevistar pessoas que acha vantajosa para o estudo. Pode também acontecer por questões de conveniência do investigador.

Discutindo a esse respeito, MORSE (2000) considera os seguintes fatores para determinar o tamanho da amostra: o objetivo do estudo, a natureza do tema, a qualidade dos dados a quem se destina e uso de experiências complementares.

Para HOLLOWAY & WHEELER (1996), a amostra pode ser grande ou pequena, dependendo da questão a ser investigada, do recurso material, do tempo, do número de pesquisadores envolvidos. As autoras afirmam que a amostragem qualitativa consiste de estudo em profundidade de pequenos grupos; lembram que o tamanho da amostra não determina a importância do estudo. Exemplificam que no início do estudo qualitativo é possível identificar uma amostra inicial que poderá ser ampliada ou não, conforme necessidade.

Procedimentos de coleta dos dados

A coleta e registro dos dados, na perspectiva de AGUIRRE BAZTÁN (1995), apresentam duas dimensões: a global e a específica. A dimensão global é compreendida por atenção flutuante, relatos, linguagem não verbal, registros audio-visuais, história oral, dentre outras, sobre toda a comunidade estudada. Envolve tudo o que se vê e aquilo que se toca, ou seja, a cultura material (casa, monumentos, instrumentos...). Esse autor chama o local onde vive a comunidade de "museu vivo" explicado pelos informantes, que podem clarear e explicar o significado daquilo que é observado.

Quanto à dimensão específica, esta focaliza um aspecto fundamental sobre o qual repousa a etnografia (parentesco, religião, sexualidade...), trata do comportamento social do grupo através da sua expressão verbal e comportamental (ritos, costumes, hábitos...) colhidos através das atividades audio-visuais (gravadores, filmes, fotografias...) e do que foi escrito nas notas de campo, entrevistas e questionários.

HOLLOWAY & WHEELER (1996) enfatizam que a coleta de dados na pesquisa etnográfica se dá, essencialmente, através de observação e entrevista. A utilização de documentos tais como carta, diários, história oral de pessoas ou grupo em particular, através da narrativa gravada em tapes, são fontes de enriquecimento, ampliação e complemento de dados.

As mesmas autoras afirmam ainda que a estratégia de coleta de dados pode ser chamada de exame (conhecendo através do estudo de documentos), experiência (conhecer a partir da observação participante),

investigação (conhecer a partir das perguntas da entrevista ou da fluência livre do colaborador).

Observação Participante

A observação participante é o conhecimento direto e experiencial da cultura através do uso dos sentidos para a constatação dos dados. Envolve sensações subjetivas, intuitivas e alta sensibilidade por parte do investigador. É o conhecimento durante a permanência na comunidade estudada, o conhecimento direto e experiencial da cultura.

Para HOLLOWAY & WHEELER (1996), o observador torna-se parte da cultura, faz anotações de todas as coisas que vê e ouve como também entrevista membros da cultura para obter suas interpretações.

Observação participante, como delineia essas autoras, é a forma consciente e sistemática do observador partilhar e participar, conforme as circunstâncias permitam, das atividades, funcionamento do grupo ou instituição estudada.

As **entrevistas**. Para AGUIRRE BAZTÁN (1995), são utilizadas para possibilitar o aprofundamento do estudo. O procedimento para sua realização pode ser através de visitas a amigos, dirigentes, pessoas que comungam a mesma experiência formando uma rede de informantes.

O princípio fundamental da entrevista etnográfica é obter do(s) colaborador(es) o saber socialmente sancionado de sua comunidade, ela pode ser abordada por meio da história oral. Para que a história oral seja colhida, são

elementos essenciais: o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação.

Na história oral, o informante assume o termo de *colaborador* por ser agente no processo de investigação. O colaborador participa de todo o processo, etapas de transcrição, revisão do texto, e tem o poder de autorizar ou não o que deve ser publicado.

A história oral de vida é uma modalidade de história oral oriunda de entrevista, que trata da narrativa do conjunto de experiência de vida de uma pessoa, como discorre MEIHY (1998).

Como sugere esse autor, o entrevistador deve utilizar perguntas amplas, colocando-as em grande blocos, considerando os grandes acontecimentos e a seqüência cronológica da trajetória do entrevistado, a fim de que seja organizada a narrativa com fatos do contexto vivenciado.

Para esse autor, a entrevista na história oral de vida se dá em três momentos: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. Na pré-entrevista ocorre a preparação para o encontro. A pessoa a ser entrevistada é contactada previamente, são apresentados o objetivo da entrevista e a importância de sua participação. O local e as datas são marcados.

Para a entrevista, o entrevistador deverá ter seu(s) equipamentos em mãos, previamente testados. Assim, poderá iniciar a entrevista, colocando as questões norteadoras e mantendo-se na posição de escuta e observação.

Na etapa de pós-entrevista, os agradecimentos devem ser colocados. É proposto um calendário para se trazer a entrevista transcrita para conferência. Daí parte-se para a transcrição.

A *transcrição* é o momento em que a gravação oral passa para a escrita na sua íntegra, conforme explica MEIHY (1998).

Em seguida, como propõe esse autor, vem a *textualização*. Aqui o texto passa para a primeira pessoa, é predominantemente dominado pelo narrador. Durante esse trabalho, busca-se descobrir o *tom vital* da narrativa, a frase que guiará a entrevista.

Para finalizar esse momento escrito, realiza-se a *transcrição*, é o texto recriado em sua plenitude. O texto é refeito várias vezes, em combinação com o colaborador. Após a transcrição do texto, já na sua versão final, o investigador o leva para ser conferido e posterior autorização para a sua publicação.

O ato final da história oral é o arquivamento das fitas gravadas, que deverá ser em local apropriado com fichamento indicativos da data, local, tema e situação da entrevista.

D. Conclusão

Assim como um trabalho de campo teve seu início, deverá ter sua conclusão. O tempo de duração do estudo e permanência no campo deve ser estimado por ocasião do planejamento da pesquisa.

A elaboração da ruptura e abandono do campo

A saída do campo poderá ocorrer quando o investigador precisa de uma pausa para ordenar os dados acumulados; por ocasião de conclusão da pesquisa. Quando ocorre alguma situação que inviabilize o estudo. Seja qual for a circunstância, o preparo para a saída deve acontecer.

Para AGUIRRE BAZTÁN (1995), o pesquisador deve preparar-se e preparar os indivíduos da cultura para elaborar a ruptura, isso faz-se necessário porque no caso da pesquisa participante, criam-se vínculos afetivos que podem ser dolorosos de romper-se. Portanto, é importante que as pessoas sejam preparadas por um certo período de tempo para a separação. Ressalta ainda, que a elaboração da ruptura deve ser gradual e explícita.

O Produto Etnográfico

Após concluir a escuta e observar o grupo cultural, registrar os dados coletados mediante diversas técnicas, vem a tarefa de redigir e apresentar o conteúdo etnográfico, transformado-o em etnografia.

Para que o pesquisador transforme os dados coletados em produto etnográfico, segundo propõe AGUIRRE BAZTÁN (1995) é necessário:

I - Análise e Organização do Material

Distante da comunidade, o pesquisador deve repensar os dados, organizá-los conforme sua abordagem teórica e metodológica. Nesse caso, terá um amplo campo de recursos estratégicos para utilizar: imagens, diário de campo, narrativas, fitas gravadas...

O diário de campo é considerado um produto etnográfico, é importante para esclarecimento ou contribuição do estudo, como afirma JIMENO SALVATIERRA (1995). É importante que, ao utilizá-lo, o investigador tenha sempre o cuidado de anotar o que observa, quando possível fazer a relação com a teoria e metodologia adotadas. Este é o espaço em que o investigador pode escrever seus sentimentos e reflexões pessoais com relação a experiência investigada. Isso inclui, segundo HOLLOWAY & WHEELER (1996), anotar os desânimos passageiros, as impressões, a cuidadosa e detalhada descrição de eventos e comportamento no contexto.

Durante a entrevista, o pesquisador deve anotar no diário as expressões faciais, postura corporal, gestos do entrevistado. A análise do diário e notas de campo deve acrescentar informações ao trabalho como um todo.

No caso desse estudo, as entrevistas narradas e passadas pelo processo de transcrição, como preconiza a história oral, também faz parte do da análise do produto etnográfico, como também a sua codificação, categorização.

A codificação é a fase da análise do estudo etnográfico, na qual são nomeados os eventos. Exige, como preconiza BARDIN (1977), uma cuidadosa

análise de todo conteúdo dos dados coletados. Após a codificação segue-se a categorização com agrupamentos de temas, conceitos relevantes para o estudo, originados de agrupamentos e classificação de domínios menos abstratos.

Os códigos podem ser agrupados por tema ou domínio de significado conforme sugere AAMODT (1991), devendo-se considerar as similaridades e diferenças conceituais pertencentes a um mesmo fenômeno, o que exige criatividade, sensibilidade do pesquisador para eleger domínios apropriados ao que se está investigando.

II - Redação da Monografia

Segundo AGUIRRE BAZTÁN (1995), redigir a monografia é um exercício literário, através do qual o pesquisador trata de detalhar os fatos e a experiência.

HOLLOWAY & WHEELER (1996) afirmam que a descrição é o coração ou alma da pesquisa etnográfica. A etnografia consiste da descrição, análise e interpretação na visão emica ou ética, ou de ambas. O pesquisador que adota esse método, descreve o que viu e ouviu na cultura, identifica suas principais características e descobre a relação entre elas através da análise, interpreta os dados perguntando seus significados e infere nos próprios dados.

O texto por escrito é um referencial, um modelo teórico que completa ou amplia o conhecimento antropológico. Esse modelo poderá ser aplicado a outras situações e contextos. É assim que uma etnografia contribui para a

disciplina da Antropologia ou da Enfermagem, quando considerada sob o ponto de vista da cultura.

Após descrever a metodologia utilizada, apresentarei no capítulo a seguir, o processo etnográfico tal como se deu na minha experiência com a comunidade e mulheres estudadas.

J. BAWDHI

O PROCESSO ETNOGRÁFICO EM PRÁTICA

CAPÍTULO 4

4 O PROCESSO ETNOGRÁFICO EM PRÁTICA

O método deve ter como foco o ser humano.

Holloway e Wheeler

Após ter delineado a abordagem metodológica, irei descrever como ocorreu o processo etnográfico, por mim realizado, no campo de pesquisa, considerando os eixos norteadores de AGUIRRE BAZTÁN (1995) e HOLLOWAY & WHEELER (1996).

Escolhi a comunidade do Conjunto Residencial Virgem dos Pobres III, por motivos que envolveram questões institucionais. Dentre estes, a existência de serviços oferecidos por um Pólo de Saúde da Família, que além de visar o atendimento das famílias cadastradas, empenha-se em contribuir na capacitação dos profissionais e acadêmicos da saúde que por ali estagiam.

Também influenciaram aspectos afetivos tais como admirar o trabalho que vem sendo realizado para as mulheres no ciclo grávido-puerperal; gostar de trabalhar e assistir às mulheres neste período e identificar-me com a comunidade por reconhecer que as minhas origens foram bem semelhantes à realidade sociocultural desse grupo.

De todos os fatores, as facilidades de acesso ao local e a viabilidade de se realizar o estudo nessa comunidade, foram os mais determinantes.

Julguei importante, antes de iniciar a investigação, fazer uma visita de reconhecimento, embora já conhecesse o local por morar na região circunvizinha e por acompanhar alunos de enfermagem no aprendizado prático de pré-natal nessa comunidade. A partir desse momento, delinearei como ocorreu a minha experiência para realização dessa pesquisa.

Em 1997, fui até ao CAIC Virgem dos Pobres, espaço físico no qual está instalado o Pólo de Saúde da Família. Visto que pretendia iniciar a pesquisa em 1998, achei importante fazer os contatos iniciais antecipadamente e averiguar as possibilidades para realização de tal estudo.

Conversei com a professora do Departamento de Enfermagem, enfermeira que coordenava as ações de enfermagem naquele serviço. Expliquei a minha intenção em escolher a comunidade assistida por ela para realizar a pesquisa de doutorado e, prontamente, a mesma deu-me abertura e acesso, colocando-se à disposição, caso necessitasse.

Mostrou-me como o serviço estava funcionando e como atuava na comunidade. Levou-me para uma visita a uma puérpera, no domicílio; assim pude sentir que as portas estavam abertas para o meu retorno.

A visita preliminar situou-me consideravelmente e, a partir daí, investi no projeto de trabalho. Esse cenário particular inspirou-me para investir em disciplinas que subsidiasse o estudo.

Após concluir as disciplinas do Doutorado, retornei ao local, em fevereiro de 1998. Ao chegar no CAIC Virgem dos Pobres encontrei outra professora enfermeira prestando os serviços assistenciais e de ensino de

enfermagem que, de forma aberta e afetiva, prontamente aceitou minha proposta de realizar um estudo etnográfico na comunidade por ela assistida.

Em março de 1998, antes de iniciar o levantamento dos dados, enviei carta e o projeto de pesquisa ao presidente do Pólo Saúde da Família-Al, solicitando permissão para realizar o estudo, fiquei no aguardo da resposta. Enquanto isso, debruçei-me a ler o material bibliográfico levantado.

No mês de abril de 1998 recebi autorização para ter acesso ao campo de pesquisa e tendo a certeza de que poderia iniciar o estudo, procurei fazer a preparação e colher informações sobre o local.

Investi na busca de alguma documentação que se reportasse à origem e à história do local, para obter uma visão geral. Fui aos arquivos do Instituto Histórico de Alagoas com a finalidade de conhecer a história do Estado de Alagoas e da Cidade de Maceió, nos quais estivessem inseridos a comunidade estudada. Recorri à Prefeitura da cidade e a mesma encaminhou-me à Secretaria de Controle Urbano (CMCU), que forneceu os dados de registro e o mapa do local.

Antes de me inserir no campo, busquei informação com a enfermeira e agentes de saúde que prestavam assistência na localidade, para saber como era a comunidade, suas principais características e recursos. Também tive a felicidade de contatar com uma das responsáveis pela Associação de Moradores, que há dez anos trabalha com a comunidade. A mesma proporcionou-me importantes informações a respeito da comunidade.

Para adentrar à comunidade, busquei fazer um preparo mental a fim de conviver com situações insalubres, de pobreza absoluta, embora exista no lugar pessoas que têm condição social menos insalubres do que a maioria. O choque entre a realidade pesquisada e a minha foi gritante. Entrar

numa casa com condições precárias, com concentração de pessoas e poucos recursos ou nenhum não é nada animador, tive que trabalhar tais sentimentos. Ver gestantes sem ter o que comer e recém-nascidos em condições sub-humanas, não é fácil para um profissional que promove e cuida da saúde do outro.

Planejei, inicialmente, atender às gestantes no pré-natal às quintas-feiras e oferecer cursos para gestantes adolescentes às terças-feiras, à tarde. Todas as manhãs e três tardes, eu ia para a comunidade acompanhada por um agente de saúde ou mesmo só. Programei visitar todas as grávidas cadastradas no programa, que eram 105, sendo que 35% **eram** compostas por adolescentes, conforme dados dos registros do pré-natal.

A minha estada na comunidade foi planejada para 18 meses. Nos dez primeiros meses, trabalhei no sentido de obter uma compreensão do todo, visitava famílias que tinham mulheres grávidas ou não, pessoas que conheciam bem a comunidade, os primeiros moradores para obter uma compreensão da origem e da história do local.

Planejei a entrada por meio da apresentação da enfermeira do PSF, por ter acesso livre, credibilidade, influência e ser aceita na comunidade. Na manhã da minha chegada, a enfermeira do PSF, apresentou-me à equipe de trabalho e, posteriormente, levou-me à comunidade. Lá andamos pelas ruas, vimos como eram divididas as quadras e identificamos as casas.

Depois de andarmos por quase todas as quadras, ela me levou até a residência de uma família que era composta por três gestantes. A partir desta família, iniciei a minha experiência de coleta de dados. Acompanhei, por quatro meses seguidos, essa família. Nos oito meses seguintes,

acompanhei e visitei mais intensamente as vinte e cinco grávidas que aceitaram ser entrevistadas e fazer parte do estudo. Todas foram acompanhadas durante a gravidez, puerpério imediato e tardio.

Fui apresentada como enfermeira, desejando realizar uma pesquisa na comunidade com as gestantes e, ao mesmo tempo, prestar assistência de enfermagem à mulher na gravidez e puerpério. Tive receio de que essa mistura de atividade de pesquisadora e assistência causasse alguma confusão na comunidade mas, pelo contrário, foi com essa aproximação que pude perceber o quanto a comunidade se abriu para o estudo. Sempre que tinha alguma grávida com dificuldades ou puérpera a ser visitada, prontificava-me a ir e em contato com essa realidade, a receptividade foi ocorrendo.

Após minha inserção inicial na comunidade, passei a realizar a maioria das minhas visitas nos domicílios, acompanhada pelos agentes de saúde, que foram decisivos para a efetivação da coleta de dados e para a minha familiarização com o grupo. Eles foram informantes que me detalharam as características das famílias visitadas. Esse elo entre eu, a família e a gestante foi construído, inicialmente, pela presença do agente de saúde.

De início sentia-me um elemento estranho, olhos me observando nas calçadas ou entre as frestas das portas, mas depois com continuidade dos contatos, comecei a ser solicitada e cumprimentada por algumas das mulheres da comunidade. Da indiferença ou reserva inicial, passei a ser acolhida mediante contato prestado com a assistência de enfermagem.

Durante os dezoito meses de coleta de dados, observei detalhadamente o que ocorria na comunidade. Em alguns momentos, assumia o papel de observadora participante; em outros, só o de

observadora. Posso afirmar que transitei pelo *continuum* que vai do mínimo ao máximo da observação participativa. A observação direta aconteceu quando estava na comunidade ou no atendimento individualizado no pré-natal, enquanto que a observação indireta ocorreu oriunda das narrativas originadas das entrevistas, no processo de transcrição, textualização e transcrição, como também dos documentos que foram consultados.

Foi construído um diálogo intercultural e interpessoal, que favoreceu o intercâmbio da minha concepção de mundo e da concepção de mundo das colaboradoras, isso pode ser confirmado decorrente da relação interpessoal que foi construída em todo o processo. Muitas vezes, observar participando pode exigir do pesquisador que partilhe momentos difíceis com os elementos do grupo estudado.

Partilhei de perdas por morte com a colaboradora *Amitoa*, que teve seu filho brutalmente assassinado e não tinha condições de enterrá-lo; assim junto com ela, fui em busca dos serviços assistenciais da Prefeitura para que pudesse fazê-lo.

Partilhei com *Agilapwe* a perda do parceiro que a abandonou após confirmação da gravidez; então, me dispus a ouvi-la e a dar uma atenção mais detalhada, até que trabalhasse a crise da perda.

No momento em que condutas podiam causar danos à saúde e, conseqüentemente, à gravidez, intervi com encaminhamentos, ações educativas e/ou procedimentos de enfermagem, principalmente em situações tais como: tabagismo, automedicação, não freqüentar o pré-natal, exames laboratoriais não realizados, higiene pessoal precária, cuidado inadequado ao recém-nascido, dentre outras.

Algumas vezes tive que trazer remédio ou pão para aquelas que estavam doentes ou famintas e não tinham como atender tais necessidades;

como observar tais situações sem me envolver? Chega o momento no qual a relação pesquisador e pesquisado torna-se tão estreita, que não dá para o pesquisador ficar de mãos cruzadas diante de situações que podem ser partilhadas, por sentir-se como um elemento da comunidade.

Após a adaptação que é processual, procurei identificar aquelas que poderiam fazer parte do estudo. Saliento que as participantes foram/são chamadas de colaboradoras conforme o que propõe a história oral. Tendo em vista serem sujeitos da pesquisa porque participam das etapas da construção da narrativa e têm o poder de decisão na autorização dos dados narrativos.

Para eleger as colaboradoras, considerei o seguinte critério: mulheres grávidas, a partir do segundo trimestre de gestação, inscritas no Programa de Saúde da Família do CAIC Virgem dos Pobres III, residentes no Conjunto Residencial Virgem dos Pobres III, inscritas no pré-natal, que consentissem em ser entrevistadas e narrar sua história de vida e/ou experiência sexual durante a gravidez.

A amostra foi do tipo intencional. Compreendeu 25 mulheres identificadas como colaboradoras. No critério para amostragem, considerei a amostragem homogênea, construída em rede. Foram formadas cinco redes com cinco mulheres. As redes foram construídas, considerando a facilidade e espontaneidade das mulheres para falar sobre o assunto pesquisado. Cada agente, inicialmente, indicou uma mulher de sua micro área que poderia contribuir com o estudo; identifiquei-a como o ponto zero. O ponto zero, segundo MEIHY (1998), é aquele colaborador que pode dar contribuição ampla, geralmente tem uma visão histórica do grupo social em estudo, pode se tornar referência para história de outros colaboradores e se transformar de guia para indicar outro(s) colaborador(es).

A mulher entrevistada indicou outra grávida vizinha ou amiga que também poderia colaborar. A partir daí, era colaboradora indicando colaboradora. Realizei visitas domiciliares com cinco agentes de saúde. Cada agente tem uma micro área para cuidar composta por 200 famílias. De cada micro área, foi inicialmente construída uma rede com 5 mulheres (Fig. 2), perfazendo um total de cinco redes distintas.

Do material coletado, transcrevi todas as entrevistas, verifiquei que tinha uma grande quantidade de dados narrativos. Assim, senti a necessidade de reduzir o número de narrativas, viabilizando o trabalho, mas tendo o cuidado de não causar prejuízos ao enriquecimento do conteúdo narrativo. Para tanto, fiz uma seleção racional de 9 colaboradoras, escolhendo, dentre estas, as que tinham proporcionado um conteúdo narrativo que mais se adequasse e aproximasse do objetivo e do tema em estudo. Incluí uma colaboradora não-grávida porque tinha uma visão geral e histórica da comunidade pesquisada e porque se relacionava com a maioria das mulheres do grupo estudado.

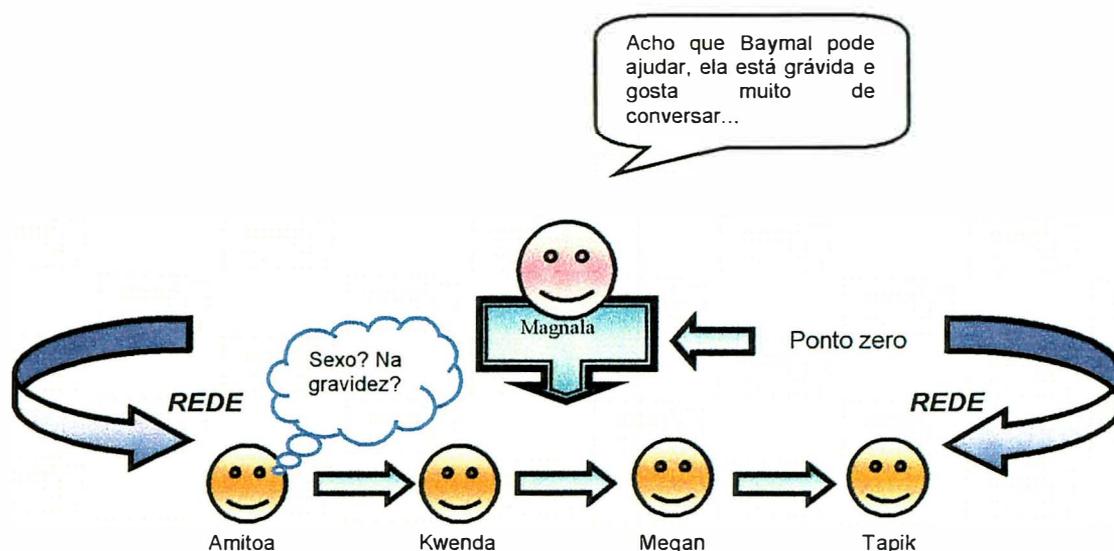


Fig. 2 Formação de uma rede para realização das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas considerando os pontos básicos preconizados pela história oral relacionados por MEIHY (1998). Como entrevistadora, tive o cuidado de ser aberta e respeitosa; considerei a compreensão e a vivência da colaboradora quanto ao tema estudado. O tempo para duração da entrevista foi definido pela própria colaboradora. A duração variou de trinta minutos a duas horas por entrevista, o número de entrevista variou entre um e três, dependeu da necessidade de complementar ou esclarecer dados inacabados e confusos.

Todas as entrevistas foram previamente aprazadas, conforme conveniência das mulheres pesquisadas. Foram feitas gravações em fitas de gravador, para posterior transcrição.

A todas as colaboradoras prestei esclarecimentos gerais sobre a pesquisa antes da realização das entrevistas. Elas foram informadas quanto à finalidade e aos objetivos do estudo. Solicitei o preenchimento do consentimento livre e esclarecido, deixei-as livres para participarem ou não, para desistirem, caso mudassem de idéia, e garanti sigilo absoluto nas ocasiões necessárias. As narrativas só foram incluídas no estudo após a conferência das narrativas transcritas pela própria colaboradora ou responsável. No caso da grávida adolescente Megan, o marido consentiu e assinou a autorização juntamente com ela. Ele também teve o respectivo esclarecimento do estudo.

Seguindo critérios éticos, optei por garantir o anonimato das mulheres, considerando se tratar de um estudo da sexualidade. Os nomes dados às colaboradoras foram inspirados no trabalho de MEAD (1979), que retratou questões sexuais de três grupos culturais, proporcionando assim, a compreensão de novos paradigmas da sexualidade e relação de gênero.

Foram escolhidos dois locais para realizar a entrevista, conforme sugestão das próprias colaboradoras. O primeiro, no domicílio da colaboradora, quando se tratava de colher informações mais gerais. O segundo, na sala de atendimento pré-natal, quando ia trabalhar a pergunta de corte, que tratava das questões mais íntimas da colaboradora, as sexuais, principalmente quando não era viável privacidade no seu domicílio.

As entrevistas tinham uma forma semi-estruturada, a fluência era livre, a partir das questões norteadoras da história de vida, acompanhada da pergunta de corte. Quando o discurso esgotava-se, passava para a questão seguinte. Tendo em vista as questões terem uma caráter aberto, o discurso fluía livremente.

Foram as seguintes questões norteadoras trabalhadas em bloco: fale como foi a sua infância; fale como foi a sua adolescência; como está ocorrendo sua vida no momento; fale sobre o que significa a gravidez para você; como pergunta de corte: como está ocorrendo a sua sexualidade na gravidez.

As narrativas foram estruturadas nesta seqüência, embora o discurso não tenha ocorrido linearmente. No momento da construção da narrativa o pesquisador tem a liberdade de contextualizar a informação na seqüência temporal, foi o que fiz. As narrativas das colaboradoras Baymal, Kumat e Amitoa retratam suas experiências mais recentes, que é a parte da entrevista que autorizaram para a publicação.

As narrativas estão apresentadas da seguinte maneira: início com uma janela onde apresento a narradora e as condições em que se deu a(s) entrevista(s). Em seguida, apresento o **tom vital** que é o eixo central condutor para a compreensão da leitura e da cultura das colaboradoras, seguido da narrativa totalmente construída.

Criei uma ficha técnica para cada depoente, que contém dados de identificação, local, data do encontro, duração e número da entrevista.

Categorizei os dados a partir de uma cuidadosa análise. Temas e subtemas comuns que emergiram das narrativas, que apontavam para as questões da sexualidade foram identificados por suas similaridades e diferenças.

Os fenômenos identificados com base nas narrativas das mulheres e na Antropologia Interpretativa para atender aos objetivos deste estudo compreendeu ***EXPERIENCIANDO A GRAVIDEZ, DESCOBRINDO-SE MULHER E A SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ***. Muitos outros fenômenos poderão ser identificados em decorrência da riqueza dos dados, mas para o que pretendo analisar no vivenciar a gravidez, esses eixos temáticos norteadores fazem-se suficientes para a caracterização da sexualidade na gravidez.

A análise das narrativas compreendeu um exaustivo trabalho de ir e vir, de leituras e releituras. A categorização compreendeu os passos da análise temática proposta por HOLLOWAY & WHELLER (1996).

1º passo: Organizar e ordenar o material coletado. Identifiquei e listei os dados brutos da observação participante, do diário de campo e da experiência vivida após saída do campo; ouvi, transcrevi, transcriei e textualizei as entrevistas colhidas.

2º Passo: Li e reli os dados.

3º Passo: Dividi o material em temas e subtemas semelhantes.

4º Passo: Descrevi e combinei os dados brutos em unidades de significados mais amplos.

5º Passo: Identifiquei pequenas unidades e determinei como elas se relacionavam com os temas maiores, fazendo o elo entre as categorias agrupadas.

6º Passo: Construí, comparei e contrastei categorias.

7º Passo: Sintetizei diferentes tipos temáticos para obter uma visão ampla, compreensiva e holística dos dados através dos temas e dos subtemas originados das narrativas.

8º passo: Confirmei os temas com base na relação que tinham com o objetivo proposto para este estudo.

9º Passo: Fiz a montagem da categorização definitivas, esboço gráfico para que os dados ficassem sistematicamente apresentáveis.

10º Passo: Interpretei e pesquisei significados

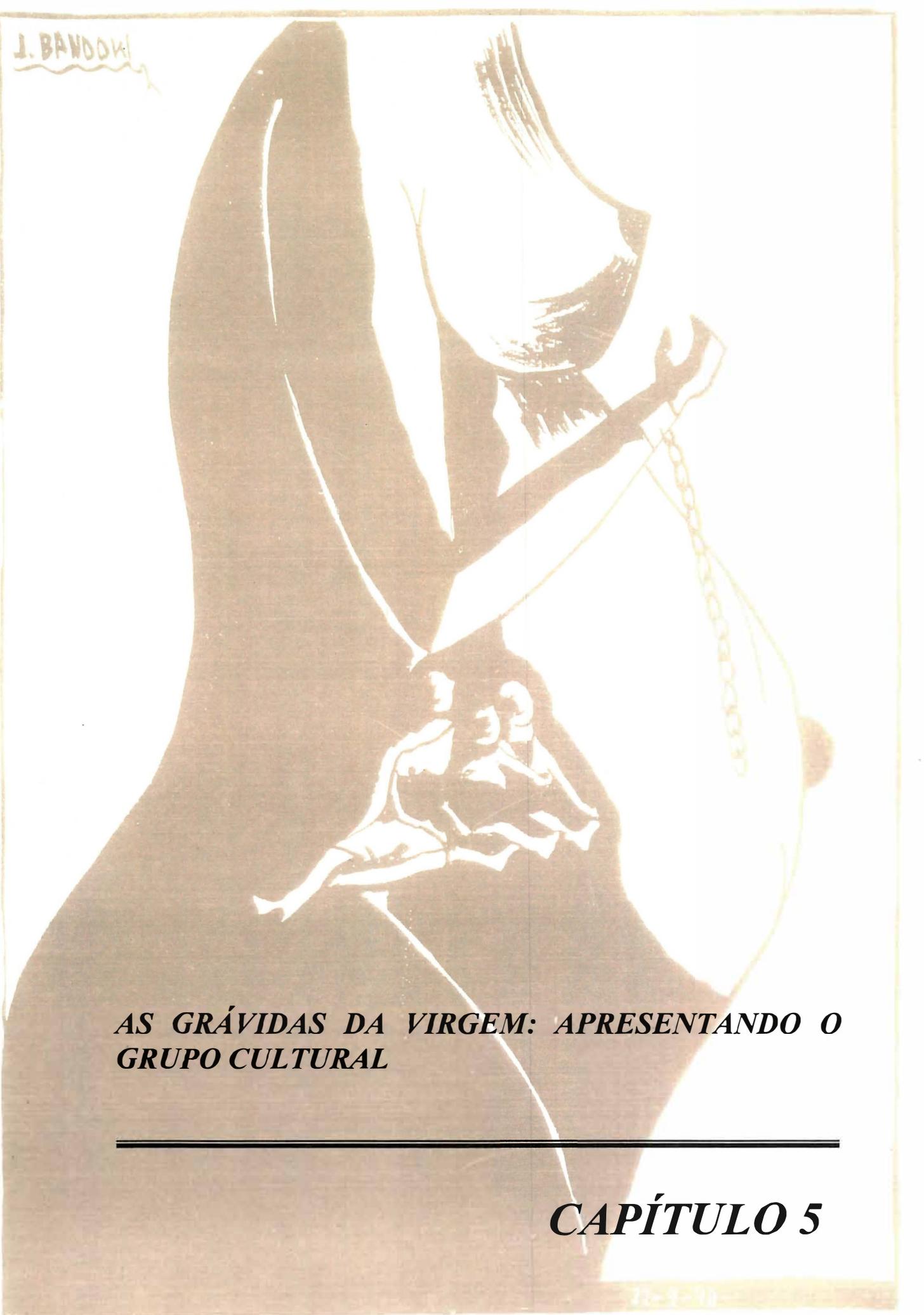
A interpretação me possibilitou fazer algumas inferências, prover significados e explicar a respeito do fenômeno.

Com o método etnográfico, foi possível estudar o universo e o modo como as mulheres percebem a sua sexualidade durante a gravidez, como isso está expresso em suas vidas.

Este é o momento, no qual apresentarei o grupo pesquisado de forma detalhada, assim discorrerei sobre o seu contexto histórico e social, para que haja um entendimento de associação da realidade com o fenômeno pesquisado.

Apresentarei também as histórias de vida das colaboradora em narrativas, que é processo de transformação dos relatos orais para o escrito. A partir das narrativas, foi possível retratar a cultura e a experiência do significado da sexualidade durante a gravidez.

J. BANDOVI



AS GRÁVIDAS DA VIRGEM: APRESENTANDO O GRUPO CULTURAL

CAPÍTULO 5

5 AS GRÁVIDAS DA VIRGEM: APRESENTANDO O GRUPO CULTURAL

Os indivíduos estão sendo permanentemente reconstruídos.

Gilberto Velho

Caracterizar um grupo social é essencial na pesquisa etnográfica. Por mais que um pesquisador teça detalhes do referido grupo, provavelmente muitas nuances podem não ser identificadas, pois para GEERTZ (1997), os acontecimentos internos são de difícil acesso e interpretação. No entanto, procuro apresentar o que me foi possível apreender do grupo cultural pesquisado.

Para estudar um dado grupo social, faz-se necessário tecer sua trajetória histórica, a qual possibilitará esclarecer pontos significativos do modo de ser e viver de seus indivíduos. Para tanto, julguei importante fazer uma viagem que se inicia com o surgimento do Estado de Alagoas, da cidade de

Maceió e que finalizará com a origem do conjunto residencial Virgem dos Pobres III.

Ao discorrer a respeito da história de Alagoas, ALTAVILA (1988) apresenta o seu grau de importância desde o descobrimento do Brasil. Este autor afirma que conforme o relato de Pedro Álvares Cabral, foram as terras de Alagoas o primeiro ponto avistado pela frota portuguesa.

Como discorre esse autor, ao chegar nestas terras, os portugueses encontraram a civilização indígena. Os índios alagoanos habitavam às margens do rio São Francisco. Eles eram bronzeados, de estatura mediana, cabelos pretos e lisos, olhos escuros e penetrantes. A raça predominante era a dos tupys. Tinham grande beleza física, falavam diferentes dialetos, enfeitavam-se com penas coloridas. Os que viviam às margens das lagoas eram exímios canoieiros. Usavam armas como a flecha, arco, tacape e machados de pedra. Sobrevivendo da pesca e caça, alguns grupos apresentavam rudimento de agricultura. Quanto à religião, limitava-se ao temor de Tupã; enquanto que em seu governo, fundamentava-se no temor do pajé.

A liberdade lhe era fundamental, preferiam a morte do que trabalhos forçados, como escravos. Eram fiéis aos seus contratos e amizades, se necessário lutavam e morriam por seus aliados.

Sendo estes de difícil manipulação para o trabalho servil e à colonização brasileira em vias de povoação e produção, os portugueses resolveram investir na escravidão de negros africanos.

Os africanos eram vendidos para trabalhos forçados a serem realizados nas fazendas e engenhos. Trabalhavam com escassa alimentação, do nascer ao por do sol, sob a guarda dos feitores, que os flagelavam a toda hora com os relhos de duas pernas.

Por não terem direito sobre a própria vida e por serem tratados como animais irracionais, os negros iniciaram suas fugas daquela situação desumana e miséria absoluta. Daí surge o Quilombo dos Palmares, forma expressiva de forte resistência ao processo de escravidão e alienação do homem decorrente do preconceito e dominação de uma etnia que julgava-se superior às demais.

O principal Quilombo organizado no Brasil teve nas terras de Alagoas sua estruturação. Com 67 anos de existência, resistiu a várias emboscadas das expedições de interesse governamental, chegando a preocupar e comprometer a economia do Estado e, conseqüentemente, do País.

Uma outra etnia que contribuiu para a colonização do Brasil e, por conseguinte, de Alagoas, foram os dominadores Europeus na figura dos portugueses, tidos como os descobridores do Brasil. Também contribuíram para essa miscigenação os espanhóis e os franceses.

Com as etnias de origem indígena, afro e européia inicia-se o estabelecimento da população das Alagoas, cada qual com as suas características. Naquela miscigenação, floresceu a mulher alagoana que certamente contribuiu com a sua força de trabalho, principalmente com a força produtiva e reprodutiva para o estabelecimento daquele que seria o Estado de Alagoas.

A economia Alagoana centrada na cana-de-açúcar, contribuiu para as transformações sociais pelas quais passou o Estado e a Capital, como também norteou as migrações das populações do setor agrícola para o urbano, provocando impactos significativos nas condições sociais.

SILVEIRA (1939) conjectura que a capital de Alagoas, Maceió, originou-se do engenho massayó, casa de fabricação de açúcar. No entanto, para ALTAVILA (1988), o nome da capital e de seus bairros estão associados à sua hidrografia, portanto, Maceió: *Maçai-o-k*, quer dizer: "o que aterra o alagadiço".

Na década de 90, os estudos de LIRA (1997, 1998), mostram que Alagoas foi considerado o segundo Estado mais atrasado do País, fazendo parte dos grupos sociais mais pobres do mundo, com os piores indicadores sociais. Manteve o modelo de produção herdado da época colonial, concentrada na produção da cana-de-açúcar, elevado grau de desigualdade na distribuição de renda, alta concentração de renda por um minoria e elevado grau de pobreza pela maioria. Maceió, portanto, passa a refletir essa condição, inclusive para a comunidade da Virgem dos pobres III, a qual passarei a descrever.

5.1 Virgem dos Pobres III

O Conjunto residencial virgem dos Pobres III originou-se das conseqüências de uma tragédia climática ocorrida na década de 80, proveniente das chuvas de inverno, que fizeram transbordar a Lagoa Mundaú,

desalojando, assim as famílias que residiam nas suas margens e na região circunvizinha.

Segundo as narrativas das colaboradoras, as famílias que residiam à margem da lagoa eram formadas por pescadores e pessoas que migraram das cidades rurais provenientes do cultivo da cana-de-açúcar, que moravam em casa tipo palafitas, de lonas e papelão, poucas eram as de alvenaria. Foram desabrigadas de suas moradas de origem e alojadas em escolas públicas, Parque da Pecuária e Estádio de Futebol Rei Pelé, vulgo Trapichão.

Frente àquele caos, o prefeito da época resolveu criar o conjunto residencial sob a base de mutirão, cadastrando as famílias desabrigadas e mobilizando-as para a construção daquela que seria sua futura residência.

Após quinze anos de seu início, a população que foi tirada de uma situação precária de vida, continua a apresentar condições sociais de pobreza absoluta para uns e relativa para outros, se é que pode-se falar de “pobreza relativa”.

O conjunto foi construído sobre um dique que aterrou parte do alagado da lagoa e contém o seu avanço. Está situado na costa sul de Maceió, a cinco quilômetros do Centro e a um quilômetro da orla marítima. É circundado pelos bairros: ao norte Vergel, ao leste Ponta Grossa e Prado, ao sul Trapiche e ao oeste a lagoa Mundaú.

É cortado por um canal de escoamento de esgoto aberto que se desemboca na lagoa. Saneamento básico não existe. O destino das fezes e do esgoto está a céu aberto, entre a calçada e a rua. As crianças brincam

descalças, de barquinho de papel e com varinhas mexendo nesse esgoto, no qual os dejetos fecais ficam flutuando.

Duas paisagens são visíveis nesse local: a lagoa e uma vegetação verde dos manguezais com suas cores fascinantes, proporcionando um espetáculo magnífico da natureza, principalmente quando numa tarde de primavera ou verão, o sol aparece suntuoso e seus raios refletem-se nas águas mansas, expandindo brilho e movimento circulares capazes de impressionar todo olho humano.

A outra paisagem, paradoxal a essa natureza dadivosa, é a que demonstra as condições sociais em que vivem aqueles que moram à beira da mesma lagoa, condição subumana de moradia e, conseqüentemente, social. Um espetáculo que agride aos olhos e que impressiona pela falta de políticas públicas para a resolução do problema.

Ao chegar neste Conjunto Residencial, percebi um movimento de pessoas durante a tarde; muitas crianças correm pelas ruas, outras estão nas calçadas ao lado de suas mães ou de outras crianças. À tardinha, ou seja, por volta da 16:00 horas, é comum as mulheres sentarem-se nas calçadas para conversar umas com as outras, como também realizar atividades manuais como debulhar feijão e realizar trabalhos artesanais com linha.

Quanto aos homens, aqueles que pescam, consertam suas redes, outros ficam na calçada com uma garrafa de pinga ou cerveja bebendo com um grupo de amigos; os mais jovens se lançam ao futebol, pode-se ver vários times jogando na via marginal ao asfalto.

É comum também o uso de som alto na porta enquanto alguns homens e mulheres dançam ao som das músicas de lambadas, pagodes e sambas. Cultiva-se o hábito de se tirar uma cesta depois do almoço.

Pela manhã, aqueles que têm trabalho ou compromisso logo cedo, podem ser vistos na parada de ônibus ou se dirigindo a pé para suas atividades. As crianças que estudam cedo se dirigem à escola e muitos daqueles que permanecem em casa, cultivam o sono até por volta das nove horas. As mulheres que trabalham com lavado ou passado de roupa, as que comercializam no mercado, as que têm filhos muito pequenos, geralmente, se levantam entre seis a sete da manhã, ou até mais cedo.

As mulheres de mais idade cultivam o hábito de preparar o desjejum do companheiro, o café freqüentemente se reduz a pão com margarina e, quando estes chegam para o almoço e jantar; são elas que lhes servem. Arroz e feijão ou macarrão fazem parte do cardápio do almoço; quando possível a carne, frango ou frutos do mar. À noite, o jantar é realizado pelas mulheres da casa, resume-se a pão, cuscuz, mandioca ou inhame com margarina e café. Após a ingesta, é comum as mulheres sentarem-se na sala para assistirem suas novelas e os parceiros saírem para passear ou papear com os amigos.

5.2 O Grupo Pesquisado

A população pesquisada reside no Conjunto Virgens dos Pobres III, localizada no bairro do Trapiche, Maceió, Alagoas. Encontra-se identificada e cadastrada no Programa de Saúde da Família (PSF).

Esse programa, está sediado no CAIC Vice Governador Francisco de Mello e conta, para sua efetivação, com os apoios da Secretaria Estadual de Saúde, Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Pólo Saúde da Família da Escola de Ciências Médicas, Secretaria de Educação do Estado de Alagoas, Secretaria Municipal de Saúde, em sistema de parceria, objetivando com isso desenvolver um programa diferenciado do curativo tradicional. Sendo assim, proporciona estratégias de saúde além da assistência direta aos casos de doenças, ao oferecer um modelo de assistência e educação com base nas ações preventivas.

Dentro desse programa, os profissionais realizam diversas atividades, a saber: assistência à gestante, à puérpera, ao recém-nascido, à criança, ao adolescente, ao adulto, aos idosos; educação em saúde com programas voltados para diabéticos, hipertensos, portadores de Hansen; formação de grupos de mães, adolescentes grávidas, adolescentes.

Escolhi estudar a cultura sexual das mulheres grávidas, inscritas no PSF da Virgem dos Pobres III, visando descrever a sua realidade sociocultural no que tange ao comportamento de ser e estar grávida, como a sexualidade é vivenciada. Para tanto, faço uma contextualização das condições sociais e de saúde da população em estudo. Faço também um Diagnóstico de Saúde e condição social da População do Conjunto Virgem dos Pobres III, conforme dados consolidados em setembro de 1998.

Segundo o Sistema de Informação de Atenção Básica, pode-se perceber que a população deste grupo social concentra-se na faixa adulta de 20

a 49 anos com 43,01%; segue-se a faixa de pré-adolescente e adolescente entre 10 e 19 anos num percentual de 24,46%; crianças menor de 1 ano até 9 anos num total de 22,81% e idosos de 50 a mais de 60 anos com 9,57%. Esses dados mostram a característica de um grupo social eminentemente jovem e concentrado na faixa produtiva, conforme tabela 1.

De acordo com o consolidado das famílias cadastradas do ano de 1998, da zona urbana em 21 de setembro de 1998, o total de famílias cadastradas no Programa de Saúde da Família era de 993, compreendendo 4591 pessoas entre crianças, adolescentes, adultos e idosos de ambos os sexos. Destes, 94,47% das crianças entre 7 a 14 anos encontram-se na escola. 66, 55% dos indivíduos com 15 anos ou mais são alfabetizados. Isso implica que 33,45% dos demais são analfabetos.

Quanto à infra-estrutura, há em torno de 995 residências construídas na área. O tipo de casa é de tijolo, mais especificamente de bloco de cimento, predominando um percentual de 99,30%; há também residências com mistura de alvenaria, material de taipa, madeira e/ou material aproveitado.

O destino do lixo, 99,60%, é feito por coleta pública. Lamentavelmente, 76,84% das fezes e urinas são eliminadas a céu aberto; apenas 1,11% tem sistema de esgoto e 22,05% possui fossa funcionando.

A energia elétrica é utilizada por 99,80% dos moradores. 99,50% recebem abastecimento de água pela rede pública, sendo que 67,98% não têm tratamento; 27,39% faz em uso da filtração; 3,22% da fervura e 1,41% da cloração.

Tab. 1. Distribuição da faixa etária por sexo em setembro de 1998 do Conjunto Virgem dos Pobres III.

FAIXA ETÁRIA (anos)	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
< 1	43	43	86
1-4	215	216	431
5-6	96	114	210
7-9	160	171	331
10-14	278	295	573
15-19	262	288	550
20-39	704	807	1511
40-49	219	245	464
50-59	97	126	223
>60	71	141	212
TOTAL	2145	2446	4591

Fonte: Sistema de Informação de Atenção Básica, setembro de 1998.

O rendimento em salário por família, segundo censo de 1991, fonte do IBGE, foi caracterizado da seguinte forma: 22,71% recebe de 1/2 a 1 salário; 53,30% entre 1 a 2 salários mínimos e 13,84% de 2 a 3 salários; isso significa que 89,31% dessa população encontram-se na faixa de rendimento de 1/2 à 2 salários mínimos.

A doença predominante neste grupo social é a hipertensão arterial, englobando 6,95% dos indivíduos. Também foram identificados alcoolismo, diabetes, deficiência, chagas, hanseníase e tuberculose.

O método contraceptivo mais utilizado, segundo arquivo do PSF, é predominante o definitivo, por meio da laqueadura. Em seguida vem o uso da pílula, da camisinha e o coito interrompido. Pude observar, através das entrevistas, o desejo expresso por algumas mulheres de realizar laqueadura, essa é uma das reivindicações presentes nos discursos.

A comunidade dispõe, de acordo com o levantamento do PSF: 01 Associação de Moradores, 15 mercearias, 07 mercadinhos, 02 armarinhos, 05 avícolas, 02 manicura e pedicura, 01 sapateiro, 03 panificações, 01 lavanderia, 01 sorveteria, 02 farmácias, 01 confecção de roupas, 02 depósitos de bebidas, 03 vídeo games, 03 oficinas mecânicas, 02 boutiques, 01 casa de fotografias, 01 quitanda de verduras, 03 escolinhas, 01 escola pública, 02 eletrônicas, 01 serralharia, 01 barbearia, 03 igrejas evangélicas, 01 igreja católica que leva o nome do conjunto, 02 salões de beleza unissex, 01 capotaria, 01 oficina de bicicleta, 01 ótica, 01 açougue, 01 fornecedora de leite. No lado oeste fica o CAIC, no qual se prestam serviços educacionais e assistência a saúde através do PSF.

Os transportes mais utilizados pelos moradores desse conjunto, quando têm dinheiro para a passagem, são os coletivos que dão acesso ao centro e aos outros bairros da cidade. Pode ser visto o uso de condução particular tais como: bicicletas, motocicletas e automóveis em menor escala.

Após o conhecimento do contexto, no qual ocorreu este estudo, darei oportunidade às colaboradoras de expressarem as suas experiências através de suas histórias de vida.

Serão apresentados os relatos das nove mulheres, sendo que oito estavam grávidas no momento das entrevistas. São colaboradoras que AGUIRRE BAZTÁN (1995) classifica de informante específico, que partilham de uma experiência em comum e informam sobre situações específicas. Estas tecerão suas narrativas de forma que retratem suas histórias de vida, voltando-se para o significado da sexualidade durante a gravidez.

A última colaboradora identifiquei como informante geral, por ter uma visão geral e dinâmica da comunidade. Essa narradora é Magnala, que embora não estivesse passando pela experiência da gravidez, já a tinha experimentado. Através de sua narrativa, é possível ter uma compreensão histórica e mais generalizada do grupo cultural. Utilizo esta narrativa com o objetivo de obter apenas a visão global do grupo em estudo e não como dados para análise final.

Tenho a intenção, neste momento, de privilegiar a experiência de cada uma das colaboradoras e identificar a força expressiva de cada experiência em particular que possibilite esclarecer o tema pesquisado.

Os nomes das colaboradoras são fictícios para evitar possíveis identificações. Poderia ter escolhido qualquer outro nome dentre os muitos existentes, mas optei por considerar os nomes dos personagens retratados por MEAD (1979), sem haver logicamente relação entre eles, mas apenas com o intuito de nomear as colaboradoras.

Este é o momento de conhecer cada colaboradora e fazer uma imersão na sua experiência cultural.

BAYMAL

Tem 21 anos, três filhos pequenos, cursa a 5ª Série. Exerceu atividade de doméstica. Relaciona-se há três anos com Anymus. Apresenta um forte sentimento maternal. É resignada para com os filhos. É identificada pelos vizinhos e familiares como a mãe que não se separa dos filhos. Sua gravidez foi permeada por um sentimento de ambivalência decorrente da dificuldade em aceitá-la. A sexualidade e a prática sexual durante a gravidez são vistas com o temor de provocar deformidades ou conseqüências negativas na criança. Seu parceiro não modificou o tratamento sexual que lhe dispensava antes da gravidez, segundo sua percepção. As entrevistas foram todas gravadas na casa de Baymal, sempre com seus filhos ao redor. É uma mulher batalhadora, determinada, tem planos de terminar os estudos e arrumar um emprego para ajudar em casa. Sua desenvoltura e coragem faz da sua narrativa uma demonstração de luta para vencer os desafios de ser mulher e os limites da pobreza.

Sinto medo de machucar o menino, se não tivesse essa preocupação me soltaria mais.

Veio 21 de janeiro, de lá p'ra cá não veio mais. Na minha conta fez nove meses no mês de outubro. Não tenho com quem deixar as crianças por isso não fiz pré natal. Meus parentes, é mesmo que não ter, porque só me procuram quando precisam de dinheiro. Se eu pagar a algum deles, ficam com minhas crianças, se não pagar não ficam.

Mesmo o CAIC sendo perto, não posso ir, porque não tem quem fique com meus filhos. Não tenho com quem deixar, pois fazendo o pré-natal tenho que sair para fazer exames, assim não tenho com quem deixá-las.

Consegui fazer exames no primeiro dia do pré-natal: exame de sangue, urina e ultrassom. De lá p'ra cá também ficou de greve e de férias. Não pude ir mais, com esses dois meninos de braço. Quando o pai está em casa posso sair, mas ele trabalha o dia todo. Não teve nenhum momento que ele pudesse ficar, se ele parar quem vai dar o comer das crianças?

Tinha 19 anos quando engravidei pela primeira vez, não fiz pré natal porque tinha medo deles, medo de fazer aquilo, aquilo outro, de meter o dedo na vagina da gente, de botar a mão lá dentro, as pessoas mais jovens me diziam isso, o parto foi normal.

Não amamentei porque ele enjoou o leite, engunhava... a pediatra dizia que eu tinha que dar o peito... que tinha que continuar a dar... então eu via o menino chorando, chorando, sem querer o peito ... vi lá um litro de soro, peguei-o e arroxei na chuquinha, ele tomou e dormiu... quando a pediatra chegou deu um carão...

Quando chegava em casa dava o peito, ele não queria. Passei a dar gogó, quando tomava o gogó dormia a noite toda. Eu misturava o leite do peito com o gogó, o pai dizia:

– Você quer matar o menino, você é doida?

Com quatro meses fiquei grávida da menina, não tinha experiência de nada, de tomar remédio para evitar. Da segunda gravidez, fui pouco tempo ao pré-natal. O parto foi normal, amamentei. Ela é maior e mais forte que ele. Ele é mais magrinho embora seja mais velho.

Eu não queria pegar outro filho, ele estava usando a camisinha, não via como ele usava e tirava, não prestava atenção, ele dizia que estava usando a camisinha... Mas ele não usou em todas as relações não. Eu não queria ficar grávida agora não, não queria outro, menino dá muito trabalho, muito sacrificoso, estava falando p'ra ele.

Estava no quarto mês de amamentação quando faltou e não veio mais... No mês de junho senti mexer, já estava com medo porque estava uns cinco meses sem vir. Fui a uma clínica geral e ela me disse:

– Ah! Minha filha, você não tem para onde correr, você está grávida, agora vou passar um ultrassom p'ra você.

Fiquei com medo porque não queria gravidez. Fui no serviço de saúde lá da beira da praia, ela passou para saber de quantos meses eu estava, marquei para o dia 21 de agosto.

Quando recebi a notícia da gravidez, achei ruim porque não queria menino agora, muito trabalho, criança tudo pequena, além de ser trabalho e p'ra sustentar? Primeira coisa vem isso e depois quando está grande? Precisa daquilo, daquilo outro, escola, aí pronto, não queria agora não, fiquei chorando... Não queria abortar porque a criança não tem culpa de vir ao mundo, não tem culpa do serviço do pai e da mãe, não tem culpa de nada.

Agora eu tenho vontade de ir ao pré-natal mas não tenho condições de sair com duas crianças desse tamanho, pois todos os dois querem braço, não tenho condições de sair com os dois nos braços. Estou sentindo dor na vagina, um pé está inchando, das outras não inchei. Quero saber se tem médico no CAIC para poder me operar para não ter mais filho.

Me alimento muito bem, como muito, alimentação de manhã: pão, cuscuz, café, as vezes vitamina e pão, no almoço como feijão, de vez em quando ponho charque no feijão, no café da noite faço cuscuz, compro pão, às vezes ele compra abacaxi, laranja, não gosto de suco de beterraba.

Trabalhava em casa de família, mas depois que eu me juntei, ele não queria que eu fosse mais trabalhar. Estudo à noite, faço a quinta série, deixo os meninos com ele, ficam todos dormindo, mas acordam cedo entre 4 e 5 horas da manhã.

O pai dos meninos também acorda cedo, varre e passa o pano na casa, faz café e deixa pronto na mesa, lava a roupa que as crianças usaram à noite, e depois vai trabalhar, meio dia vem almoçar, cuidado do almoço dele.

Logo quando nos juntamos, fomos morar na beira da lagoa, veio umas freiras do Canadá e nos deu essa casa, o problema daqui agora é pagar água e

energia que antes ninguém pagava, para fazer a ligação da água ele vai pagar dez prestações de 18 reais, o consumo é de 7. A luz aqui é de gambiarra que a gente puxou do vizinho, mas ele vai legalizar a luz, nós dividimos a água com o vizinho e ele deixou a gente puxar a energia da sua casa.

O Anymus já andou comigo para exames, médico, pré-natal, cada vez que sai deixa de trabalhar, sai carregando as crianças. Se ele parar agora não tem quem dê comida para os meus filhos, ele sempre me diz:

– Porque você não deixa os meninos na casa da madrinha deles? Só por um momento, nunca vi uma mãe tão cuidadosa com os filhos como essa, não deixa os filhos com ninguém, pensa que vão bater neles, ou maltratá-los, vá, deixe os meninos com a madrinha deles para você ir ao pré natal!

Com família não posso contar, só porque ele é um homem trabalhador e cuida bem da minha casa, minha família e a dele acham que somos ricos, se é um remédio ou receita só vem pedir aqui, na hora de me ajudar ninguém vem, é mesmo que não ter família...

Para ele, como homem, não há nenhum problema por eu estar grávida, quando engravidado, é sempre muito agarrado comigo, durante o dia é beijo p'ra lá, beijo p'ra cá, a gente discute pouco, porque todo casal discute, mas ele não anda judiando de mim

Ele sempre me procura do mesmo jeito, com gravidez ou não, vem com amor, abraços, beijos, assim e tal... A parte do sexo que gosto muito é quando ele me beija, me abraça antes da relação. Quer dizer... eu não sinto muito prazer não, quando estou grávida não sinto muito prazer não, não gozo... O prazer é quando a gente sente aquela coisa...!

Na gravidez eu não sinto assim... prazer de ter relações com ele não, porque eu acho que quando a pessoa está grávida só faz por fazer, porque realmente não dar prazer de nada. Se ele não me procurasse durante a gravidez, eu ficaria sem ter relações.

Na gravidez a relação sexual não é a mesma, o sexo dói... dói quando vou ter relações, dói a relação. A posição, também, não é a mesma, porque ele não vai ficar em cima da minha barriga porque pode machucar a criança e assim mesmo dói a barriga, a gente faz de banda. Quando já estava com quatro meses a gente já mudava de posição, só de banda mesmo.

Não sei nem dizer porque, mas sinto um medo de ter relação quando estou grávida, medo de machucar alguma coisa, medo do menino nascer doente, de prejudicar dentro da criança, de nascer com algum defeito, ou coisas de outros

tipos... porque às vezes tem criança cega,...é assim que eu penso. Ficava com medo, eu achava que a relação sexual podia provocar isso, se eu não tivesse essa preocupação toda, acho que me soltaria mais.

Ele já teve outra mulher e disse que não machuca a criança porque a criança fica dentro do útero e não fica na vagina, a vagina já é outro local, mas sempre fico com medo da criança nascer com defeito, nascer alguma coisa no cérebro, fico com esses medos assim. Acho que o meu medo faz mais sentido do que o que ele diz, mas mesmo assim... é assim que eu sinto.

O pessoal do CAIC veio fazer pré-natal aqui em casa porque eu não podia sair por causa dos dois meninos. Não podia sair com o Yepiwali, Kynas e a barriga, não podia botar Kynas no braço porque podia prejudicar o nenê dentro da barriga, então vieram fazer o pré-natal saber como é que eu estava... não estava... passou até da data de ter, eu estava pensando que ia ter no mês de outubro.

A enfermeira deu até uma ordem:

– Se terminar esse mês e você nada de ter menino, você vai p'ra maternidade, p'ra ser cesariana.

– Está certo, mas eu acho que quando chegar o dia de nascer, nasce, disse.

Depois passou a semana... a semana que ela disse, quando foi num dia de sábado eu comecei a sentir aquelas dores fortes, era umas dores fortes, disse assim p'ra o meu esposo:

– Olha Nego estou com muita dor...!

– Vamos pra maternidade.

– Não! Vou esperar mais um pouco, dar mais algum sinal p'ra poder ir. Em seguida a dor atacou mais forte. Eu disse:

– Nego não estou aguentando mais não.

Ele tomou banho, fui tomar banho também, aí a dor passou, eu disse:

– Nego não vou mais não p'ra maternidade.

Ele disse:

– Por quê?

– Porque a dor passou.

Ele ficou logo com raiva e disse:

– Pois quando você tiver com dor não vou mais não.

Aí eu disse:

– Tá certo.

Fiquei esperando p'ra ver se a dor atacava mais, ainda fui costurar o mosquiteiro que estava rasgado, costurei o mosquiteiro, deu 8 horas eu disse: vou dormir, aí fui dormir quando foi umas 3 horas da manhã eu me levantei, fui fazer xixi, quando fui me deitar, tirar os mosquitos dentro do mosquiteiro, aí vi aquela pancada de água, fiquei logo com medo, me despertei logo. Me levantei e disse:

– Nego, Nego!

– O que é? Perguntou ele.

– Tá vindo uma coisa bem forte, como uma água, só que é aquela gosma.

– Vamos logo p'ra maternidade, troque de roupa, não vá nem tomar banho, troque de roupa mesmo e vamos embora.

Ainda fui tomar banho, fui ajeitar... a gente botou tipo uma pessoa dormindo ao lado do Tcambuli que ainda dormia no berço, tipo uma pessoa de pano dormindo ao lado dele, p'ra ele não se levantar, não mexer na energia, botei a mamadeira do lado dele, dormiu....

A gente foi p'ra maternidade, eu disse:

– Olha Nego, não estou sentindo dor não, é melhor a gente ir de ônibus, vamos esperar amanhecer mais um pouco o dia, p'ra poder a gente ir de ônibus.

Ele disse:

– Não Nega, depois pode ser até pior. Vamos de taxi?

– Não! Vamos esperar o ônibus mais um pouco, só assim sai mais barato.

Amanheceu o dia, que estava clareando. Ele disse:

– Óh, Nega, não vai passar ônibus agora não, vamos pegar uma lotação.

Foi o tempo que passou a lotação... a gente foi de lotação. Veio aquela pancada de água nas costas, molhou ainda o carro lá da lotação, parou no Hospital Ortopédico, chegou lá em cima, elas fizeram aquele exame..., exame local e disse que eu ia ficar, fiquei.

Cheguei lá umas quatro horas, fez o exame de 4:15 horas, passou tempo... veio de novo, umas 5:00 horas, fez de novo o exame local e disse: está perto de ter. Fiquei lá e depois começou aquelas dores fortes, comecei a sentir dor lá, quando ela fez primeiro exame local... do segundo eu estava sentindo mais dores ainda, fiquei esperando de 5 e poucas até 8:00 horas, pensei: Ôxe! Não vem ninguém não, cadê?

E aquela dor bem forte, sentindo aquela dor forte, forte. Eu pensava: Ah, meu Deus do céu, acho que vou morrer!. E a menina pulando aqui p'ra cima da

minha barriga, e eu com medo, pensava: meu Deus o Tiago nem mexia e essa agora está mexendo, tá pulando, fiquei com medo e pensava: Meu Deus do céu e aquela dor... e só vinha aquela pancada de água forte, pensava: E meu Deus acho que vou morrer dessa agora.

Eu peguei, chamei a enfermeira, também tudo conversando, disse:

– Não tem enfermeira aqui não, é?.

Ela disse:

– Tem enfermeira, mas só que você não está na hora de nascer ainda.

Desde a hora que ela fez esse exame local, não apareceu nenhuma p'ra dizer se eu morri, se eu tô boa, como é que estou, se desmaiei ou não, não apareceu ninguém no quarto, e tudo lá conversando, nem ligaram, eu pensei: Não vem não?

Chamei a segunda vez, nada, e aquela dor atacando. Ela disse:

– Ah! mulher você tem que gritar.

Respondi:

– Não vou gritar não, que eu não sou doida p'ra tá gritando.

Fui lá de novo, elas disseram:

– O corredor não é lugar de gestante ficar, o lugar de você ficar é lá no quarto esperando.

Respondi:

– Desde que estou aqui esperando ninguém aparece, da hora que eu cheguei só fizeram dois exames, e nada de ninguém chegar.

Ela disse bem assim:

– Mas tem que esperar mais um pouco.

Eu falei:

– Chamo médica, enfermeira e ninguém aparece.

Pensei: já sei o que eu vou fazer! Peguei a bolsa, troquei a roupa que elas botaram em mim, uma batinha, tirei aquela roupa e vesti minha roupa que eu fui normalmente, botei a sandália na bolsa também, peguei a bolsa e fui descendo a rampa. Eu disse:

– Não tem enfermeira, não tem médico, não tem porra nenhuma aqui, se tiver algum chame logo, porque ninguém apareceu, há tempo que eu estava lá morrendo de dor, aquela pancada forte, a menina estava perto de nascer, que estava bem aqui na saída, já perto de nascer mesmo e nada de ninguém

aparecer. Chamava, ninguém atendia, diziam que... ficavam lá conversando, eu pensei: tá certo!

Fui descendo a rampa, as outras enfermeiras:

– Doutora, a paciente vai descer aí, ela vai embora.

A doutora disse:

– Você é doida, é? Você quer botar a imprensa aqui?

Eu disse:

– Não, porque vocês estão sendo pagas p'ra quê? Porque a prefeitura normalmente paga, não é? E vocês não vem atender as pessoas como a pessoa deve ser atendida. Porque da hora que eu cheguei aqui fizeram só dois exames e até agora nada!

Ela disse:

– Você precisa ter mais um pouco de paciência.

Mandaram eu subir, eu subi, entrei no quarto de novo, botei a roupa novamente.

Ela olhou de novo e disse:

– O menino está perto de nascer!

Me levaram para a sala de parto, na hora fui botando força p'ra menina descer mas ela subia mais ainda, fiquei logo nervosa, chorando, disse:

Pronto, agora vou morrer meu Deus.

Ela disse:

– Você tem que botar mais força.

– Mais força que eu já botei? Chega estou aqui sem mais respiração e dá p'ra ter força mais sem respiração?

Ela respondeu:

– É só você respirar um pouco mais profundo e botar força.

Botei força e lutei e a menina subindo, cada vez que botava força ficava cansada e a menina subia de novo, pensava: Eita, meu Deus do céu! Dessa vez eu vou morrer, não tem p'ra onde, vou morrer agora, fiquei logo suando, suando, suando tanto, tanto e fiquei nervosa, tremendo, tremendo de medo.

Ela disse:

– Você tenha mais um pouco de paciência, pense numa coisa boa e bote força.

Daí botei força, que a menina nasceu.

Aí ela disse:

– É uma menina, olhe p'ra ela! Eu não queria nem olhar, de tão nervosa que eu estava. Acho graça disso, dou risada.

E depois tiraram a bebê e levaram p'ra dar banho, me tiraram da sujeira e me botaram naquelas camas que anda, que eu esqueci o nome e depois me botaram no corredor, só um instante em que iam buscar o forro de cama, depois que forraram a cama me levaram para o quarto, para descansar.

Quando me colocaram na cama, espirrou aquele negócio... caiu um monte de sangue no chão e espirrou na parede, espirrou na parede mesmo! Fiquei com medo... A enfermeira veio e foi chamar a médica. Ela disse:

– Isso aí é porque ficou sangue na vagina dela, então espirrou.

O parto foi no dia 15 de novembro, dia de domingo, quando foi na segunda eu fui embora.

Tenho plano de chegar até a oitava série, arrumar um trabalho e ajudar a ele, hoje em dia até na casa de família a gente tem que ter o estudo, porque atende um telefone, fazer uma receita, anotar um recado, pretendo arrumar um emprego, as coisas está tão ruim, tão preta. Eu mesma não planejava esta gravidez não, pretendia colocar a Kynas, que já está falando tudo, colocar numa creche, mas quando pensei nisso, outra gravidez....

Ele sempre me procurou para o sexo normalmente na gravidez, dizia que não sentia nenhuma diferença, só mudava de posição quando a barriga crescia, era sempre de banda. O sexo p'ra mim na gravidez não era o mesmo, quando estava grávida achava que o sexo doía, acho que agora que estou normal, sem gravidez sem nada, acho que é normal. Sentia dor quando ia ter relações, no ato, depois ou no outro dia não sentia nada. Acho que era o medo da penetração, hoje não sinto mais. Hoje a gente tem relações normalmente. Quer dizer, por enquanto pra evitar filho, a gente está tendo relação e ele está gozando fora. Fico com medo de usar camisinha.

Ele faz de tudo para eu estudar, fica com os meninos à noite, dá gogó, não sai de dentro de casa, lava prato, varre casa, faz comida, tudo ele faz p'ra eu estudar. Três horas da manhã ele já está dentro de casa fazendo as coisas, limpando esgoto, lavando calçada, janela, sala, cozinha, geladeira... Se eu quero ir p'ra escola, ele faz da tripa coração, ele chegou do serviço, mas como tinha meus livros p'ra comprar, ele foi no comércio p'ra ver se comprava meus livros. Ele não tem estudo, mas faz de tudo para eu estudar, diz que eu sou mais nova do que ele e que devo aproveitar.

ANYUAI YABIOK

Nasceu no interior de São José da Lage, cursou até a sexta série, tem 18 anos, casou-se com Yauwiyu Yabiok, é extrovertida, conversa bastante, sorri à toa; tem um jeito de menina travessa. Yabiok contou a sua experiência de iniciação sexual. Sua mãe sempre conversava com as filhas. Enfrentou a pressão da vizinhança porque casou grávida, reagindo com muita indignação. Experimenta a primeira gravidez. Relaciona-se bem sexualmente com o marido. A gravidez significa a realização de um sonho. Com orgulho exhibe a barriga prenhe. Solicita com muita frequência os serviços do PSF. É atenta às orientações que lhe são dadas no pré-natal. Tem um espírito aberto para aprender. Gosta muito de conversar, é destemida e brigona. O depoimento de Anyuai foi gravado em várias etapas. Houve entrevistas que foram realizadas na sua residência e outras em uma das salas do ambulatório do pré-natal. Trocamos muitas experiências com relação à gravidez, parto e puérpério, dividimos temores e esperanças sobre o nascimento de sua filha. Sempre me procurava no pré-natal, quando tinha dúvidas da gravidez e cuidados com o bebê. Sua narrativa traz um misto de revolta, tristeza, esperança, alegria e realização.

Meu relacionamento sexual com ele é do mesmo jeito que no namoro.

Nasci em 25 de janeiro de 1980, no interior de São José da Lage. Fiz até a 6ª série. Meus pais são vivos. Meu nome é Anyuai Yabiok, porque o Yabiok é do meu marido, meu marido é o Yauwiyu Yabiok. Tenho três irmãs, quatro comigo. Eu sou a primeira, a segunda é Nyelahai com 16 anos, a terceira é a Madja de 15 anos e a mais nova é Sauwedja com 8 anos.

Estudei no Tarcísio de Jesus aqui no Lamenha Filho e estudei nesse que chama de Baleia. Na minha infância estudei no Lamenha, morava no Jacintinho, gostava de lá, tinha muitos amigos, gostava de lá porque não tinha esse fuxico que tem aqui. A gente brincava de pular corda, de roda, pega-pega, de passarás, era um monte de coisa, até rainha, pipa a gente jogava, acho graça nisso por isso dou risada.

Tinha muitas amigas nesta época, a minha melhor amiga foi embora para São Paulo, era a única que eu vivia mais perto, sempre que eu ia para escola ela ia comigo, todo colégio que eu ia estudar ela sempre estava lá comigo, sempre me acompanhava para onde eu ia.

Vivi minha adolescência aqui porque minha mãe quis mudar de bairro, veio para esse conjunto, achou essa casa, comprou. A gente veio morar aqui eu era pequena, já estamos aqui há 2 anos e pouco. Gosto mais ou menos daqui, porque o povo daqui não são como os do Jacintinho, o povo é mais implicante, gosta mais de ficar junto, os vizinhos gostam de olhar mais a vida dos outros.

Tem uma rua nesse conjunto que eu fico sabendo muita coisa. As pessoas ficam na calçada conversando da minha vida, ficam nas calçadas conversando da vida do cicrano e do fulano, de quem aparece e de quem não aparece, fico com raiva disso.

Menstruei pela primeira vez aos treze anos. Já estava sabendo porque minha mãe... ela sempre foi de explicar à gente, no tempo que a gente fosse mocinha menstruava, não tinha que ter medo, é o sangue, tem a maioria que dava cólica, tem outras que não dava... uma dorzinha. Quando sangrei, já fiquei sem medo, fiquei feliz porque o meu sonho era ser moça, acho graça, por isso dou risada.

Comecei a namorar aos 14 anos. Minha primeira experiência foi muito chata porque gostava muito dele, e ele era assim daqueles rapazes que só porque era mais de bem de vida do que eu, ele gostava mais de sair com as meninas, porque eu não dava o que ele queria, fazer coisa com ele, sexo...ele me chamava eu não queria, aí ele saía com as meninas e eu sabendo, saía p'ra motéis. Ele levava as meninas, me abusava, namorava com as meninas na minha frente, beijava, sofreu muito... do primeiro namorado.

Já o segundo, foi melhor, já foi p'ra casar. É, a gente namorou... aí percebi que ele gostava de mim, gostava muito, a gente ficou sozinho... um tempo dentro de casa, começamos a se beijar, a namorar, a brincadeira foi mais séria tá entendendo? Acho engraçado por isso dou risada. A brincadeira foi mais séria, foi quando ele disse p'ra mim que eu não tivesse medo do que aconteceu, nós dois quis, aí ele disse:

–Vou falar p'ra sua mãe hoje.

Fiquei com medo dele falar. Ele disse:

–Não se preocupe não, você sozinha não vai ficar não, vou falar hoje com seu pai e sua mãe, aí chamou.

Eu com medo fui logo cair na cama para não ouvir nada, quando foi com poucas horas, meu pai chegou com minha mãe. Ele ficou p'ra lá conversando com a minha mãe e o meu pai. Eles não entraram em pânico, entenderam, conversou com a gente, ele marcou data de casamento comigo. Ele mesmo quem quis, meu pai até disse p'ra ele:

–Não vou forçar vocês casar a pulso porque eu acho muito feio isso, o pai fazer a filha casar com um rapaz a pulso, sem ele querer, então se você quer casar com ela você case, é o meu prazer ver a minha filha casada.

Aí ele pegou e disse:

–Eu já fiz isso porque eu já queria casar com ela. Com um ano e pouco a gente casou. O bebê veio antes, assim que a gente brincou ela veio logo.

Minha mãe assim que ficou sabendo ficou um pouco triste, depois ela foi acostumando, tá querendo, aceitando tudo numa boa, até meu pai está muito feliz, ele não diz p'ra mim mas diz p'ra família do meu marido que está feliz com a neta.

Depois disso, quando eu passava na rua as pessoas ficavam falando, era aquele falatório. O falatório era porque eu era muito menina, abri a perna p'ra o rapaz logo cedo, p'ra o namorado. Casei grávida, foi um disse-me-disse porque eu casei grávida. Quando eu fui casar era piadinha: vai casar de véu e grinalda? Eu chorava o tempo todo. Tinha tempo até de ficar tão louca que pensava em pegar

coisa que via na frente e ir lá jogar na cabeça da pessoa. Tinha tempo que ficava tão louca com esse titi.

Minha mãe dizia assim:

–Não se preocupe não porque aconteceu, mas o rapaz, elas sabem que o rapaz gosta e vai casar com você, é inveja. Por isso estão fazendo isso... é inveja delas. Porque você... aconteceu isso e vai casar e tem muitas que aconteceram e não casaram, aí ficam assim com você. Me acalmava mais. Ele também, às vezes ele se alterava e queria brigar, mas minha mãe dizia que não arengasse.

Estamos morando na nossa casa, meu relacionamento sexual com ele, é do mesmo jeito que ele era comigo no namoro, ele está do mesmo jeito estando casado e comigo grávida, eu acho que parece que ele está muito mais assim, ele não quer, ele não gosta de me fazer raiva. Se eu tenho raiva ele vem me fazer um carinho p'ra eu não ter raiva, não deixa ninguém me fazer raiva, ele é super legal comigo.

Para mim a gravidez significa um sonho que está se realizando porque acho tão lindo um casalzinho com bebê. Ele é louco por um nenê.

O que aprendi de gravidez foi aqui no pré-natal, ninguém lá em casa nunca falou de gravidez não. Imaginava que a gravidez era a barriga esticando, a pessoa cansando, vivendo doente, inchando, sei lá, tanta coisa que imaginava.

Depois que engravidei achei bonzinho, principalmente porque não estou menstruando mais. A menstruação é boa, mas eu tinha tanta raiva quando vinha todo mês, aquilo... principalmente quando sentia muito aquelas dores de cólicas.

Na procura sexual, ele procura mas só que ele tem um pouquinho de medo. Medo de machucar a criança, eu digo:

–A médica mesmo que mandou fazer... disse que é bom fazer porque facilita o parto, ele ficou sem medo, mas mesmo assim ele não quer todo dia, é dois dias sim, dois dias não, três dias sim e lá vai.

Perguntava às meninas que tinha feito sexo como era, elas me explicavam, agora que eu conheci... Estou gostando, principalmente porque é com o rapaz que eu amo muito, ele também me ama. Antes eu gostava mais... antes eu queria conhecer, mas ultimamente...

Em baixo, perto da vagina, faz assim como uma flor, eu pensava que aqui tinha um restinho de fezes, parecia que tinha algo enganchado, eu apertava, fazia força para cair aquilo e não caía, quando eu ia me limpar, tomar um banho, passava a mão para lavar, eu sentia um caroço perto da vagina, doído, muito doído, eu ficava com medo, quando foi antes de ontem, após a nossa relação sexual, isso

incomodou um pouco, inchou, não sei o que é isso. É na parte que tem um courinho entre a vagina e a ânus. Ontem e antes de ontem incomodou mesmo esse carocinho, ontem eu tomei dois comprimidos de lactopurga, fui direitinho para o banheiro fazer cocô, pois já estava com três dias que não ia ao banheiro, mas ainda continua dolorido.

Meu marido pede, deseja muito mas eu não dou e não consigo, e eu tenho nojo e onde acho que não presta é o lugar onde a gente obra. Por isso ele não vai me deixar por outra? Teve uma moça que estava falando comigo sobre isso, ela falou que no começo foi uma dor terrível que ela chorou, gritou e depois compraram um negócio tipo óleo, ele botou no negócio e começou a fazer com ela, mas ela disse que acha que pode pegar germe. O homem deve se prejudicar também com germe e não só a mulher. Estava até decidida: vou fazer, mas depois que esta amiga me falou que era uma dor terrível, pensei: Desisto.

Mas como estamos ainda começando, nem fizemos ainda um ano de casados, temos muita coisa para descobrir...

Penso que o meu parto... eu já sonhei, meu marido disse que sonho é besteira, sabe? Fiquei com muito medo depois de um sonho que tive morrendo... no parto. Está com muito tempo que sonhei, desse tempo p'ra cá sempre venho sonhando com coisinha assim: A bebê morrendo, às vezes sou eu morrendo. Ele mesmo já sonhou com a neném morrendo, ficava muito triste, depois que ele chegava em casa a nenen estava viva. Ele disse que não sabe porque esse sonho, eu também não sei bem por quê.

Sempre sonhei com alguém morrendo no parto, na minha rua tem gente que fala p'ra mim de morte no parto, fala de que a maioria morre no parto das dores que dá. A maioria que faz cesárea não volta p'ra casa, eu também tive medo de cesárea. Acho que o meu parto vai ser cesárea, mas eu gostaria que fosse normal.

Não conheci ninguém que tenha morrido de parto, mas conheço na minha vizinhança gente que diz que conheceu. Acho que as mulheres não morrem de parto assim tão facilmente.

Ela nasce esse mês, vou dar bastante o leite materno a ela, só que eu queria saber até quantos meses vou dar só o leite para ela, acho que o leite da mãe é o melhor que tem, é o leite que a criança não adocece, é o melhor que tem pra ela.

Na minha rua as mulheres dão mais mamadeiras. Acho que é ruim para as crianças, a maioria fica bem sequinha de vermes que dá, acho que é por causa desse tipo de comida, se a criança tem diarréia acho que é por causa do tipo de

comida oleosa e de panela que dão às crianças que já estão com dentinhos, não sei se pode.

Eu ia comprar o mosquiteirinho do berço, o enxoval completo todo, amarelinho, me disseram: Não! A menina novinha vai pegar aquela doença do amarelão, do amarelado, sei lá como é, por causa do amarelo que não pode usar no recém-nascido. Quando era piveta, só depois de um ano deixaram eu usar roupa amarela. Quero usar, porque acho tão lindinho um bebê de amarelinho.

E disseram que na maternidade roupinha amarela não pode colocar no recém nascido. Todo mundo disse, até minha família, que não podia usar, a roupinha amarela que eu comprei para trazer ela p'ra casa, porque dá a doença do amarelo, não sei como é.

Essa touquinha de lã eu comprei, só que me deram susto dizendo que a cabeça da menina ia estourar, que não era p'ra usar isso, que não usava. Ia encher a cabeça de carocinhos e ia matar a menina, fiquei com medo de usar.

Quero saber como arrumar a bolsinha da bebê para levar para a maternidade. Comprei sabonetinho, fraldas de pano, fraldas descartáveis, mandaram comprar chupeta, comprei porque me pediram para levar para a maternidade, uma moça que teve nenê um tempo desse, disse que tem que levar por que a criança chora muito, só se cala com a chupeta, ela disse:

–Oh! Você não vai conseguir dormir se não levar chupeta.

Depois que ela falou o negócio da chupeta pensei: Precisa levar mesmo.

Minha filha vai ter que estudar muito para poder ser uma médica, ele diz que quer que ela seja uma engenheira, um quer que seja médica outro quer que seja engenheira. Pretendo ter mais um filho, depois que a menina tiver sabidinha.

Acho que eu não levo jeito para ser mãe, porque eu ainda não acostumei com a vida de mãe. A vida de mãe é muita responsabilidade, eu não estou acostumada a acordar toda a noite no grito, dou risada só de pensar. Às vezes olho assim p'ra ela e nem acredito que sou mãe, não é engraçado? Dou risada. É estranho p'ra mim que sou nova também, mas eu gosto, estou gostando.

Agora que a criança nasceu estou tentando me adaptar, mas não é tão difícil. Com essa criancinha no colo, sabe que eu não sei o que eu sinto? Achava que a responsabilidade era diferente, Eu dormia demais, acordar de noite...? Agora ela me acordar de noite, eu fico com sono, nervosa, achava que eu ia voltar dormir como dormia antes, mas agora estou vendo... que ser mãe é um negócio diferente.

Estava com medo de dar banho nela por causa do ouvido, mas agora já estou dando, estou arrumando ela direitinho, dando de mamar, chora que só...! Ela é

aperreada, nervosa. Quando a bebê chora fico agoniada, aperreada porque fico pensando que ela está com dor de barriga, fico pensando no que é que ela tem, aí fico também aperreada.

Agora eu vejo o que a minha mãe passou comigo. Mas ela disse que eu sempre fui uma menina boa, graças a Deus. Veja só como ela chora, chorona! Assim que ela veio da maternidade não aperreava não, mas acho que está crescendo, começou a chorar mais. Chorona! Ave Maria! Ela chora mais à noite. Ela troca o dia pela noite. Ela dorme o dia todo, quando é à noite abre o serão, fico com ela à noite, o pai dela trabalha durante o dia, aí ele nem acorda, quem fica sou eu, que mãozinhas bonitas que ela tem...! Isso não é boneca não, é coisa séria! Aqui é caso sério...

Meu parto foi ótimo, fiquei normal, as enfermeiras disseram lá que estava excelente, ótimo. Fiquei tranqüila, eu pensei que seria uma coisa horrível, que eu ia gritar muito, foi o que as pessoas me disseram aqui, ficaram me dizendo isso, aí fiquei com medo, na hora não vi nada disso. Só é ruim na hora das dorzinhas que dá, na horinha dela chegar, quando cheguei na cama, não sei se foi sorte minha, foi rápido, eu não senti quando ela saiu. Quando eu vi a bebê foi uma grande emoção, até pedi para olhar, olhei ela, depois levaram porque estava com frio.

Já usei a roupa amarela e não aconteceu nada, ela está aqui saudável, qualquer coisa que acontece lá vai eu... corro p'ra o CAIC, as moças de lá dizem:

–Está bom, tá ótimo... dou risada... o CAIC vai ter que ter muita paciência...

Lá vai eu, com qualquer coisinha voltar lá de novo...

Elas dizem:

–Volte, está boa, está ótima.

É engraçado.

Quando eu fui lá ontem, a doutora estava dizendo:

–Tchau... só que eu tenho certeza, que hoje, vou ver a sua bebê de novo.

Acho graça que dou gargalhada, comecei a rir com a doutora...

Qualquer coisinha que essa menina tem, lá vai eu p'ra lá, vai ver que não é nada. Vou por causa de alguma coisinha assim como uns carocinhos no corpinho, o que vou fazer se não é nada? Fico com medo dela adoecer, ficar doente, tenho um maior medo de que ela fique doente.

Ela está mamando bem, só no peito, não estou dando outro bico p'ra ela. O bico do peito não está rachado, chupeta ela só pega quando está muito aperreada. Quem me ajuda é a prima do meu esposo, minhas irmãs, minha mãe e me sogra trabalham, fica apenas eu e ela.

Disseram que faz mal cortar a unha do bebê, acho que... não sei... só sei que vou na onda de ... acredito em todo mundo, só me disseram que faz mal, queria saber se faz...

Estou o dia todinho só p'ra ela, é uma boneca de carne e osso... a gente não faz o que quer com ela não, estou colocando ela no colo meio desajeitada, já me ensinaram pegar, mas não sei, acho que eu não me sinto mãe, porque... sei lá... acho que gosto dela mas não me sinto mãe...

Ela é novinha demais, não pensava que ela seria assim pensava outra coisa, miudinha assim, não se parece com o pai, nem tem nenhuma característica dele, é novinha demais! Imaginava uma menina carequinha de cabelo bem amarelinho, gorda, só que ela puxou o pai que é magrinho. As pessoas quando olham p'ra ela só dizem que parece com o pai, comigo nada...

MEGAN

Tem 13 anos de idade, estudou até a segunda série do primeiro grau, é católica, casada com Segenamoya de 24 anos, pedreiro. É a narradora e a mulher mais nova que engravidou na comunidade. Vivencia a primeira gravidez, mora com a sogra, numa casa que tem 15 pessoas. Toda a família sobrevive com a aposentadoria do sogro, que gira em torno de 2 salários mínimos. Enfrentou a oposição dos pais para namorar Segenamoya, sente-se triste por separar-se da mãe, tem revolta contra o pai. Expressa um grande desejo de cuidar do filho que vai nascer, esteve ansiosa para engravidar. Recebe a gravidez com muita felicidade. Vê o futuro com muita esperança, sonha em ser feliz com o marido, ainda brinca de boneca com as cunhadas. Sua narrativa foi gravada em duas etapas: a primeira na sua residência e a segunda em uma das salas do ambulatório pré-natal. Seu marido participou do final do último depoimento.

Meu marido é sexualmente igual ao que era antes, depois que fiquei grávida ele não quer andar comigo

Lembro que na minha infância eu brincava com as meninas. Quando conheci Sege, estava brincando, gostava tanto de brincar que mesmo grávida brincava de boneca. Quando ele chegou fiquei olhando p'ra ele e ele ficou olhando p'ra mim e perguntou o que eu era da Mora. Ela disse que eu era amiga. Ele marcou um encontro comigo para gente se conhecer.

Ele foi pedir meu pai para namorar comigo. Meu pai disse que não tinha moça para namorar, que eu ainda era uma criança. Fiquei namorando escondido dele, quando ele soube brigou comigo, só faltou me bater.

Estudei até a segunda série, quando comecei a namorar estava estudando, parei de estudar quando casei e também porque vim aqui p'ra Maceió. Não faço trabalho fora, só em casa.

Casei em 11 junho de 1997, não estava grávida, o juiz casou sem problema nenhum. Casei só no civil porque na igreja não podia porque eu sou muito nova, só podia com 17 anos. Quando casei minhas amigas ficaram feliz.

Meu pai vive separado da minha mãe, tenho sete irmãos comigo. Os meus irmãos tira o apoio da minha mãe para dar a meu pai, acho que quem merece mais apoio é a minha mãe, ele não tem o direito de deixar ela. Ele pegou ela nova, não tinha o direito de deixar ela com 7 filhos para criar, e desprezar ela e desprezar os filhos que ele tem.

Meu pai vai lá em casa só para dar ordem, não vou mentir, minha mãe já sofreu muito, ele já bateu nela, fez muitas coisas com ela. Mesmo eu casada, no dia que eu passei na cara dele ele queria bater em mim. Eu disse:

–Estou falando a verdade, tem medo quando a falo a verdade?

Quando namorava saía de casa escondido, dizia que ia para casa da Areia. Namorava na casa de meu cunhado, até o dia que o meu irmão descobriu. Meu marido combinou bem assim:

–Megan tapeio que estou namorando com aquela outra menina, namoro com aquela menina tapeando... para seu pai não desconfiar que você está namorando comigo... para ele não bater em você.

Ai eu disse:

–Tá bom.

Depois ele ficou namorando com a outra menina e comigo.

Depois eu disse:

–Segenamoya não dá certo não, se você quiser namorar, namore só comigo porque ninguém que ter seu namorado p'ra dividir com duas pessoas não.

A gente ficou namorando. Ainda a menina ficou com raiva de mim, disse que estava grávida dele, tapeando, p'ra eu não casar com ele, para eu desistir.

Falei:

–Olhe, minha filha, se você estiver grávida não vai me empatar de casar com ele não.

A gente ficava namorando, tinha vez que ficava em grupo para não desconfiar, tinha vez que ia passear escondido, até no dia que minha mãe soube.

Para eu me perder com ele, ele disse que gostava muito de mim, fico com vergonha de falar, dou risada. Me perdi na casa do meu cunhado, tive medo... fiquei chorando... Tive medo dele me desprezar... me entregar a ele e ele só querer me usar e me desprezar, tive muito medo, fiquei chorando... Fiquei muito triste também... por isso que meu pai desconfiou, porque fiquei muito triste, desconfiada... ele foi e desconfiou.

Ele disse:

–A Megan nunca teve desconfiada assim, agora estou vendo ela desconfiada... alguma coisa aconteceu com ela.

Então ele descobriu.

Só vivia chorando, chorando... O meu marido mandou dizer a verdade a meu pai, ele disse:

–Megam diga a seu pai que você não é mais moça mais não, que você já é minha mulher, agora se ele quiser fazer o casamento ele faça que eu caso com você.

Meu pai foi, acertou tudo, meu marido estava trabalhando, pagou o casamento e a gente casou. O casamento foi bonito, me sinto tão feliz que só Deus sabe...

Ele disse:

–Mãe e pai, não caso com nenhuma menina se não for com a Megan, que eu gosto muito dela.

Não sei porque mas parece que quando Deus quer uma pessoa junta ele ajunta, nós dois, eu de lá de São Miguel e ele daqui de Maceió, tanta menina lá de Maceió e ele não foi com a cara de nenhuma, só foi com a minha.

Pelo jeito minha mãe e também meu pai não vão com a cara do meu marido, não gostam dele. Meu pai não queria que eu namorasse com ele, não sabia que eu estava namorando escondido, então eu me perdi com ele, meu pai ficou com raiva, com desgosto. Daí, minha mãe disse que se eu quisesse morar mais ela desse meu filho a quem eu quisesse, senão, desse a meu marido para criar, mas só que eu disse a ela que meu filho eu não dou a ninguém, não dou nem ao meu marido e nem a ninguém, que se Deus me deu, deu para eu criar, com fé Deus me ajudará a criar.

Não achei muito boa a minha vinda para cá porque fiquei longe da minha mãe, sentia falta, só vivia chorando porque nunca separei dela, foi a primeira vez, aí fiquei triste. Se eu pudesse nunca saía do lado da minha mãe, só vivia juntinho porque ela é uma pessoa feliz, quem bem souber nunca despreze sua mãe.

Não me sinto feliz em não ter apoio da minha família, mas me sinto feliz com a gravidez. Com a minha sogra tudo bem de vez em quando o meu sogro é que é abusado.

Quando soube que estava grávida fiquei muito alegre, me senti mais feliz, alegre, nunca estive assim, só vivia falando. Mesmo quando era solteira, ainda criança queria ter um filho para cuidar, criar, p'ra dar banho, andar com ele, dar carinho. Eu pedia tanto a Deus para me dá um filho, até quando Deus me deu, me ouviu e me deu, agradeço a Deus. Agora o que peço a Deus é que me dê meu filho com saúde e me dê saúde e a todas as pessoas e proteja meu filho e nós todos.

Não esperava engravidar mais não, achava muito demorado, pensava: as outras ficam grávidas tão cedo e eu custo, aí minha sogra dizia bem assim:

—Megan, Deus sabe o dia de dar um filho a você, não precisa você ficar pedindo não.

Não tomei nada para evitar filho, conheço comprimido, injeção, camisinha, mas não usei nada. Quando desconfieei que estava grávida ia fazer um mês, ou antes de um mês, porque quando fui para casa da minha mãe, senti uma vontade de desmaiar, uma fraqueza, vontade de vomitar, nunca senti enjoô quando ando de carro! Pensei: acho que estou grávida, tenho certeza de que estou grávida, então disse:

— Segenamoya, estou grávida!

Ele disse:

— *Tu sabes para dizer a verdade?*

Respondi:

— *Sei, vamos fazer uma apostá?*

Ele disse:

— *Vamos! Quando chegar em Maceió vou procurar um médico, vou fazer uma consulta p'ra ver.*

Foi quando fui, deu certo.

Fiz exame para saber se estava grávida perto da praia da Pajuçara, porque é assim: eu não podia entrar logo no cadastro do PSF porque era novata, o Agente de Saúde disse que eu não morava aqui mesmo não, porque sabia que eu morava em outro canto, porque não pode botar não, só se morar dentro da casa, se for família mesmo, aí fui fazer lá. Depois ele me colocou lá, fiquei fazendo pré-natal até hoje.

Faço pré-natal desde o primeiro mês de gravidez, estou indo direitinho às consultas. Quando viajo para a casa da minha mãe que não dar tempo para eu ir naquela data vou para o CAIC, se não dar para ir no dia cinco marco para o dia dez, assim eu vou.

O meu nenê mexeu eu ia fazer quatro ou era cinco mês de grávida, fiquei muito feliz, fico muito feliz quando ele mexe, fico com raiva quando ele não mexe porque ele devia sempre mexer.

Durante a gravidez senti vontade de vomitar, desmaiei, quase desmaiei ali na sala, não caí porque segurei no meu marido. Em São Miguel quase que desmaiava umas três vezes, me sinto fraca, se eu não ficar num canto, caio...

Tomei sulfato ferroso. Tenho me alimentado com vitamina, leite, frutas. Meu marido comprava bombom p'ra mim, agora não que a médica disse que eu não comesse mais bombom para o menino não nascer... com o fígado ruim por causa do comer muito chocolate, ela disse que era ruim. A médica do pré-natal disse que não era para comer comida quente, que não pode e nem comer muitas coisas doce para não dar diabete. Não comesse muito, que comesse pouco porque é ruim para a criança, que pode o menino nascer muito gordo, que no parto sofre mais.

Meu marido está bem, é sexualmente igual o que era antes. Continuo mantendo relação sexual, ele não fala nada... Sinto raiva porque depois que fiquei grávida ele não quer andar comigo, quando estava sequinha, que nem as outras

ele queria carregar para todo canto. Ele tem andado de vez em quando comigo, dia de sábado, mas ele disse:

–Não gosto de andar com minha mulher sem dinheiro, gosto de andar assim com dinheiro para fazer o que ela quer.

Agora ele não é ruim para mim mesmo não. Ele tem o dinheiro me dá o dinheiro dele é dividido, se ele ganhar 100 ele diz:

–É cinqüenta seu e cinqüenta meu.

Só que gasto os meu cinqüenta e ainda gasto do dele, ele fica bravo... acho graça por isso dou risada.

A minha vontade é de ser doutora, enfermeira, essas coisas assim mas eu acho que meu sonho nunca vai se realizar. Porque não sei ler...Ser professora é ruim porque não tenho paciência com menino que é muito zoado.

Não procuro estudar porque quem é que vai ficar com meu filho? Meu marido disse se arrumar serviço bom, numa firma, fichado, vai pagar uma menina p'ra ficar olhando meu filho enquanto eu vou à escola.

Só queria uma coisa, mas ninguém pode fazer, é ser feliz com o meu marido, não brigar, não discutir, ser uma família muito unida, só eu e ele não, e todas as pessoas também, tudo que eu peço p'ra mim, p'ra o meu filho, meu marido quero para todas as pessoas

Bem eu queria pedir que todas as pessoas do CAIC ajudasse aquelas que não tem condições, que o marido está desempregado, não podem comprar enxoval, que está p'ra ganhar bebê e não tem nada ainda, queria perguntar a vocês se podiam ajudar também.

E também todas as gestantes ter assim a oportunidade de tirar ultrasson. Conversar com a pessoa também. Ser legal com a pessoa. Quando a pessoa fosse para o CAIC tivesse médico para dor de dente, porque sempre a pessoa pode sentir dor de dente, a boca da gente é bem... uma porcaria só vive dando dor de dente, era bom que tivesse um médico lá também, médico p'ra vista, mas que a pessoa precisa dessas coisas.

MIDUIAN

*Foi criada pela avó, tem 29 anos, estudou até a sexta série, mora há doze anos neste conjunto, tem duas filhas, uma delas, adolescente, que saiu de casa para morar com as amigas. Abandonou a escola com vergonha da primeira gestação. Encontrou-se desempregada. Trabalhou em mutirão para conseguir a casa onde mora, fuma e bebe muito, continua morando com a avó. Praticou cinco abortos, jamais usou alguma contracepção. Embora tenha passado sérios sofrimentos com **gravidezes** indesejadas, continua não se prevenindo. Recusou freqüentar o pré-natal, mas recebeu as visitas dos profissionais do PSF com muita receptividade. É explosiva, agressiva, não leva desaforo para casa. Queixa-se de não ter sorte com homem, só arruma os que não prestam, tem muito medo de se entregar, conhece da vida de todo mundo da rua. As entrevistas feitas com Miduian, foram realizadas na sua residência, principalmente, quando sua avó não se encontrava em casa, assim sentia-se livre para falar.*

O homem que eu gostava, quando sabia que estava grávida me dava um chute...

*Meu nome é **Miduian**, Tenho 29 anos, estudei até a 6ª série, trabalhei em casa de família e nos carnes do Baú da Felicidade. Nasci na maternidade Santa Mônica, fui criada pela minha avó, que penava lavando roupa de ganho. Tenho três filhas, uma adolescente com 12 anos, uma criança de 2 anos e uma bebê com 48 horas de nascida.*

Minha mãe se casou duas vezes. Quando meu pai morreu deixou minha mãe grávida de mim, não podia me criar e trabalhar, me deixava com minha avó e ajudava também com o comer .

Minha avó é aposentada, ganha um salário mínimo, é quem sustenta a casa. É com esse salário que nós vivemos.

Moro neste Conjunto desde que foi construído, já está bem com uns doze anos, eu e minha avó somos os primeiros moradores daqui, isso aqui foi de mutirão, a gente se afragelou, fizemos uma barraquinha, tinha uns cartõzinhos aí cada um trabalhou. Trabalhou aqui eu e minha avó de 60 anos, só nós duas aqui. Eu já tinha aquela minha menina, essa que fugiu, isso aconteceu na época da cheia, só que nós não morávamos aqui, morávamos na Coréia, quando a gente ouviu que estavam dando casa para os afragelados da cheia, viemos para o Dubeaux Leão, ficamos lá até consegui vir para cá, trouxemos umas cadeiras para pegar um canto, pote d'água, panela para ficar no cantinho da gente.

Quem deu essas casas foi o Prefeito da época, ele deu todo o material e nós trabalhamos. Temos o documento da casa. Tem gente aqui que vendeu a casa, trocaram por carroça, a maioria das pessoas que trabalharam no mutirão não moram mais aqui.

Passei minha infância na Coréia, ficava trancada, nós morávamos numa vila, minha avó era lavadeira, quando saía dizia: fique dentro de casa, cuide das coisas, não vá p'ra canto nenhum, senão quando chegar lhe dou uma pisa.

O homem que eu gostava, emprenhava dele, quando sabia que eu estava grávida me dava um chute, eu pensava: meu Deus, grávida, desempregada, ficava em casa, minha vó dizia:

–Não quero menino aqui.

Enchia minha cabeça aí eu pô, saía p'ra beber, aí eu dizia: meu Deus do céu!

Aí o homem me ensinou... dá isso aí a ela... um citotec... tá certo... pegava um biscatinho, um dinheirinho, tome comprimido na farmácia, comprava, mais tarde eu tomo, quando me acordava tomava com chá e eu mesma colocava, me ensinavam direitinho, eu só dava um cuchilinho aí a dorzinha tô aqui. É vinte minutos, vinte minutos, a criança... é uma agonia triste, é uma dor demais, é uma agonia triste, acho que a criança está morrendo não é? Você pode pegar um comprimido de citotec e pôr num pedaço de carne e pode olhar no outro dia como é que fica, ela come todinha a carne.

Já provoquei cinco abortos com citotec, do último aborto quase morri, coloquei dois e também tomei dois citotec, não lembro quanto gastei, mas hoje só um comprimido custa dez reais, comprei numa farmácia, nessa época vendiam sem receita e ainda vendem por debaixo dos panos, toda farmácia vende. Os três primeiros abortos eu usei chás e os dois últimos citotec. Abortei porque tive raiva da pessoa que eu estava relacionando, tinha raiva, ficava agoniada, ele não vinha aí eu fazia e tomava o chá, ia beber era uma bagaceira triste. Ainda bebo, quando tiro p'ra beber bebo uma cachaça triste.

Da última vez que tomei citotec quase fui p'ra o buraco, me deu um tremor, infeccionou por dentro, se não fosse esse homem da farmácia daí, eu estava lascada, estava no chão. Foi ele que me vendeu o citotec, aí ele ficou com medo... tinha uma menina aí que abortou e foi presa porque ela pegou o menino botou numa caixa de sapato e botou na porta p'ra o lixeiro pegar, quando o lixeiro foi pegar olhou era uma menino morto, ele foi na polícia e mostrou a casa, a menina disse que foi o dono da farmácia, a farmácia ficou fecha, não fecha, não sei, mas pediram não sei quanto em dinheiro, ele tinha por isso que a farmácia está aberta, por debaixo vendendo.

Aí comprei a ele o remédio, ele disse:

–Não diga não, tive esse problema aí.

Minha amiga disse p'ra ele:

–A Miduian está se queimando de febre e está lá se tremendo.

Foi aparecendo logo uns tumores em mim, na minha bunda, eu pensava: meu Deus eu vou morrer, aquele suor... a minha sorte foi que eu não tive hemorragia, mas outros problemas eu tive.

Minha filha mais velha tem doze anos e a segunda tem dois, só que a de doze fugiu por causa de amigas, não sei se ela está namorando. Antes disso

acontecer ela estava namorando um rapaz aqui na porta, ela tinha acabado com o rapaz, deu de amizade com as meninas daí da favela, pronto. Quando me vê corre como se eu fosse um bicho p'ra ela, não sei onde ela está, deve está nesta rua aí de baixo com as malandras. Ela estava estudando na escola do CAIC, fazendo a 4ª série, adiantada nos estudos, todo mundo gosta dela lá, depois que começou com umas amizades na favela endoidou a menina. Ela não é moça não, com doze anos mas não é moça.

Sempre eduquei ela direitinho, ela não apanhou aqui não, ela falava que eu não dava nela, se eu espancasse ela, ela poderia dizer: saí de casa porque minha mãe me espancava. Mas eu não espanquei ela, tudo que ela queria ela tinha, moro aqui com a minha avó, e elas duas, o pai dessa criança que estou grávida está comigo só que ele mora na casa dele. Ela saiu de casa por causa de safadeza mesmo, por causa de amigas mesmo, o problema dela é amiga, é isso. Ela é bem bonitinha, engraçadinha, inteligente, tem sorte, ela joga numa coisa ganha na hora, só que as meninas tem inveja dela e puxa ela para o mal, desgraçar e destruir ela. E de fato está destruindo ela mesmo.

Conversei com ela umas quatro vezes, ela veio sábado aqui e carregou escondido todas as roupas, eu não estava em casa... tinha saído para encontrar o pai dessa menina para levar ela para ele ver, na casa da minha cunhada. Quando cheguei soube da notícia, ela veio aqui e pegou as roupas todinha, e eu disse:

–Vó você deixou?

Eu sei que são as amigas dela, quando vou atrás e perguntou elas dizem:

–Aqui ela não está não, não tá não na minha casa não, não sei o quê... não sei o quê... traga a polícia...!

Aí começam a me esculhambar, fico calada, penso: –Vou falar com Dra. advogada para tomar providência, ela pode ir na casa das amigas dela e levar logo a polícia lá. Elas não querem dizer onde ela está, uma diz está não sei onde, as pessoas vê ela na rua pedindo dinheiro direto.

O vizinho que vende coisa na praia, vê ela direto, quando passa diz:

–Vi tua filha com bocado de meninas ali, toda maloqueira, no bar pedindo dinheiro.

Aqui dentro de casa ela não pedia, agora fica pedindo na rua o dia todinho e à noite, dá uma tristeza... não sei se é caso de prostituição, não sei, gostaria de internar ela em algum lugar que ela só saísse de maior.

O pai dessa criança que estou grávida é o mesmo dessa de dois anos, estou com ele. Quando ele pega algum dinheirinho dá p'ra eu comprar alguma

coisa, ele não é tão ruim assim, dá o leite dela e mais nada. Ele está aí na rua, na porta do lado, o nome dele é Akerman, minha avó não gosta dele porque acha que ele é preguiçoso. Ele mora na Ponta Grossa. Ele não mora aqui porque minha avó não aceita, eu estou na casa dela...

Fiquei com esse bucho porque o pai da criança quis. Eu gosto muito dele, estou com ele há 4 anos. Os filhos que abortei não eram dele.

Mesmo estando grávida, fumo uma carteira de cigarro por dia. Esta é a minha terceira gravidez, tenho duas meninas, tinha 15 anos na primeira, fiquei com vergonha e abandonei o estudo.

Fiz até a 6ª série, na gravidez da minha primeira menina tive vergonha de estudar, daí me atrasei no estudo, não quis mais saber de estudo por causa dessa minha menina que saiu de casa.

Sofri tanto dela, e eu fiz pré-natal, por isso é que eu tenho raiva de fazer pré-natal, tive aquela doença eclâmpsia, inchei muito, passei oito dias na casa de saúde Santa Mônica, passei três dias na UTI, em coma, sem conhecer ninguém, tive aquela doença, tudo isso, na gravidez ninguém me dizia o que eu tinha só passavam remédio, remédio e nada, ali naquele posto que tem do Artesanato na Coréia, me consultava ali, todo mês eu ia direitinho, certinho e tudo. Quando foi no dia tive esse problema, estava acompanhando direitinho e essa médica era de lá da Santa Mônica, mas na hora que eu precisei dela, ela não estava lá, aí minha mãe teve de pagar um médico particular p'ra poder... sabe? Primeiramente Deus, segundo foi o médico.

Quando a gente chegava na maternidade, as pessoas diziam assim:

–Virgem Maria! Não vamos ficar com ela aqui não..., não vou ficar aqui com ela não...

Me apavoraram, eu perguntava:

–Por que não vão fazer o meu parto?

Quando olhavam p'ra minhas pernas de tão inchadas que saia até água...

Respondiam:

–Minha filha você vai precisar de UTI...

Eu dizia:

–Virgem não vou ter mais esse menino prefiro morrer aqui mesmo...

Fui p'ra casa umas três vezes e voltava, a única que me aceitou foi a U.T.I. da Santa Mônica, eu e minha avó andamos todos estes hospitais. Diziam:

–Aqui ela não fica, não. Leve ela p'ra Santa Mônica que lá tem atendimento.

Nenhuma maternidade me queria... fui direto p'ra lá e me atenderam.

Inclusive meu primeiro parto foi uma cesariana, porque tive o problema da eclâmpsia. Foi a Dra. Kwenda. que o fez, lembro-me do nome dela até hoje, uma galegona que estava de plantão, da mão dela passei para do Dr. Kenakatem, não sei nem se ele ainda é vivo, foi ele que cuidou de mim, ele me chamava de Colorau porque eu perdi muito sangue, muito sangue...

Ele dizia:

–Cadê meu Colorauzinho?

Mangava tanto de mim, pensava: tem nada não meu sangue vai voltar aos poucos.

Meu braço ficou duro de tanta injeção que tomei, muita injeção, oito dias, todo mundo ia embora e eu ficando, iam embora e eu chorava.

Eu ia ficar aleijada das minhas pernas por ficar muito tempo sem andar, quando fui me levantar para ir ao banheiro, ôxe! cá. Gritei:

–Aí meu Deus! Estou aleijada!

Comecei a me desesperar.

Já o parto dessa pequenininha de dois anos, foi ótimo, não fiz pré-natal porque fiquei chateada, eu fazendo pré-natal da primeira, o médico devia dizer que não podia comer muito sal, eu comia muito sal e ela não perguntava nada, chegava lá media minha barriga e olhava p'ra mim e dizia:

–Você está anêmica, vou passar esse remédio p'ra você.

Passava o remédio e eu vinha embora. Quando era no outro mês, vinha de novo, ela passava mais remédio ainda, até os nove meses. E pré-natal é isso? Se for isso, pensei, não vou mais não, se tiver que morrer morro nas mãos de Deus. Até hoje penso assim.

Fiquei grávida da mais nova e também não fiz pré natal, nenhum exame, nada. Passaram no CAIC o papanicolau que a Agente me falou. Gostaria de saber se deu alguma coisa no meu exame ginecológico.

Pensei: Estou com um monte de exames p'ra fazer, tem hora que eu acredito, outra não acredito. Fico pensando assim: no caso de ter algum problema dessa gravidez será que vai controlar? Não vou fazer nada... Também não fiz os exames do pré natal porque morro de medo de agulha, tenho pavor, se for para fazer vou ter que fazer... Pode marcar minha consulta p'ra o pré-natal que eu vou, só fiz uma consulta.

Será que na hora do problema o médico do pré-natal vai estar lá, principalmente p'ra me ajudar? Dizendo: essa daí é minha paciente, como eu já conheço minha paciente... mas na hora não vai estar... aí prefiro não fazer pré-

natal. Minha avó teve vários filhos sozinha, quando a assistente chegava o menino já tinha nascido, só chegava para cortar o umbigo.

Vou dá uma fumadinha, já estou que não me aguento, o médico proibiu mas eu não parei de fumar, proibiu de tomar café, de vez em quando faço um cafezinho, não tomo direto.

Morando aqui na casa de minha avó, a chegada de mais um me deixa desanimada, fazer o quê? Matar não posso, jogar fora também não posso, eu prefiro dar a alguém... Minha avó diz:

–Não posso comprar leite não.

Nunca tomei nada p'ra evitar, pior ainda, não me dou com camisinha. Eu quero me operar para não ter mais menino. O médico não quer me operar, não sei porque. Não tenho sorte... Se fosse a dinheiro no instante ele me operava, como eu sou uma coitadinha... Amanhã vou sair de manhã e falar com a Dra. A.

Tinha medo de me entregar... medo de pegar doença. Tive três pessoas, não tenho sorte, meu destino é desgraçado... só pego homem que não presta. Esse é reparigueiro, não namora bem, nem me faz uma carícia, nem ligo. De primeiro eu ligava, mas agora não estou nem aí com ele, passa semana p'ra lá bagunçando e pensa que eu vou atrás? Vou uma porra! Os amigos dele dizem:

–Ele está ali bebendo mais as meninas.

Digo:

–Deixe ele bebendo, não estou nem aí, a boca é dele, o dinheiro dele é p'ra estuporar, só quero que ele mande o leite da menina. No outro dia ele manda vir trazer. Às vezes nem falo com ele, ele fica aí e depois se manda, mas ele não deixa eu dar a menina p'ra ninguém criar, fazer o quê?

Estou sentindo tanta dor na barriga desta gravidez, tomei chá de sambacaitá. Estou com uns problemas aí também, no meu útero, o meu útero está com problema, estou com corrimento e ardor p'ra urinar...

Prefiro ele não me procurar, quando tenho alguma relação parece que vai me furar, dói quando tenho relação, arde! Será que é problema de gestação ou é problema mesmo?

Está com um mês que ele tomou um remédio p'ra gono, tomou dez comprimidos de uma vez, não sei não mas acho que passou p'ra mim, tenho medo de virar câncer, ele teve relação comigo e não me disse.

Não sei onde vou me internar, deixar minha filha pequena sozinha não posso pois ela só tem dois anos...

KUMAT

Está grávida pela primeira vez, tem 19 anos, cursou até a 8ª série, é católica, desempenha função no lar. Casada com Tchuikuban, de 26 anos que se encontra desempregado. É muito companheiro, participou do pré-natal, aguarda o nascimento do filho com muita expectativa. Kumat engravidou logo que casou, de início não aceitou a gestação, tomou chás abortivos. É uma pessoa tranqüila, muito calma, tímida, não gosta de conversar muito, é de poucas palavras, mas muito objetiva. Sua narrativa é curta, mas de grande contribuição. Segundo ela, há diferença em ter relações sexuais durante a gravidez. De poucas palavras, mas de grandes ações, participou do grupo de gestante e trouxe cinco amigas grávidas para receber orientações e fazer parte do grupo. Kumat consentiu em ser entrevistada após reunião do grupo de gestante no CAIC, quando as demais colegas foram embora, seu depoimento foi gravado.

Na gravidez é diferente transar.

Casei em dezembro, quando foi em janeiro mesmo engravidei, não estava tomando nada p'ra evitar, porque não pensei logo em tomar nada não. Antes da gente casar, ele perguntou se eu queria filho, se eu queria que ele comprasse comprimido. Eu queria tomar, mas disse que não, porque se minha mãe visse podia achar que eu estava transando antes. Porque qualquer coisa ela pergunta, remédio assim...

A gravidez p'ra mim mudou muita coisa, a pessoa fica diferente, sabe que vai ter um filho, fica esperando. Desconfiei que estava grávida, fiz o teste p'ra saber se estava, quando fiz o exame deu positivo, já esperava.

No começo eu não queria porque casada há pouco tempo, pensava que só ia engravidar lá p'ra o finalzinho do ano, não queria logo, antes de casar eu sempre pensei que quando eu casasse ia demorar a ter filho.

Eu queria até comprar remédio p'ra não ter, tomei remédio de plantas, p'ra..., eu mandei ele comprar na feira, era tudo misturado, eu tomava mas sempre vomitava. No dia em que mandei ele comprar o remédio ele não queria me ouvir, aí eu disse:

Ah! quero, quero, quero tomar!

Só contei p'ra minha irmã que tomei o chá. Depois não teve jeito, então eu deixei. Depois eu fui gostando mais da idéia.

Nos primeiros meses eu senti... senti muito enjoô, só vomitando e dormia muito, depois comia muito também. Comecei o pré-natal com quatro meses.

Durante a gravidez, meu marido, continuou o mesmo no sexo, quando a barriga estava muito grande a gente fazia de banda, em pé mesmo. Sentia dor nas mamas quando ele apertava, dizia p'ra ele e ele não dizia nada.

Eu tinha medo p'ra ele não apertar a barriga, e tinha vezes que eu não me sentia bem, tinha dias que ... Na gravidez é diferente transar, eu fico mais cansada, só que molha mais (lubrifica).

A gente teve relações a noite antes dele nascer, quando foi de madrugada comecei a ter as dores. Não tive dificuldade p'ra ele nascer.

MAGAHINE

Foi criada pela avó que tem uma forte influência em sua vida, juntamente com suas três irmãs. Tem 19 anos, é gêmea univitelina. Gostava muito de brincar quando criança, sua avó lhe proibia de sair de casa para que não ficasse falada. Filha de pai alcoólatra, gostava de paquerar. Sua iniciação sexual foi acompanhada de culpa, desconfiança e medo, tinha receio de ser abandonada pelo namorado. Usou contracepção por dois anos às escondidas, tinha vergonha de comprar o comprimido por isso mandava o namorado compra. Está muito contente com a gravidez, queria muito, espalhou a notícia assim que recebeu o resultado do exame, deseja um filho, tem medo do parto normal, acredita que a cesárea é mais fácil e melhor. Vomitou muito no início da gestação. Faz todos as tarefas domésticas, deixando o mais pesado para o marido. O sexo mudou para ela, mas não para o parceiro. Magahine foi entrevistada na sua residência, mostrou-se tranqüila, serena, sua narrativa é clara e de muita expressividade.

Quanto ao sexo mudou p'ra mim... não era como antes de estar grávida

Meu nome é Magahine, nasci no Trapiche, estudei até a 2ª série. Sou gêmea, tenho três irmãs, comigo quatro, todas vivas. Minha mãe deu a gente p'ra minha avó criar, não ligava muito, assim, fui criada com a minha avó que hoje tem sessenta e seis anos, meu avô já morreu. Meu pai separou da minha mãe, também não ligou p'ra gente.

Quando eu era pequena ia para a escola, ia para a Igrejinha do Trapiche, gostava muito de brincar e ir p'ra casa das minhas tias. Brincava de correr, de pega, de esconder, acho engraçado. Brincar de avião na calçada. Minhas primas brincavam comigo, não moravam perto, mas minha avó tem um monte de neto que ia p'ra lá, p'ra minha casa, minha avó morava na rua Almeida Leite, no Trapiche. A escola era na igrejinha do trapiche, me esqueci o nome.

Minha avó não deixava eu ir para praia, nem sair, p'ra não se perder (relacionar sexualmente com alguém), muita gente chamava para a praia e ela não deixava, não deixava nem meu pai levar a gente, porque eu fui uma vez com meu pai p'ra praia, ele me deixou e mandou o amigo dele me levar p'ra casa. No dia seguinte, minha avó brigou com meu pai, disse que não gostou.

Não morava aqui, gostava de vir aqui p'ra casa das tias, descia aqui p'ra baixo, gostava muito das minhas primas, a Ombleane, a Kalekúmban, mas foram embora.

Lembro de muito sofrimento quando vim p'ra cá, sofria muito por causa do meu pai. Meu pai trabalhava e gastava todo o dinheiro com bebida, não trazia p'ra fazer feira, ele bebia dava na minha mãe, batia muito na gente, fazia a gente tomar banho logo cedo de manhã, sei que ele é meu pai mas não gosto dele não.

Ele viveu com a minha mãe dentro da casa da minha avó, só que era minha avó quem cuidava mais da gente, tudo numa casa só. A gente nem vai na casa dele, ele batia na gente, fui desgostando dele até hoje. Dou a bênção a ele porque é meu pai, mas não gosto dele.

Vim morar aqui nesse conjunto com 13 anos. Não gostava de paquerar quando tinha 11, 12 anos. Minha menstruação veio quando tinha 13 anos, já sabia

porque via tudo dentro de casa, via minha irmã e minhas tias trocando modess, via também saindo com namorados. Falaram p'ra mim:

–Um dia você vai ter isso, não fique mangando não, que um dia você vai ter isso.

Quando veio p'ra mim, me senti muito bem, quando veio pela primeira vez gostei. Falei p'ra minha avó, ela disse cuidado, vai usar modess, não é p'ra falar p'ra ninguém, guardar o segredo... Ela disse que eu não podia comer comida carregada, fruta carregada, como abacaxi, melancia, banana só que eu tejmava e comia essas coisas todinhas e até hoje tenho inflamação, escorrimento brando, já estou me tratando. O escorrimento não é da fruta, mas porque eu comia muita coisa carregada e a médica dizia que não podia usar calcinha de lycra, mas só de pano, calcinha de lycra apertada muito, davam p'ra eu usar e até hoje uso calcinha de lycra.

Depois da primeira menstruação, mudou, mudou assim... botando corpo, era magrinha, fui engordando um pouquinho, botando corpo. Quando vestia uma roupa ia p'ra rua, ficavam paquerando, acho engraçado, dou risada, isso para mim, era legal.

Comecei a paquerar com quatorze anos, vim namorar com quinze. Meu primeiro namorado foi meu marido. O namoro começou assim: eu vi ele ali na esquina, todas as vezes que ele ia p'ra casa da minha avó ficava me paquerando e eu paquerando ele, aí teve um dia que ele falou direto comigo, disse que queria namorar comigo e estava avexado p'ra pedir à minha avó. Eu dizia:

–Ah! agora não, porque ela não vai deixar.

Ele perguntava:

– Por quê?

Respondia:

– Minha avó é toda chata, não vai deixar, me acha muito adolescente para namorar, muito cedo.

Ele pediu a minha avó p'ra namorar comigo. P'ra me paquerar ele ia todo dia p'ra casa da minha vó. Eu ficava olhando p'ra ele e ele p'ra mim, só que ele viajava muito, ia p'ra casa dos avós dele dia de sábado e domingo.

Comecei a namorar uma semana e depois foi que ele pediu à minha avó. Marcava encontro p'ra conversar, namorar, eu com medo que a minha avó ou mãe viesse ou meu tio, a gente ficava olhando da esquina, só conversando, namorando. Quando ele falou com minha avó, a gente ficou namorando na porta, ele disse p'ra ela:

–Quero namorar de porta com a Magahine.

Ela disse:

–Ah! mas vocês tem que namorar de porta, direitinho, só que eu não vou deixar você sair mais ela p'ra o cinema, nem p'ra praia, p'ra canto nenhum.

Eu pensava assim: Que besteira da minha avó, vejo tanto namorado saindo com a namorada. Não saía escondido, só ia na casa da mãe dele.

Namoramos dois anos, quando completei dezesseis, noivei. Mudou o respeito, ficou com muita liberdade, minha avó dizia p'ra esperar o casamento para depois acontecer... Ele era comportado, namorou direitinho, não casei logo totalmente não, em fevereiro ele avançou o sinal, eu contei p'ra minhas irmãs, fiquei desconfiada, minha avó dizia:

–Eu sei muito bem quando uma moça se perde, como é que ela fica.

Ela perguntou às minhas irmãs, aí minhas irmãs falaram que eu não era mais moça, ela nem bateu em mim e nem nada. Disse:

–É aconteceu, o jeito é casar no civil e ir morar.

Casei no civil e até hoje a gente está morando na nossa casinha. A minha irmã gêmea também está grávida de dois meses, ela se perdeu há pouco tempo, ela mora com a minha avó.

Quando ele avançou o sinal, foi na casa dele, fiquei desconfiada, com medo...com medo da minha avó bater em mim. P'ra minha mãe não era nem novidade, ela nem ligava p'ra isso. P'ra mim foi muito bom ter se perdido com ele, confiei muito nele, pensava assim: de me entregar e ele me deixar como faz os outros, né? Mas eu confiei muito nele e ele correspondeu.

Engravidei quando já estava casada, desde que me perdi estava evitando, tomando comprimido, a gente comprava na farmácia, ele é quem comprava, eu tinha vergonha. Tomava à noite, escondido da minha avó. Ele resolveu que eu deveria parar de tomar os comprimidos. Depois do carnaval desse ano, ele disse que não era mais p'ra eu tomar o comprimido.

E minha avó dizia:

–Por que a Magahine não engravida? Por que a Magahine não quer ter filho? Devia ter filho nova do que ter filho velha, ser mãe pela primeira vez é besteira, fui mãe com quatorze anos.

Minha avó queria que eu engravidasse.

Depois que parei os comprimidos fiquei grávida, veio no dia nove do mês e não veio mais. Tinha certeza que estava grávida, estava desconfiada porque passou dois meses e não vinha a menstruação. Eu falei:

–Acho que estou grávida, Akerman.

Ele disse:

–Vá fazer exame p'ra saber.

Respondi:

–Não precisa fazer exame porque eu já sei que estou grávida, a menstruação faltou e não veio mais.

Daí fui fazer pré-natal. A Agente de Saúde disse p'ra fazer o pré-natal ali no CAIC. Quando vim fazer já estava com dois meses.

No pré-natal fiz exame p'ra saber se estava grávida, exame de sangue, p'ra saber qual é o sangue. Quando tive a certeza eu disse p'ra todo mundo, disse p'ra mãe dele, porque ela ficava falando:

– É, não quero ser avó agora.

E não queria que eu tivesse filho. Ficou conformada, parou de dizer que estava muito cedo, que era p'ra comprar as coisinhas de casa. Minha avó disse assim:

– Imagina, eu pari tanto filho e nunca empatou comprar nada p'ra minha casa!

Minha avó disse assim p'ra ela, que era besteira. Acho também besteira, o filho não vai empatar comprar móvel.

Eu vomitei bastante na gravidez, emagreci, emagreci muito, quando estava com três meses, emagreci, ficava amarela. Minha avó disse:

–Como ela está amarela, emagreceu!

Vomitava muito, vomitei até os quatro meses. Quando acabava de comer botava tudo p'ra fora, não tomava nenhum remédio, só p'ra o sangue (sulfato ferroso).

Quando vier fazer o pré natal vou pedir p'ra fazer ultrassom p'ra saber se é homem ou mulher p'ra daí comprar o enxoval direitinho, ainda não comprei, se for homem compro o enxoval de homem, verde, branco, amarelo, azul e se for menina só compro rosa E se não souber o sexo? E se eu comprar de menina e for menino? Eu quero menino e ele quer uma menina porque é o sonho da mãe dele, que só tem filho homem, daí o prazer é ter uma neta mulher.

Em casa faço tudo, o que é mais pesado, passar pano na casa e lavar roupa, às vezes quando não quero fazer passo p'ra o meu marido, ele passa o pano à noite, quando é bem cedo só faço varrer, enxaguar a roupa, lavo a roupa à noite e cedinho, porque falta água que só.

Quanto ao sexo, mudou p'ra mim, acho que mudou, não era como antigamente, como antes de eu estar grávida. Antes era bom, acho que p'ra mim empata por causa da barriga, é ruim assim, fazer relação, a pessoa faz à pulso, porque diz que é bom fazer, o médico disse que é bom, p'ra não parar de fazer isso, que é bom p'ra abrir a carne.

Dou risada de vergonha, a gente faz sexo normal como fazia. Ele faz em cima de mim. Quando estiver com a barriga bastante grande vai fazer de bandinha e não em cima, que vai ser ruim p'ra o nenê. Ele continua o mesmo comigo no sexo, faz com muito prazer, tem marido que não faz pensando que é ruim fazer em mulher grávida, mas eu não faço com muito prazer, ele é animado, sempre sai comigo, a gente passeia, ele nunca sai sem mim. Acho bonintinha minha barriga, redondinha, meu corpo continua bonintinho não fiquei larga, meu marido pega na barriga, beija, não vê a hora de nascer, pede p'ra nascer logo, tirar a barriga porque...

Estou contente com a minha gravidez, foi bom acontecer, eu queria muito, não sei como será o parto, estou desconfiada... tenho dúvidas, estou achando que não vou ter normal, vou ter cesárea porque acho minha passagem muito pequena, sinto quando vou ter relação, me acho muito fechada; demora ele fazer... demora p'ra cruzar (entrar e ejacular), acho muito fechada, trancada, ele também acha, fico pensando que não vou ter filho normal. Não uso nada para ajudar a penetrar. A gente namora e depois faz o sexo, não observo nada em mim, se molho ou não, depois que faz ele tira, então sai o corrimento das mulheres.

Diz o povo que é ruim se for parto normal, pode ter ruptura, aquele negócio que dá, quando aplica a injeção para fazer o parto. Eu gostaria que fosse cesárea, porque normal minha sogra disse que a pessoa faz muita força p'ra botar o bebê p'ra fora, diz que sofre mais, é dor forte, depois que o menino sai é que fica aliviada, se acalma mais, dá sono e dorme, depois a enfermeira traz p'ra alimentar a menina. A melhor recuperação é do parto normal porque os pontos cai logo, a pessoa não anda muito devagar não, faz coisinhas leves, não pode se acocorar.

Na cesárea não, a pessoa só faz cortar a barriga e tirar o bebê e pronto, parece que não demora. A pessoa anda devagarzinho, pode pegar em peso leve, se abaixar, eu quero fazer cesárea porque não quero sentir a dor e nem sofrer muito assim, tenho medo de ser normal, porque as vizinhas dizem que a pressão da mulher aumenta, que dá hemorragia, aí estou com medo de dar hemorragia em mim... se cesárea... se for duas ou três opera (laqueadura) logo.

Minha avó teve tudinho normal, minha mãe teve todos os partos cesárea, minha irmã mais nova teve parto normal na Santa Mônica, foi um menino. Minha irmã disse que quando foi ter não chorou, nem nada, a mulher botou ela na sala de mesa e sempre mandava ela botar força, aí a doutora ... quando surgiu a força... o menino saiu, depois a mulher ponteou ela e levou ela p'ra cama e pronto, ela diz que dói por causa da dor, da dor mesmo, mas fora isso não tem problema, não ficou com medo, ela já sabia como era... Minha irmã mais nova de 15 anos está casada, mora mais o marido, já teve o bebê dela que têm dois meses e disse que o melhor parto é o normal. Estou com medo de ter normal... estou com medo de acontecer alguma coisa comigo, de eu desmaiar... sendo cesárea acho que nada disso acontece...

Perguntei a minha avó:

–Vó, o médico quando pessoa vai ter nenê ele faz exame p'ra ver se vai sair, p'ra ver local, se vai ser cesárea?

Minha avó dizia:

–Faz sim, se for p'ra ter normal ele diz p'ra você.

O que estou sentindo é que de vez em quando me dá uma dor pesada no dente. Perguntei a minha vó e ela disse:

–É da gravidez.

Quando vou comer fica doendo a gengiva e o dente, escovo direitinho, quando tomo café, almoço, e como doce escovo os dentes. Desde pequena que meu tio me ensinava a escovar os dentes. Quando vou comer comida, dá aquela dor fina, tenho medo de tomar comprimido sem o médico.

A gente ia comprar um berço, mas lá em casa não cabe um berço, é muito pequena, não tem espaço, aí ela vai dormir junto na minha cama, se eu mudar o berço p'ra o outro lado da cama não vai dar p'ra mim passar p'ra ir p'ra o banheiro, se for botar na sala não vai prestar porque aquela bagunça todinha com o bebê...

Depois que o nenê nascer vou cuidar, né? Tenho medo de dar banho nele novinho, logo recém-nascido, dar banho, escorregar, queria dar banho nele quando tivesse durinho... tenho medo dele escorregar do meu braço...

AGILAPWE

Agil, como todos a conhecem. Tem 35 anos, estudou até a oitava série. Foi menina de rua, adotada por um casal de velhos. Trabalhou no corte de cana. Fugiu para casar. O marido a espancava e a abandonou-a tirando-lhe tudo. Tem uma vida muito dura, é batalhadora, luta pela sobrevivência, acredita que mulher sofre mais. Passou três meses internada num hospital psiquiátrico. Está amargurada, triste, solitária. Seu depoimento foi marcado com muito choro e revolta. Não aceita a gravidez por hipótese alguma, tomou chá para abortar. A gravidez é conturbada, está revoltada com seu estado e muito mais com o seu relacionamento. Sente-se abandonada pelo parceiro, que não a ajuda em nada. Diz que depois da gravidez ele mudou muito. A entrevista de Agilapwe foi gravada na sua casa, a narrativa retrata bem as condições de tristeza e revolta na qual Agil encontra-se.

Sexo! Estou com o corpo muito feio...

Meu nome é Agilapwe, tenho 35 anos, ninguém aqui me conhece por esse nome, todos me chamam de Agil. Tenho 12 irmãos, minha mãe é de Salvador, morreu de diabetes após uma operação feita nas pernas. Meus pais adotivos também morreram, passei um tempo em Palmeira dos Índios. Meus irmãos tem condições financeira mas nenhum me ajuda. É tipo de gente que só dá atenção quando precisa.

Não fui criada pela minha mãe, andava sempre lá na praia, fui na casa do casal de velhos, eles perguntaram:

–Você não que é ir morar com a gente?

Disse:

–Quero.

Com dez anos de idade fui para Palmeira dos Índios com esse casal, eles eram uma maravilha, fazendeiro, lá estudava, fiz até a oitava série, até os filhos dos empregados não podiam se misturar comigo porque era filho de empregado. Eles me tratavam como filha. A gente perde cada chance... Voltei com eles para Maceió, conheci meu irmão, endoidei para voltar para casa, perdi tudo, a oportunidade, poderia estar numa boa. depois foi que vim p'ra aqui.

Cortei cana, que nem gente infeliz, passei fome, então conheci um rapaz, fugi com ele, que é esse o pai do meu filho mais velho, sofria demais, apanhava que só... cortava sangue... Fugir... a gente pega uma bolsa, bota uma roupa dentro e se manda, foi isso que fiz,

Passei três meses num hospital psiquiátrico, fico pensando assim... o que vai ser de mim? Porque pai e mãe não me deram nenhuma boa vida, nem orientavam. Hoje só tenho onde morar porque fui batalhar minha vida, se fosse esperar por pai e mãe não tinha nada. Pelo menos eu morrendo já fica uma casa p'ra os filhos. Por isso que eu digo, se for uma menina eu fico, não abandono, porque mulher sofre mais...

Quando meu primeiro marido saiu daqui me deixou sentada no chão, botei minha mola, ele tirou tudo, geladeira, som, tudo... tudo p'ra levar p'ra casa da

outra... foi quando me deu uma crise de nervo, depois de tudo isso ele queria voltar para dentro de casa... disse:

–Não quero mais.

O negócio é ter fé em Deus e enfrentar a vida... já passei por coisas piores, essa daqui, da minha barriga vou passar também... meu dia vem... Acho que estou passando por isso porque não sei ser como muitas mulheres daqui... farrar, beber, curtição, essas coisas assim...

Minha menina tem dez anos e o menino que está comigo faz doze anos hoje, os que estão com a minha sogra, na casa do pai, o mais velho tem 18 anos e o outro 16 para 17. Levei eles p'ra lá porque não queriam nada com a vida, queriam estar com os maloqueiros p'ra lá.

Quando eu chegava lá e dizia p'ra avó que eles não queriam nada com a vida, ela respondia que era minha mentira e que eu não queria os filhos dentro de casa. Depois que levei eles para lá, eles se acordam meio dia, não dão a bênção a ela, não falam com ninguém dentro de casa, quando ela perguntá as coisas eles respondem grosseiramente, ela está vendo que não é minha mentira, ela diz:

–É... a Agilapwe bem que dizia que vocês eram assim...

Ela não acreditava, mas agora acredita. Já pensou a pessoa com filho dentro de casa e só querer dormir, dormir... e fazer confusão na rua? Meu filho mais velho queria estar junto do pior maloqueiro que tinha aqui na rua, já pensou a gente dentro de casa e de repente chega a polícia? Deus me livre! Por isso mandei para ficar com o pai deles.

Todos os dias, saio de casa às quatro horas da manhã, para estar no mercado, volto entre uma a duas horas da tarde, um sufoco danado, quando chego ainda vou preparar janta, tem os meus meninos que vão para o colégio. É muito horrível, ainda mais com esse cara que não quer nada com a vida, porque dei aquela confiança toda porque achava quê... Não posso guardar esse negócio de raiva porque fico naquela agonia, já não fui trabalhar hoje porque estou com aquela agonia... Ele vem, a gente se junta passa uma semana e depois deixa de novo, é um negócio, um sucesso... antes não era assim, antes de engravidar era uma maravilha.

Eu o conheci assim: sempre no dia de domingo ajuntávamos um trocadinho eu mesma ia no bar com uma colega minha, sentava, com o meu dinheiro tomava uma cervejinha, quando estava enjoada vinha p'ra casa. Um certo tempo ele apareceu, conheci ele no bar. Já estava com três anos que estava separada desse

meu marido, estava achando tão ruim essa solidão, achei de botar ele aqui... infelizmente...

A mãe dele disse p'ra mim que ele não fazia filho em mulher nenhuma, me deu toda a palavra dentro dessa casa, que ele não fazia filho, assim eu confiei na história dela, porque disse que esse tempo todinho, com as mulheres, ele nunca teve filho com nenhuma. Eu me confiei mesmo, já tomava aqueles comprimidos e eles já me prejudicava, né? Aí eu pensei: Se ele não faz então agora estou numa boa.

Passamos só quatro meses juntos. Eu tive uma confiança nele, você já pensou confiar numa pessoa e de repente a pessoa te botar p'ra trás? Ele não está com outra, ele vem aqui... está vindo, agora quando peço alguma coisa, logo ele briga, diz umas coisas, eu já estou com a cabeça quente, digo outro bocado também.

Ele não me dá nada... isso é que me dá raiva também, depois de um filho... p'ra poder comer tenho que me rebolar... caçar até meio dia, uma hora da tarde naquele mercado, levando sol. Porque até hoje tenho que trabalhar, não... não espero nada dele.

Saio com uma caixa de isopor com 50 pacotes de água, a dez centavos cada pacotinho, boto essa caixa lá na banca, vou para Ceasa compro alface, coentro, lá venho com uma bacia, boto lá na banquinha, fico lá o dia todinho, se a gente arrumar o dinheiro da mercadoria bem, se não arrumar tem que esperar o outro dia, daquele dinheiro tiro o de comprar a comida, pago luz, só não pago água, compro gás, uma pessoa sozinha p'ra tanta coisa, meu Deus!...

Não faltava nada p'ra mim e nem p'ra so meus filhos. Hoje... a venda está mais baixa, muito ruim, a gente compra alface, coentro a vinte centavos, quando a feira está ruim tem que vender dois a cinqüenta p'ra não perder, dali ganhou dez centavos. Minha menina ajuda a vender, mas já estou com medo de deixá-la por ali, perigoso, queria tanto fazer meu barraquinho aqui, na calçada, porque aqui eu botava umas coisinhas e deixava ela vendendo em casa e eu ficava indo p'ra lá, só Deus sabe como eu fico preocupada quando a minha filha sai vendendo naquele mercado, do jeito que as coisas estão, ela já... ela é gordinha... tem seio grande... os maloqueiros olham assim...

Pelas eleições andei tanto para ver se conseguia uma ajuda p'ra arrumar cem blocos, dois sacos de cimento, uma carroça de areia e de traço, o que dava p'ra fazer isso aí, não consegui nada. Aqui na frente de casa, já está o

quadradozinho. Fazia um barraquinho, botava uns bagulhozinhos, diria: Você tome conta. Eu ficava indo p'ra o mercado.

Me disseram que com cinqüenta reais eu fazia isso, eu já andei nessas eleições, andei, p'ra ver se conseguia com esses deputados porque o povo diz que ganha, mas não ganhei foi nada, nunca vi ninguém ganhar nada, tem os que ganham na facilidade, mas como é que eles ganham esse dinheiro? Não sei...

Ele não saía à noite, vivia sempre dentro de casa, o problema é que ele não trabalha, com a história de que hoje arrumo um serviço, amanhã vou ver se arrumo, e nunca arruma esse serviço e eu só trabalhando, só trabalhando... Não dou nada p'ra ele a não ser a comida, de qualquer maneira a gente fazer uma comida, ter uma pessoa dentro de casa e não dá...

Se ele estivesse comigo... se eu percebesse que ele não queria nada... ele falou p'ra mim assim: –Uma pessoa que ele tem p'ra odiar dentro dessa casa é o meu filho mais velho, isso foi mesmo que dar uma facada. Você já pensou morar com um homem e ele dizer que odeia o seu filho dentro da sua própria casa, sem o menino comer do que ele dá? Se ele mantivesse era capaz até de bater?...Isso daí já demonstra que não existe mais nada, amor...

Tive três meninos e uma menina, não sei o sexo desse. Meus dois mais velhos mora com minha mãe e comigo está os mais novos, um menino e a menina. Se for uma menina eu fico, pelo menos juntando as filhas vou ter alguém p'ra cuidar de mim quando ficar velhinha e se for um menino dou para mãe dele. Enjoei sururu do primeiro filho, até hoje não suporto sururu. Do primeiro tive eclâmpsia, os outros foi tudo normal, de parto normal.

No meu primeiro menino tive eclâmpsia, esqueci de tantas coisas... até os locais daqui não acerto ir. Fiquei numa cama toda amarrada, o médico disse para minha mãe... depois que me acordei fiquei numa cama toda amarrada, fiquei sem conhecer ninguém, nisso ainda caí da cama, pouco os pontos todinho, fez um buraco aqui na minha barriga, por causa desse buraco fiquei sem poder estirar o corpo, não conhecia nem meu marido. Será que vai me dá eclâmpsia de novo? Deus me livre que dê! Queria arrumar uma doutora para me operar...

Não lembro da data da minha última menstruação, juntou uma coisa com outra e não me lembro de mais nada. Sei lá! Só sei que está com seis meses, foi no dia seis. Esta gravidez está sendo muito conturbada p'ra mim, estou tão revoltada com a gravidez e com a meu relacionamento.

Veio um problema na minha urina, passo horas e horas sem urinar porque não suporto aqueles banheiros dali, um negócio nojento, aí fico me prendendo.

Veio uma coceira e p'ra me livrar dessa coceira... me revolta... por isso choro desesperadamente... p'ra que fui fazer...?

Pensei em abortar, tomei um chá com cominho e não resolveu nada, não resolve nada... A menina falou cem gramas de cominho, faça um chá bem forte e tome. Tomei e não resolveu e não resolve não, meus problemas não resolve, por mais que... até susto... eu tenho susto, estava dormindo minha menina foi lá no meu quarto pegar um pano que tem perto da minha cama, quando olho assim pensava que era um homem saindo debaixo da cama, tive aquele susto que dei um grito, nada disso fez perder... por mais que eu tenha raiva, qualquer coisa, não perco a barriga...

Estou indo ao pré-natal do CAIC, não estou tomando medicação, eles não passam nenhum remédio. Só quando reclamei de dor de cabeça e dente. Tem que passar porque a primeira médica que fui na Saúde Pública me passou esses comprimidos aqui... sulfato ferroso, da primeira vez que fui. Aí eles não passam nada, é por isso que acho estranho, não passam remédio nenhum. Fiz todos os exames: Sangue, fezes, tomei a vacina... e p'ra saber se estava grávida, que deu positivo.

Antes de engravidar ele saía comigo, agora não... Não é a mesma coisa, quando estava sequinha ele era carinhoso, quando engravidei ele sumiu, vem de vez em quando... Sexo! Tô com o corpo muito feio...

Quando guardo isso dentro de mim, fico dando aquelas agonias, ontem a noite mesmo não dormi... passar por essas coisas... Meu trabalho é o quê? Alface, coentro quando tiro um trocadinho, é que compro uma verdura, boto na banca, o meu serviço é esse...

Estou numa tristeza... só vou me animar quando esta criança sair da minha barriga, não estou sentindo nada estranho por causa da barriga.

Não sou de sair, de curtição, não sou muito chegada a negócio de está saindo, chego do trabalho, tomo o meu banho, faço minhas coisas, me deito aqui neste sofá e durmo a tarde inteira, não gosto de andar na casa de ninguém...

Já pensou, eu aqui sozinha, de repente dá a dor de ter este menino? Meu Deus! Vou ter que chegar na casa dessa vizinha:

–Oh mulher! Me ajude aqui, vê se arruma um carro p'ra me levar!

E ela vai ter que sair correndo, meus dois filhos vão ficar só, sem ter ninguém p'ra ajeitar eles, dar comida, eles só vão comer quando eu voltar p'ra casa, começar a trabalhar aqui

Todos os meus dois filhos menores sabem lê, o menino está na terceira série, e ela na segunda. Estudam nesse grupo aí perto, já os mais velhos não sabem lê, nenhum dos dois.

Aqui não tinha posto de saúde, com a chegada do CAIC melhorou mais, se agente quisesse ir para posto tinha que ir para o centro, ou para o J. Leão agora não, pelo menos tem médico aí. Eles vêm na casa da pessoa.

Passei um tempo sem ir no CAIC por ter perdido o cartão, faço pré-natal, esse cartão aqui do pré natal foi feito agora, mas eles disseram que vão fazer outro, por enquanto só estou com este, o outro amarelo perdi quando roubaram minha bolsa. Esse é o cartão da vacinação, o outro é o cartão do CAIC que é para a marcação das consultas, foi marcada a consulta para o dia 26 do 11, para eu não esquecer. Eu estava indo pegar ficha para essa doutora da saúde pública, mas é difícil conseguir.

Esse exame local que eu fiz deu uma inflamaçãozinha, não acusa nada de germe, nunca tive problema de escorrimento, só agora estou com essa coceira. Uma coceira tão grande aqui em baixo, falei com o médico, outra vez, por que a coceira voltou de novo, a coceira é por fora, coço tanto, tanto, tanto que fica vermelho, quando vou urinar arde, não sei como estou aguentando.

Ainda não foi comprado nada para essa criança ... converso com as amigas:

–Já pensou se de repente dar a dor de ter esse menino? como é que vai ser na maternidade?

Elas respondem:

–A gente está aqui, a gente leva, mas não é assim que tem que ser, não é...?

Seria bom que eu conseguisse um enxoval, uma preocupação a menos, se tiver no CAIC gostaria de receber, nunca fiquei numa situação dessa... não tenho apoio de nenhuma pessoa, meu problema é que eu confio demais nas pessoas... confiei no pai dessa criança... Nem seu tivesse condições gostaria de ter essa gravidez, aconteceu... nem que eu tivesse numa boa com o pai da criança, p'ra que mais filho se eu já tenho quatro?

AMITOA

Amitoa é natural da Paraíba, tem 34 anos. Teve a infância na roça, veio para Maceió por ocasião da mudança dos pais, não teve paciência para estudar, não sabe assinar o nome. É viúva há dois anos, o marido era alcoólatra. Tem 9 filhos, todos de parto normal. Engravidou do décimo sem esperar, não frequenta o pré-natal, tomou abortivos. É fumante desde os treze anos. Demonstra uma certa agressividade, revolta com o atual parceiro. Luta pela própria sobrevivência e a dos filhos, praticamente sozinha. É resoluta e destemida. Por muito tempo se alimentou e sobreviveu dos frutos da lagoa. Reside neste local desde a origem do Conjunto Virgem dos Pobres III. Seu depoimento foi colhido na casa de sua amiga Agil, ambas se apoiam quanto aos sentimentos em relação à gravidez e ao parceiro.

Fui para o motel quando pensei que não estava grávida

“Estou perdendo água, quando penso que não, vem aquela golpada. De cor amarela. Liguenta. Já perdi as contas de quando é para nascer, penso que é para um desses dois últimos meses. E agora estou inchando. Não fiz pré-natal, fui dessa gravidez, a médica ficou com coisa, não fui mais. Tive nove filhos, dez com esse.

Fui fazer exame de sangue e de urina. Exame de urina eu já tinha feito quando trabalhava. Quando cheguei no laboratório fiquei até tarde na fila, ai eu... bei... caí! Sem parente sem aderente, sem ninguém, quando vim dar por mim já era uma faixa de dez e pouco, por aí. O Homem disse:

–Não interessa mandar a gestante vir p'ra aqui com fome para passar da hora de comer.

Eu mesmo não como, não vou mentir, vou dizer a verdade... não como arroz, não como macarrão, nem feijão. A minha comida é um pedaço de carne, à pulso, com um punhado de farinha, e rodelinha de inhame de vez em quando. Além disso já tive começo de pneumonia, fiquei internada. Eu queria fazer meus exames para depois me operar.

Hoje a gente não pode mais esconder nada. Arrumei essa gravidez sem esperar. Fui para o motel mais ele, quando pensei que não... estava grávida. Não tomei nada para evitar.

O pai dessa criança eu pus para disparar. Porque o meu primeiro marido..., o pai dos meus nove filhos... é morto, faz dois anos que ele morreu. Me engracei por outro, engravidei. Um dia ele chegou com uma história: a crente está buchuda três meses de mim. Aquilo foi me agitando, pensei: hoje eu pego ele. Quando ele chegou na rua, olhei para a cara do homem e não agüentei, peguei uma banda de tijolo e joguei na cabeça dele. Disse:

–Você vai embora agora porque na próxima vez eu dou-lhe uma cacetada.

Quando ele chega por ali fica cabreiro. Na minha casa ele não vem não. Uma que eu não quero homem nenhum na minha casa. Se quiser criar o filho dele, ele não tem casa? Ele ajeite um cantinho que eu crio o filho dele lá, mas, sempre, eu venho todo dia aqui. A minha casa é dos meus filhos. O meu filho mais velho está de maior, o de 21 anos não aceita a criança dentro de casa. O meu filho mais novo tem seis anos, o mais velho vinte e um.

Tive um filho que nasceu morto, era de oito meses. Foi de uma raiva que tive, era uma mulher... Meus filhos nasceram... às vezes dava tempo chegar na maternidade, outras vezes não, não dava tempo nem colocarem a luva. Tive uns sozinha... sozinha e Deus. E esse mesmo agora, não tem quem vá comigo, vou sozinha... quando chegar a minha hora, apertar a dor, saio sozinha e chego na pista, dou a mão a um carro, vou na Santo Antônio ou Santa Mônica, alguma coisa assim.

Vou ficar com meu bebê, acho que é uma menina mulher, pois não sinto nenhuma dor e a barriga está pequena. Se ele, o pai, quiser vá ter um como eu, não vou dá meu filho, se não aceitarem ele aí em casa, se for preciso crio ele até debaixo de um pé de pau, mas não dou... só dou aquele Pai lá de cima... Fico emocionada, por isso choro. Toda vida criei meus filhos, trabalhando nas cozinhas dos outros, faço faxina, lavo roupa, lavo e passo, quando é para ir a cozinha eu cozinho. Atualmente só estou fazendo faxina e lavando roupas dos outros.

Meu marido não deixou uma pensão para mim, que pensão ele tinha? Só o copo. A pensão do meu marido era amanhecer o dia, ir para debaixo do pé de pau e encher a cara de cachaça. Chegava em casa queria comer sem deixar, eu trabalhava com sururu p'ra criar os sete filhos, os sete filhos e ele. Então eram oito. Terminou amanhecendo o dia ele cochilando numa cadeira, amanheceu o dia de dente seco, não sei nem como foi que ele morreu. Sei que ele morreu com uma pema esticada, a mão torcida, pescoço esticado e jogado para trás, com o gogó inchado que não tinha mais tamanho. O que fui fazer foi pedir esmola a um e a outro para enterrá-lo.

Moro nesse conjunto desde que o fizeram. Fui do tempo das pessoas da cheia, todos os meus filhos foram criados aqui, tudo pequenininho, tenho foto deles aqui, vejam essas fotos. Logo quando fizeram esse CAIC, fui eu a primeira que foi fazer o cadastramento. A única pessoa que faz ficha para mim no CAIC é o Agente de Saúde.

Apesar de tudo eu dizia que não gostava do pai dessa criança... ele vem a cada quinze dias, sexta ou sábado, mas tenho raiva, dá vontade de pegar uma faca e furar ele... a bruxa dele: A crente. Ela sabe que estou grávida dele e mesmo assim fica com ele.

A médica disse que eu estou p'ra quatro meses de barriga, aonde estou com quatro meses, estou para os sete, imagine eu mãe de dez filhos e não conhecer? Estou com uma faixa de sete meses e meio, por aí a fora, eu conheço.. Eu mesma cuido, quando tenho meus filhos eu mesma lavo roupa, arrumo a casa, dou banho no bebê, coloco óleo de amêndoa ou piqui no umbigo. Enxugo o umbigo com um paninho e pego um algodão com óleo e coloco no umbigo, passo a cinta. O óleo ajuda amolecer para cair. Também uso a violeta.

Eu fumo muito, não vou mentir. Compro cinquenta centavos, vem oito cigarros, chega de noite não tem mais. Quando estou sem dinheiro, pego um disco em casa e troco por meia carteira de cigarros. Fumo desde treze anos de idade, mas quando era criança de quatro p'ra cinco anos pegava resto de cigarro de meu pai, colocava num cachimbinho de barro, enchia e fumava, quando meu pai pegava batia, pensava: Que velho chato da gota...

Por mim tinha vontade de deixar o cigarro. Não trago, não engulo a fumaça... depois que fumo dá aquela cuspeira. Não engulo a fumaça. Vou tentar controlar, diminuir um pouquinho do cigarro. Fumo mais quando tenho raiva. Desconto toda contrariedade no cigarro. Pego o cigarro e fumo, quando chego em casa... tenho raiva...

Quando desconfie que estava grávida tomei tanto remédio para abortar. Tomei cabacinha, parreira branca... tomei tanto remédio que eu nem me lembro. Tomei café com cominho... tudo que entrava caía fora, pensei: tu vem ao mundo mesmo? Tem dia que ele pula, pula na minha barriga, digo: deixe ele jogar bola na minha barriga à vontade. Acho que ele nasce novembro ou dezembro, minha menstruação não veio mais pelo São João.

Amamento os meus meninos até um ano mais ou menos depois que nascem. Amamentando o peito aparece, depois fica só o botão, nem sutiã eu uso mais, não tem mais o que colocar dentro.

Não comprei ainda nada para nenê, a Magnala, da Associação de Moradores foi que me deu algumas roupinhas. O pai não deu nada, sou

orgulhosa, por isso não peço, se até nascer não tiver roupa, com o vestido que eu for para a maternidade, enrolo pego o ônibus e venho embora.

Dia 29 tinha consulta pré natal, a comida acabou tive que trabalhar, não deu para ir à consulta, mas amanhã à tarde eu vou, faço a faxina até meio o dia... Pego a requisição para os exames... Se der p'ra me operar tudo bem, se não... porque se me operar e p'ra eu sair... e ir trabalhar... Eu compro remédio e pronto... Tomei comprimido cinco anos, não engravidei, compro ali na farmácia, ele tem um papel laranja, parei porque pensei que não ia mais me interessar por ninguém... O marido morreu, só tinha o trabalho de ir para o cemitério colocar flor e vela na cova dele, após um ano e nove meses comecei a sair, me apareceu esse galego de quarenta e quatro anos.

MAGNALA

Magnala, é uma das primeiras moradoras do Conjunto. É uma das mulheres que desenvolve atividades na Associação dos Moradores Virgens dos Pobres III por observar as necessidades das pessoas mais pobres. Sua vida se caracteriza por uma vontade intensa de ajudar ao próximo, traça esforço pessoal e busca apoio governamental, político e institucional para isso. Trabalha e luta pelos direitos dos oprimidos. Seu depoimento é de uma riqueza de conteúdo, é vibrante no falar, mostra um grau fascinante de sensibilidade, tem uma característica muita humanitária e muita força na forma de viver.

A história de vida da *Magnala* foi colhida na Associação de Moradores dos Conjunto Virgem dos Pobres III. Observei que *Magnala* é muito procurada pelo trabalho que presta na comunidade.

“Hoje em dia o namoro é logo partir para o sexo...”

“Nasci na Pajuçara, a minha infância passei lá, com oito anos mudei para o Trapiche, Praça Pingo D’água, na Siqueira Campos. Com treze anos vim morar aqui próximo ao Trapichão. Fui Morar no Salvador Lira quando me casei, com dezessete anos. Depois de um certo tempo retornei a morar aqui no Trapiche novamente.

Brincava muito de comadre rica comadre pobre, hoje sinto até falta, não vejo mais as crianças procurarem esse tipo de brincadeira, brincava de soldadinho, frutas, achar anel, de papelão. Minha infância como pobre foi boa. Era pobre saudável, brincava de roda, de esconder, hoje você ver, é triste ver que muitas crianças não têm infância, só é droga, é prostituição, como aqui nesta área. Meninas de onze anos já são mães... é um absurdo isso...! Graças a Deus tive direito a ter minha infância, ser preservada, graças a Deus.

Apesar de tudo, quando era pequena, teve uma coisa que marcou muito a minha vida, teve um amigo de meu pai que... quando uma criança é agradada, se apega as pessoas, qualquer coisa... um carinho, um gesto que signifique carinho, amizade... a gente se apega...tinha um amigo do meu pai que tinha uma borracharia, naquele tempo ele não chegou no horário de dar o confeito a gente, fui atrás do senhor, sem dizer nada a ninguém, não lembro o nome dele, isso foi no Poço.

Eu disse:

–Fulano...

Ele disse:

–Vem aqui me achar dentro dos pneus, se você me achar lhe dou um saco de confeito...

Fui, quando cheguei lá, de longe vi ele nu, com o negócio de fora... fiquei parada com o susto, não sabia o que fazer, meu irmão chegou... foi Deus quem

mandou. Nunca disse isso a ninguém, Deus me deu sabedoria, se eu dissesse ao meu pai, podia matar ou morrer, de qualquer maneira estou aqui com meu pai. Toda vez que esse homem chegava lá em casa eu me escondia, minha mãe perguntava: minha filha, o que é isso? Nunca disse, eu cresci com isso. Tenho muito medo do que eu passei aconteça com minha filha, minhas sobrinhas, as meninas que freqüentam aqui a Associação

Quando menstruei pela primeira vez tinha onze anos, não sabia bem o que era, se ria ou chorava, mas enfrentei. Pedi um modess à minha mãe, ela me deu e comecei a usar normalmente.

Comecei a namorar com treze anos, namorar assim... pegar na mão. Hoje em dia o namoro é logo partir para o sexo, mas naquele tempo do meu namoro ainda tinha um pouco de... pelo menos eu era daquele tempo antigo, não tinha esse negócio de pegar no seio, ir logo... na safadeza não... Então o meu primeiro beijo foi com o namorado aqui na Draga, foi com um maconheiro, graças a Deus não casei com ele, mas foi bom porque vi que não dava certo, não estava preparada para assumir um namoro, me achava muito nova. Acabei, voltei para o Salvador Lira, com dezessete anos arrumei o segundo namorado e me casei.

Felizmente não deu certo no casamento, me divorciei com cinco anos, casei novamente. Esse é o meu segundo casamento. Tive dois meninos homem com o primeiro, me separei porque ele era muito violento, me batia... era muito farrista, raparigueiro, não agüentei. Vivi porque tinha que viver, ele me ameaçava muito. Durante esses cinco anos... todo mundo tem seu limite. Vim morar aqui no Virgem dos Pobres III, pedi muito a Deus que me desse um canto, todos da minha família vivem bem, não queria dar mais esse trabalho à minha família. Me casei de véu e grinalda, eles sabiam o que eu passava, porque ele era um homem violento, vivia me ameaçando... no dia que deixasse ele iria matar um da minha família ou iria matar meu próprio filho, como tentou matar meu filho... por ciúme, com o ciúme dele, tudo isso foi juntando.

Sou evangélica, tenho o temor de Deus na minha vida, pedia para Deus me libertar, virasse a cabeça dele, virasse para outra mulher e me deixasse em paz, eu não podia deixar, foi onde houve essa cheia na beira da lagoa, tinha uma casa aí, uma casa não, um negócio de canoa do meu irmão, foi onde consegui uma casa p'ra mim, tive um amparo, meus filhos, foi por isso que comecei essa luta. Quando vim para aqui com dois meses ele saiu, reformei a casa, consegui um emprego na Prefeitura que não tinha, até hoje estou bem.

Aqui era uma draga, tipo um deserto, não existia nada, só existia a pista, tinha as favelas na beira da lagoa, foi quando houve uma cheia, esta cheia está com oito anos, por uma parte posso até dar graças a Deus, porque houve a melhoria do povo que saiu da beira da lagoa e veio morar num lugar melhor, e também fizeram as casas, deram de graça ao povo, depois fizeram a escola para o bem da comunidade. O que está faltando é outro posto de saúde, porque só o CAIC não está dando, porque aqui chega muita gente da favela, reclamando que o CAIC não dá aquela assistência porque são da favela, foi inclusive no Projeto Cidadão que umas pessoas denunciaram isso. Eu queria que fizesse o posto de saúde como temos aqui a escola, pretendemos fazer a creche da associação, estamos esperando ajuda.

Conheci o meu segundo marido aqui mesmo, foi ele o responsável pela metade da obra daqui, era empreiteiro, construindo as casas a gente se conheceu e casou há dez anos, tenho uma filha dele, nosso relacionamento é melhor que o primeiro.

Tive essa idéia de criar a Associação dos Moradores Virgens dos Pobres III, (para se fazer um órgão eles pedem uma documentação, aí eu dei). Vi tantas pessoas precisando de ajuda, como crianças... adoro crianças, como mãe também, fui vendo as necessidades não tinham outras pessoas que viessem fazer esses contatos, saber as necessidades deles, procurar levar a uma autoridade, um posto de saúde, fazer um encaminhamento, até em companhia mesmo.

Meu trabalho com a Associação de Moradores começou por eu ver tanta injustiça, tanta falta de apoio, tanto abandono, porque aqui o pessoal é muito abandonado, sinto que a gente é esquecido, só é lembrado no tempo de política. Eles vêm aqui e promete o mundo e o fundo, como diz o ditado popular e depois se esquecem. Quando a gente vai procurá-los, eles viram o rosto, faz de conta que a gente não existe... está sendo um tipo de carrapato porque está cobrando um direito que é nosso.

Cobro o espaço que a gente tem para trabalhar, temos 2,5m por 15m, tem esta parte aqui ao lado, mais 2,5m por 15m de fundo que é de uma outra pessoa que dá por quatro mil reais, já pedi a vários, a todo tipo de secretaria, prefeitura, governamental, não governamental, todos mandei ofício solicitando apoio, entreguei fotos...

A gente tem um trabalho aqui de segunda a sexta, alfabetizando crianças carentes, na faixa de quatro a quatorze anos, porque as escola por aí tem a preocupação que os alunos passem de série, mas não se preocupa daqueles alunos saírem capacitados para assumir aquela série, então minha preocupação é essa, que o aluno realmente aprenda, deixe de ser um analfabeto.

Nossa preocupação também é alimentar. Muitos precisam também da alimentação. Damos o que aparece, até eu mesma divido o lanche com eles, trago açúcar da minha casa, sabão, bombriil... pago água, luz, não tenho convênio com ninguém. Tenho um amigo que é empresário que doa pão p'ra agente, o pão é dado. Quando sobra leite passo para as crianças, quando não tem dou Q-suco, quando não tem não posso dar nada. Caderno consigo através de doações de amigades. Quando consigo remédio, tem a Dr^a. Yepiwali, que é pediatra, vem aqui consultar, não só as crianças que estudam mas da comunidade.

Datas festivas como o dia da criança, natal, tudo isso nós fazemos, damos lembrancinhas a todos, tudo com amizade, pedindo a um e a outro, uns dão outros não dão, mas eu faço, apoio governamental nenhum, nem de prefeitura e nem de governo. Primeiramente de Deus e de algumas pessoas que são da minha amizade. Por exemplo as professoras são voluntárias, elas vieram falar comigo dizendo que não tem mais condições de ficar assim, precisam pagar transportes, tem o marido que estão desempregado, estão precisando. O que eu fiz?

Tivemos aqui um comitê que apoiamos a nossa prefeita, apoiamos agora nosso governador que foi o Ronaldo, a Heloísa, demos apoio completo, pode procurar saber da comunidade, inclusive estou até rouca devido o trabalho que foi feito até de madrugada ensinando o povo a votar, p'ra não colocar pessoas irresponsáveis no governo p'ra não prejudicar mais ainda agente. Porque como diz o ditado: pior com ele, ruim sem ele. Acredito no governo deles, espero que de hoje em diante, já que o governo e quem estar na prefeitura é um governo só, espero que agora olhem p'ra gente. E quanto as professoras estou pedindo a quem pode não a todos, inclusive os pais apesar de não poder, que colaborem ajudem em alguma coisa. Pelo menos o transporte está dando p'ra dar. Estamos aqui pedindo socorro...!

Além do trabalho educacional, fazemos artesanato, orientação sexual porque aqui é preciso, fazemos passeio de domingo, não só com os alunos mais com a comunidade, com os pais, com outras pessoas que não tem acesso a ir uma praia, a ter um laser mais bonito, agente faz brincadeiras e muitas outras

coisas. O que é dentro do possível. consegui os livros para o ano que vem, graças a uma amizade que temos, graças a pessoas que têm coração. Tem a Dr^a. Yepiwali, na hora que eu precisar vem consultar não só as crianças aqui, mas também a comunidade.

Em relação ao CAIC falta mais amor, falta corpo a corpo, um negócio familiar, está muito na teoria mas na prática agente não está vendo...não sei como explicar, aqui a gente já se preocupa: você está com a unha grande, venha que eu corto, você está com o cabelo grande... sim nós cortamos cabelo da comunidade, tem um dia ou duas vezes por mês, nós fazemos este trabalho aqui, sou cabeleireira trago os alunos meus, a gente corta cabelo de graça aqui na comunidade. A gente se preocupa se uma criança está doente, a gente encaminha aquela criança p'ra o médico. O que a gente pode fazer faz. Se a criança está com piolho a gente trata. Então a gente não tem aqui a teoria, mais a prática, aquele negócio mais da família. A única vez que precisei do CAIC para fazer uma reunião, até agora nunca tive oportunidade. Conversei com dois médicos do PSF, conversamos um pouco aqui, me mandaram aparecer lá, infelizmente é um corre-corre, mas qualquer dia apareço lá.

No caso das grávidas adolescentes tem que ser dado muito apoio, carinho e mostrá-las que o caminho não é este, e que é agora que tem que ter responsabilidade, amar aquela criança, porque têm muitas que acham assim: aquilo ali é de outro cara então vou dar, ou deixar nas costas dos pais, elas têm que assumir responsabilidades.

A gravidez aqui na comunidade é demais, como tem a Welima que com 16 filhos, já cansei de chamá-la para operar, porque tem um amigo meu que é médico, Dr. Wabe, que operaria ela, mas ela tem medo diz que tem risco. Acho que é uma questão de apoio, se tivesse um projeto de apoio a essas gestantes, porque a Welima é uma pessoa que luta muito, lava roupa p'ra criar os filhos, se tivesse uma cesta básica até que esta pessoa se recuperasse, muitas poderiam entrar nesse sistema público, se operar ou então fazer uma prevenção, não sei como é...

O primeiro passo da prevenção seria reunir, mostrar para elas as dificuldades que elas já sabem que tem, mas a gente tem que dizer para poder crer. E também, não sei como... é muito difícil esse assunto...

Tem uma que estudava aqui de dez anos, sabe o que é ficar triste outro dia com ela?

-Menina p'ra onde você vai?

-Tia, eu vou ali.

(Me chamam de tia).

-Tia, eu vou tomar um suco.

Isso vem devido aos pais, acho que ela achou nesse rapaz um apoio que não tinha em casa, tiro por exemplo ela acostumava vir aqui reclamar muito de que a mãe deixava tomando conta da irmãzinha e ia farrar, chegava de madrugada em casa e ela ficava nessa, acho que foi mais uma fuga que procurou, ainda bem que não engravidou... por enquanto! Mas se perdeu com 10 anos, com um cara de circo que colocou o circo aqui. Nisso acompanhou o cara até o Bebedouro, depois do Bebedouro o cara não quis mais ela, voltou aqui novamente.

Isso dói, ver aquela criança crescendo, depois se perder a troco de nada, não foi nem por amor, mas por um carinho, um apoio que, às vezes, não teve nem em casa. Quando assim... se entrega, que é por causa do amor, porque houve aquele encontro dos dois, aquele companheirismo, aquela amizade, aquela coisa, mas não ...foi um outro interesse... acho que destruiu, acho que isso destrói muito a pessoa porque Yangítima não vai mais confiar no homem, e tem toda razão, vai se sentir usada, vai se sentir humilhada, vai se sentir... porque tem outras crianças da idade dela... que ela tá...vai ter aquela separação entre as mães... os pais da outra colega, que não vai querer que ande com ela porque tem medo dela botar a perder... também isso influencia muito... aí não sei... aí onde se parte p'ra, até se parte p'ra droga, p'ra bebida...

Esse ano, muitas mocinhas saíram daqui da escolinha, mas até o ano passado a gente tinha umas aqui que elas... eram muito pobres mesmo, vou dar o exemplo de duas, das duas irmãs que moravam ali na frente. O pai dela pegava caranguejo aí nessa lagoa. Quando pensei que não elas vieram para aqui, porque a gente aconselhava muito, começaram a estudar com 8 anos, de 9 p'ra 10 anos elas começaram a passar sabão no peito, porque apareciam os seios, um pouquinho, elas me diziam... p'ra ganhar perfumes, ganhar brinquedos, isso e aquilo dos velhos que apareciam na beira da lagoa... Então isso aí, teve um

tempo, uma época que denunciei mas depois me calei devido as ameaças, então elas se trocavam, deixavam eles pegar no peitinho, também eles só davam a quem tivesse peitinho, então elas tomavam água de concha, passavam sabão, passavam cebola, assim elas diziam que cresciam os peitinhos e realmente cresciam. Quer dizer, isso era um abuso, abusavam da infância delas, da precisão delas p'ra querer ter o corpo delas. Era me dê cá, que eu do lá. Me dá lá que eu dou cá.

Teve uma, também, que hoje até casou. Com 12 anos um cara prometeu que daria um presente a ela se ela deixasse ele desonrá-la, ela deixou, ele não deu nem o presente e desonrou ela. Depois ela veio pensar: mas por que eu fiz isso? Agora foi tarde. Hoje ela já casou, tem uma menina. Tem umas que ainda tem a sorte, criam juízo, se recuperam, casa e vai viver. Outras acham porque se perdeu, são mulheres, não tem mais nada a perder, aí vão se prostituir mais ainda, partir p'ra droga, p'ra bebida.

A violência aqui contra a mulher é demais, nessa área aqui... é demais. Contra a mulher já está começando na infância, porque quando começa a pegar as meninas já está partindo... atingindo a mulher. Vem outro lado também, muitos homens aqui bebem, quando chegam em casa começam a bater na mulher, as vezes dão até facada como já chegou gente aqui, sei que a coisa é grande. Muitos abandonam as mulheres para poder pegar outra, vão para a prostituição, deixam elas cheias de filhos, muitas chegam aqui cheias de filhos e não tem marido, porque o marido foi atrás de outra, até de uma mulher que usa droga, da prostituição mesmo, achando que essa mulher tem mais valor que aquela companheira, e outros casos aí...

A pobreza aqui é demais, porque estamos num país hoje num Estado que não existe emprego. Então o desemprego aqui é grande, não tendo emprego, não se tem educação, não tem a saúde... porque eles não se comovem porque acham que em primeiro lugar vem o dinheiro, se não há isso, não interesses deles.

Começa a briga entre marido e a mulher, porque a mulher quer alguma coisa p'ro filho, quer alimentação e o marido não pode dar porque procura e não tem emprego, se vai p'ra lagoa, muitas vezes a lagoa não tem o que pescar, como tem a Welina com 16 filhos, ela é da pesca, vai pescar quando chega um peixe, dois p'ra 16 filhos...É mais o desemprego. A pobreza aqui é mais devida ao desemprego.

Devia ter mais capacitação... É... aquela... como tem o projeto geração de emprego e renda, acho que deviam investir mais nisso para capacitar... já que não existe firma, não existe mais emprego na Prefeitura e nem no Estado, pelo menos que a pessoa aprendesse a fazer alguma coisa em casa mesmo. Que os órgãos governamentais como o SEBRAE, desse as condições, como Banco Nordeste que financia muito empréstimo, mas que desse condições da pessoa pagar, que desse tempo primeiro da pessoa se equilibrar, montar seu próprio negócio...

A gente compra de outro Estado...a gente tem capacidade, tem muita gente saudável, trabalhadora mas não tem aquele apoio, aquele incentivo. Porque também se você vai fazer um curso acho que deveria ter um projeto, se a pessoa vai fazer um curso, que ela tivesse, pelo menos, uma cesta básica, naquele tempo que não pode fazer um biscate, como pescar ou alguma outra coisa, está aprendendo alguma coisa, a cesta básica para dar aos seus familiares que estão em casa.

A educação aqui na comunidade, está precisando de muita ajuda porque falta capacitação para os professores, pagamento, um salário digno, materiais escolar, dar condições ao professor exercer a profissão dele.

A educação falta muito, não tem. Tem poucas pessoas aqui porque vieram de outras cidades compraram casas aqui, outro pessoal que venderam, por necessidade, voltaram para a beira da lagoa, porque não tinha emprego, tinham que vender suas casas para poder comer ou comprar uma canoa p'ra poder pescar, então tiveram que vender e voltar para beira da lagoa.

Educação aqui não existe. Não existe educação ambiental, precisa muito aqui por que tem a lagoa e precisa urgente de saneamento porque a bosta aqui é na porta. Educação aqui tem que ser em tudo, em todos os sentidos, não é só para alfabetizar, botar a criança na escola. Educação assim... sexual, p'ra adulto, alfabetização p'ra adulto que precisa muitos, muitos têm boa vontade mas não tem alguém que dê aquela oportunidade... ambiental, todo o tipo de educação que aqui está precisando.

Alcoolismo aqui... não tem tanto espaço no espaço do CAIC...? se tivesse espaço aqui já teria feito um grupo, acho que deveria ser implantado aqui um grupo do AA. Porque tem muitos que 5:00 horas da manhã, tem muitos aqui na calçada... tudo bebendo. Por quê? É tentando fugir da realidade, porque não tem um pão p'ra dar p'ra os filhos, não tem um emprego. É a fuga no álcool ou então

em drogas. Acho que o AA seria bem vindo aqui. As drogas como também vendem, também usam.

Muitos me vieram falar que não tem todos os medicamentos no CAIC, outra coisa também... dentista. Essa área é carente de oftalmologista, otorrino, essas áreas assim... essas especialidades é muito carente. Temos crianças que gritam com dor de dente, um local que sabemos que tem atendimento é no Breda, mas para ir p'ro Breda tem que dormir lá como muita gente que sai de madrugada, e muita gente não vai e quem paga é o pequeno, são as crianças. Já que o CAIC tem condições deveria ter mais ajuda nesse sentido. Ver mais essa área, se estruturar mais, a farmácia, na área de dentista, oftalmologista, otorrino, é urgente isto que está precisando. Um outro também, já que o espaço aí é grande, por que não ter um laboratório?

Tivemos o Projeto Cidadão, o que eu lutei junto com a comunidade, com todos os delegados da nossa região, sim... hoje vai ter reunião já mandaram todos os convites, a nossa luta foi essa de a gente ter o nosso espaço, da nossa associação... na nossa associação... ser implantada um posto, ter uma ajuda assim vamos dizer..., dentro da associação ter uma área de um posto de saúde. Não que vá... a nossa associação, ela não via... ser concorrente, mas a gente vai está ali auxiliando, está em parceria.

Como eles sabem que aqui essa área sempre teve do lado deles, que realmente eles vejam a gente. Que a gente existe e realmente ajudem, que peguem essa verba que está para vir para cá... que realmente venha, estamos precisando demais.

A nossa reivindicação... nós queremos o saneamento, era a prioridade nossa, mas só que foi dito no Projeto Cidadão que essa verba já é de outro projeto, então já está garantida aqui p'ro bairinho. Não precisava entrar esse projeto. Não poderia entrar. Esse negócio de saneamento... o saneamento já tem uma tal verba num outro projeto, então o Projeto Cidadão não poderia entrar sobre saneamento porque já tem dinheiro para isso. Inclusive lá... na nossa reunião que nós tivemos e que a prefeita estava presente, perguntei a ela, ela disse que isso aqui já estava p'ra vir, ia ser desentupida umas caixas que têm aqui no conjunto, ia ser feito saneamento.

Como nós tivemos também... fizemos aquele abaixo assinado, na Igreja São José, todo aquele tempo corremos atrás, e foi feito em outros cantos e a

gente ficou aqui faltando, então nosso projeto foi justamente esse porque temos a nossa sede com condições realmente p'ra dar assistência a comunidade, esse negócio de saúde... esse negócio não... saúde é prioridade nossa e educação, quer dizer vai ter espaço na nossa associação.

Vai ter espaço na nossa associação, não vai ser com esses 2,5m mais, queremos comprar um lote aqui, naquela primeira casa lá da frente, grande e se possível duas ou três mais casas e fazer lá na frente. Porque tem mais ventilação para essas crianças, porque aqui estamos abafados. Pelo que planejamos e temos no projeto conseguiríamos atender todas as crianças.

Mesmo com PSF teria muita necessidade de atendimento a saúde, principalmente de ter uma sala como botamos no projeto nosso, é... primeiros socorros, porque veja bem, aqui precisa muito, devido ao Salgema aí, que agora é Trikem. Tem muita poluição, tem as fezes pelas ruas. As crianças sofrem muito em forma de cansaço, então queríamos ter uma sala de primeiros socorros para ter aqueles tanques de oxigênio p'ra que todo esse pessoal e as crianças tivessem direito a ter nebulização direto.

Inclusive tirei minha menina daqui com esse mesmo problema. Fui no médico que me pediu para tirá-la daqui p'ra ir para outra área, principalmente o Tabuleiro que é área mais... o clima é melhor, mas outras pessoas aqui que não podem... conseguimos máscara para dar nebulização, Dr. Bernardo, que é uma pessoa muito sensível que nos ajudou nisso aí, que dizer: tudo que a gente consegue é pouca coisa, mas é um pouco e tudo que a gente pode fazer, faz.

Quando a Dr^a. Menala vem para cá, consulta aqui o pessoal, o pouco que se tem a gente passa, orientamos, às vezes, como cuidar da água. A gente faz reunião, convoca colocando primeiro um cartaz aqui na porta, nossa associação é bem freqüentada. A gente manda avisar pelas crianças... eu vou pelas portas: não percam, muita gente esquece, saio avisando, mando bilhetinho p'ros pais.

Desde pequena sempre sonhei ser mãe, me casei, no primeiro casamento não deu certo, mas p'ra mim foi uma bênção conviver com os meus três filhos, três bênçãos que Deus me deu. Tem aquelas aperreações, menino aperreia, muitas vezes a gente não se entende, mas as bênçãos que Deus me deu, a alegria da minha vida, desde que me conheço por gente, é... finalmente ter encontrado Jesus na minha vida e depois meus três filhos. Porque sem primeiramente Deus e depois meus filhos não sou ninguém.

Como aconselho aqui muitas mães que quer dá o filho, ou quer matar... digo: minha gente, não faça isso, porque Deus pode fazer alguma coisa, se ele deu a benção, ele se encarrega por aquilo que ele dá, ele se responsabiliza.

Acho que um filho é muito importante na vida do ser humano, tanto que não me opere, meu marido já... é doido porque quer que eu me opere, muita gente tem me aconselhado, tenho padrinho que é médico Dr. Yelegen, tenho muitas amizades médicas, todos babam p'ra me operar, mas não sinto no meu coração vontade de me operar. Inclusive estou pensando até... p'ra poder ter uma união melhor com meu marido, porque ele não é de acordo eu não me operar, de botar o DIU, estou fazendo até os exames p'ra ver se boto.

Dizer assim: vou tirar as duas trompas... uma pessoa chegar a dizer isso comigo, parece que vai tirar um braço de mim, parece que vai tirar um pedaço de mim, não vou me sentir mais ninguém. Por isso que tenho esse trabalho aqui. Amo demais essas crianças, não é só os meus filhos, amo demais meus filhos, primeiro lugar porque é meu filho, mas também meu coração é muito grande que dá ainda para caber esses outros e quem chegar aqui. É por isso que não tenho vontade de parar esse trabalho .

Já tive momentos aqui muito difícil... muito amargurado... como até agora mesmo... devido a essas ajudas assim que eu venho... estou sendo perseguida até no meu trabalho... ameaçada... até... fui devolvida porque era do setor fui para outro de baixo nível, por ter dado essa ajuda no tempo político a esse povo.

Veja bem a minha situação. Como é a oposição? Oposição é assim, do mesmo partido... eu era de uma secretaria que o Secretário apoiava um candidato, não apoiei o candidato dele, não porque não quis não, porque não me procuraram. Veja bem, o que vier aqui me procurar será bem vindo, porque o que a gente precisa aqui é de ajuda, então se fulano chegou primeiro e ajuda a gente será muito bem vindo, não tenho interesse pessoal, porque se tivesse interesse pessoal já tinha me dado bem, tanto que não pedi a Secretário nenhum para me dar gratificação.

Sempre que ia para o meu trabalho, era a primeira pessoa a chegar, sempre cumpri com as minhas obrigações, nunca fiquei a disposição para não fazer nada, usando a gratificação nunca usei. Sempre trabalhei a noite para poder durante o dia está lutando por aqui, muitas vezes deixei meus filhos lá abandonados... fico emocionada por isso choro... me tiraram do trabalho à noite,

amanhã é que vou resolver minha situação, onde é que vou ficar, mas o Secretário... não tenho nem ódio...estou entregando ele nas mãos de Deus.

Podia fazer um movimento aqui na comunidade, na imprensa... tem um radialista que é muito meu amigo... queria até... mas eu... estou entregando primeiramente nas mãos de Deus e eu sinto por ele não sentir o que eu sinto de tão bom aqui na comunidade. Realmente eu ajudo, é tão bom ajudar o próximo, ele não foi assim... tão humilde... tão sensível em sentir isso de perto, pensou mais no proveito pessoal, porque acredito que isso foi pessoal.

Ele não procurou ver o meu profissionalismo, na minha profissão lá onde estava na repartição, que eu era a primeira funcionária a chegar, cumpria com as minhas obrigações, nunca pedi voto para candidato lá, nem aos meus colegas de trabalho, nunca fiz política lá e ele me devolveu p'ra um órgão que é para eu trabalhar dois horários pelo dia, não tenho direito a ganhar gratificação, é p'ra eu trabalhar os dois horários... perseguição, não tenho o direito de me defender, então estou muito triste, ele me devolveu porque disse que estava fazendo política...

Sou uma pessoa sensível, não posso ver o próximo precisar de uma coisa e eu negar, eu tendo. Sou fiel. Tenho um coração e me apego rápido às pessoas. Me sinto um boa mãe, uma boa esposa, apesar de meu marido dizer que às vezes não sou, ele tem razão porque às vezes ele me procura como esposa eu realmente falho, mas estou tentando me corrigir sobre isso e...

Sou uma pessoa de palavra, hoje em dia... não quero ser melhor do que ninguém... mas hoje em dia... sinto assim nas pessoas que a gente não pode confiar... em ninguém... estou me achando muito sozinha, porque as pessoas hoje só confiam num pedaço de papel... se você assinou eu confio em você, mas... se você não assinar não confio e eu sou muito aquela pessoa de antigamente, que se você me deu sua palavra eu confio, se eu dou a minha fico muito feliz se você confiar. Eu posso até me prejudicar, mas se der a minha palavra, cumpro.

Sou uma pessoa amiga, não sei ver uma amiga numa mal e não ajudar. Se eu ver uma pessoa caindo numa enrascada, como vejo muitas vezes... o que passei como mulher, sofrimento de marido e tudo, tento passar para essas pessoas para não cair onde caí.

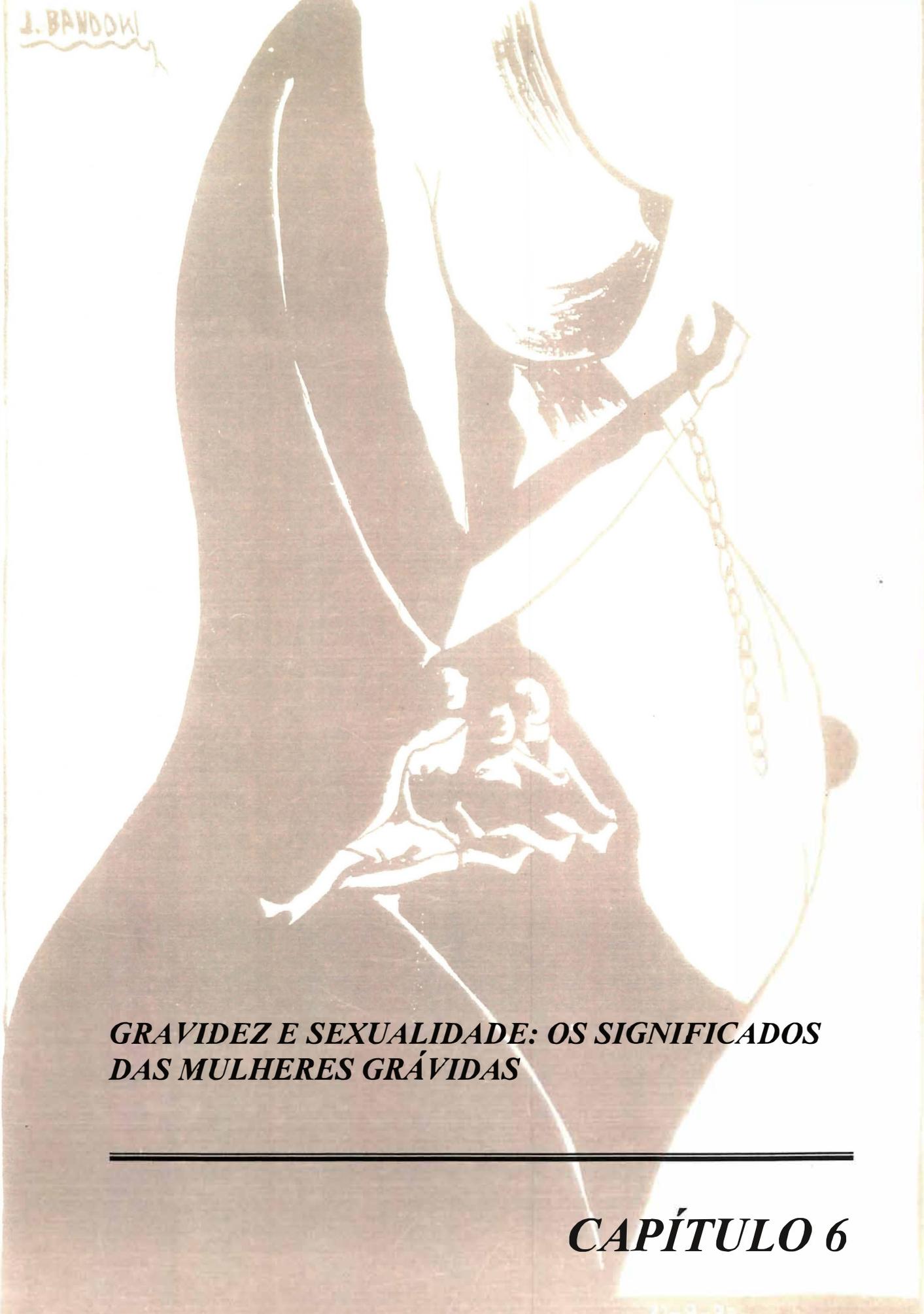
Na minha adolescência não tive... aquela pessoa para me dar aquele conselho... só as amigas p'ra dizer: não... ele é bonitinho, vá nele, sei que ele...

por causa da boniteza, mas se tivesse a cabeça que tenho hoje, não tinha caído. Tento passar p'ra todas as pessoas que vejo que vai cair na mesma situação que caí, de sofrimento, tento dar uma palavra de conselho, orientar... abrir os olhos. Porque é muito duro quando a gente sofre, a gente sofre na pele... é muito triste.

Gostaria de deixar a mensagem de que as pessoas procurassem amar mais o próximo, não olhar se tem alguma coisa. Procurasse ver os sentimentos... procurasse ver as pessoas... o seu erro e não na aparência, porque é muito triste... hoje estou vendo que as pessoas... estou muito triste... me sentindo só... porque essas pessoas só pensam no "eu", não pensam no próximo, então é muito triste isso, quando penso nisso me emociono e choro...

Espero em Deus que toque no coração dessas pessoas... que a pessoa reflita... e deixe de pensar só em si...porque Deus fez o mundo para nós todos, não foi só para mim ou para você, todos tem espaço nesse mundo e deixem as pessoas viver, sem perseguição, sem ódio... procure amar uns aos outros. Até mesmo como Deus amou, nos amou... procure mais sentir um pouco de amor ao próximo... só isso... desculpe aí o desabafo..."

J. BANDOVI



***GRAVIDEZ E SEXUALIDADE: OS SIGNIFICADOS
DAS MULHERES GRÁVIDAS***

CAPÍTULO 6

6 GRAVIDEZ E SEXUALIDADE: OS SIGNIFICADOS DAS MULHERES GRÁVIDAS

A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade.

Marilena Chauí

O processo reprodutivo do ser humano é uma das temáticas que julgo importante considerar nos estudos sócio-antropológicos da saúde. A experiência da reprodução é formulada, reproduzida e transmitida de acordo com o universo sociocultural de cada um. As mulheres constroem meios pelos quais respondem, socialmente, aos problemas experimentados quando estão grávidas.

A gravidez se constitui em uma experiência de caráter sociocultural que reflete o complexo interativo entre indivíduos, grupos e instituições, portanto, ela está cheia de significados. Atribuir um sentido ou formular um conceito a respeito de um signo, é encontrar o seu significado conforme expressa GEERTZ (1989). O signo é *"todo objeto, forma ou fenômeno que representa algo distinto de si mesmo"* (p:1854) como explicita

FERREIRA(1986). As coisas, os comportamentos, os pensamentos e os sentimentos se constituem em signos cheios de significados. O significado, ao ser interpretado, propicia a compreensão da cultura ou de um determinado fenômeno.

Partindo desta premissa, pretendo estabelecer algumas considerações interpretativas sobre os processos pelos quais os indivíduos atribuem significados às suas experiências de sexualidade na gravidez, baseando-me nas narrativas das colaboradoras. Para tanto, apresentarei as categorias e subcategorias que emergiram das narrativas seguidas de sua análise. Para possibilitar uma visão sintetizada dos temas e das categorias, apresento-as no quadro 1, antes de iniciar a discussão dos dados. Apresentarei também os dados sintetizados das subcategorias nos quadros 2,3 e 4, no final das descrições.

6 O SIGNIFICADO DA SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ

6.1 O DESCOBRIR DA SEXUALIDADE

- O vivenciar da menstruação
- O namoro
- O noivado
- O início da atividade sexual
- O casamento

6.2 A EXPERIÊNCIA DA GRAVIDEZ

- A confirmação da gravidez
- A notícia da gravidez
- A gravidez desejada e indesejada
- Os sentimentos em relação a gravidez
- Os sinais e sintomas

6.3 A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ

- O relacionamento afetivo-sexual na gravidez
- O corpo grávido
- O sexo na gravidez
- O sexo para ele com a parceira grávida
- O sexo para atender ao parceiro

Quadro 1 O significado da sexualidade na gravidez.

6.1 O DESCOBRIR DA SEXUALIDADE

A iniciação sexual é um acontecimento muito importante para a vida das mulheres. É nesse momento que é constatada a sua capacidade sexual, as suas condições de exercer a sexualidade e como os padrões estabelecidos por sua cultura influenciam seu comportamento sexual.

Antes de vivenciar tal momento, a mulher experimenta alterações biológicas que a preparam para a vida sexual. A chegada da menstruação (menarca) é uma das sinalizações que confirma o início da maturidade. Isso pôde ser apreendido no significado que as colaboradoras deram à primeira menstruação.

6.1.1 O VIVENCIAR DA MENSTRUAÇÃO

O tornar-se mocinha com a menstruação. A menstruação pode significar o início da maturidade, a menina torna-se moça, esse acontecimento é o marco de passagem que poderá ser recebido com temor e desconhecimento ou poderá significar algo esperado, principalmente quando a menina é preparada para isso.

O Vivenciar da primeira menstruação com ambivalência e desconhecimento. *Magnala*, quando menstruou pela primeira vez, desconhecia o que era, apresentou um estado de ambivalência, sem saber se devia ficar alegre ou triste, mas corajosamente enfrentou o acontecimento.

Quando menstruei pela primeira vez tinha onze anos, não sabia bem o que era, se ria ou chorava, mas enfrentei. Pedi um modess a minha mãe, ela me deu e comecei a usar normalmente. (Magnala)

O vivenciar da menarca com orientação e tranquilidade. Quando a mulher é orientada para a menarca, ela prepara-se para recebê-la sem temor, com a alegria por isso significar tornar-se “mulher”. Ao menstruar, a menina percebe que a razão de menstruar está estreitamente ligada à identidade do ser feminino. Tal experiência pode ser facilitada quando há troca de experiências entre mulheres que já menstruaram e aquelas que ainda não. *Anyuai* é um exemplo de como a garota reage favorável à menarca, quando é orientada adequadamente. Nesse caso, a mãe teve uma influência decisiva para que *Anyuai* experimentasse tal momento consciente e sem temores. *Magahine*, ao constatar as experiências da menstruação entre suas tias e irmãs, não se perturbou quando chegou a sua vez.

Menstruei pela primeira vez aos treze anos. Já estava sabendo porque minha mãe... ela sempre foi de explicar agente, no tempo que agente fosse mocinha menstruava, não tinha que ter medo, é o sangue, tem a maioria que dava cólica, tem outras que não dava... uma dorzinha. Quando sangrei, já fiquei sem medo, fiquei feliz porque o meu sonho era ser moça... dou risada....(Anyuai)

Minha menstruação veio quando tinha 13 anos, já sabia porque via tudo dentro de casa, via minha irmã e minhas tias trocando modess, via também saindo com namorados. Falaram p'ra mim: Um dia você vai ter isso, não fique mangando não que um dia você vai ter isso. (Magahine)

O descobrir-se mulher a partir da menarca. Após a primeira menstruação, a mulher percebe como as mudanças corporais vão se intensificando e, a partir daí, a descoberta do ser feminino vai se estabelecendo.

Depois da primeira menstruação mudou, mudou assim... botando corpo era magrinha, fui engordando um pouquinho, botando corpo, quando vestia uma roupa ia p'ra rua, ficavam paquerando acho engraçado, dou risada, isso para mim era legal. (Magahine)

Aos fenômenos corporais são atribuídos significados que vão além das sensações corpóreas. Ao menstruar, a menina marca os seus primeiros passos para entrar no mundo da sexualidade, ela já pode engravidar. O despertar para o desejar o outro é evidenciado, o seu corpo passa a ser o centro de suas próprias atenções e passa a ser exibido para provocar interesse naqueles que lhe possam dirigir o olhar. Assim, ela segue reproduzindo o senso de feminilidade aprendido. Menstruar significa tornar-se mulher, amadurecimento sexual e capacidade para reproduzir.

Em muitas culturas, na época da primeira menstruação, a menina via-se obrigada a cumprir com uma série de regras estabelecidas por seu grupo cultural, a fim de que cumprisse com o rito de passagem da condição de menina para mulher. Conforme o relato de MEAD (1979), as meninas Arapesh eram submetidas a quatro ou cinco dias de jejum, enclausuradas na cabana menstrual, acompanhadas de um cerimonial que encerrava oficialmente a

infância dela. O cerimonial visava tornar a menina forte, forte para cozinhar, forte para carregar, forte para ter filhos.

As índias Tupinambás, da época do Brasil Colônia, também tinham um ritual de passagem de menina à mulher, marcado pelo uso de instrumentos cortantes, uso de substâncias corrosivas nos cortes e tabus alimentares. O martírio visava proporcionar às futuras mães um ventre sadio, filhos bem formados e resistência em situações de perigos, segundo DEL PRIORE (1997).

Embora nas sociedades complexas e contemporâneas, as meninas não vivenciem algum tipo de rito de passagem explícito, elas têm consciência que passou de menina à mulher. Isso explica a alegria de menstruarem pela primeira vez ou sentirem-se bem; a partir daí terão acesso ao mundo adulto feminino, pois conquistaram o direito de entrada. Novas exigências, provavelmente, lhes serão feitas, terão acesso a novos espaços no mundo adulto, possivelmente, estarão presas ainda ao mundo infantil, se comportarão como crianças em algumas situações e como “mocinhas” em outras. Esse transitar nas duas realidades, na medida em que a maturidade vai se estabelecendo, desaparecerá. *Megan* quando casou e engravidou, brincava com suas cunhadas e ainda passava tempo brincado de boneca.

Quando conheci Sege, estava brincando, gostava tanto de brincar que mesmo grávida brincava de boneca. (Megan).

Os tabus que permeiam a menstruação. Dentre os múltiplos aspectos que abarcam a menarca, existe a questão dos tabus e do segredar.

Ao chegar a primeira menstruação, à *Magahine* foi apresentada uma série de proibições, sua avó lhe proibiu de ingerir determinados alimentos considerados “carregados”, vistos como prejudiciais à saúde. Ao adotar tais tabus, acreditava-se na prevenção de posteriores “problemas genitais”, caso não, problemas dessa ordem serão atribuídos a não observação dos tabus. Segredar o fato de tornar-se mulher pode ser uma forma de proteger a menina da iniciação sexual.

Quando veio p'ra mim, me senti muito bem, quando veio pela primeira vez gostei. Falei p'ra minha avó, ela disse cuidado, vai usar modess, não é p'ra falar p'ra ninguém, guardar o segredo... Ela disse que eu não podia comer comida carregada, fruta carregada, como abacaxi, melancia, banana só que eu teimava e comia essas coisas todinha e até hoje tenho inflamação, escorrimento brando, já estou me tratando.
(*Magahine*)

O aparecimento da primeira menstruação é o fator mais importante das alterações corporais femininas. Segundo LOPES (1989), geralmente ocorre entre 10 a 15 anos e, para esse acontecimento da vida da menina, ela deve estar preparada, porque a partir daí poderá exercer as suas demais importantes funções: o sexo e a reprodução. É nos termos da capacidade reprodutiva que o prestígio feminino é estabelecido, conforme concebe ORTNER & WHITEHEAD (1996), simbolicamente a menstruação é o significante que se pode atribuir o significado da capacidade reprodutora feminina e início da sua maturidade. A experiência da menstruação sinaliza

para o despertar do enamoramento, atração física, busca do outro e, assim, o namoro começa a ter o seu espaço.

6.1.2 O NAMORO

O namoro é o início dos contatos subjetivos e objetivos entre as pessoas de uma cultura que desejam construir relacionamentos. Através do namoro é possível que ocorram o encontro, o conhecimento e a construção de vínculos.

O namoro iniciado com a paquera. *Megam* e *Magahine* iniciaram o namoro através do flerte, da paquera. O olhar é a maneira que possibilitou-as a identificar e reconhecer o outro como objeto de desejo. O namorado de *Megam* aproximou-se de outra pessoa para colher informação a respeito daquele(a) que despertou interesse dele para o namoro. Já o namorado de *Magahine* foi diretamente ao assunto, pedindo-lhe em namoro. O namoro marca o início do relacionamento, através dele será possível iniciar o conhecimento do outro e o contato corporal.

... Conheci Segenamoya... quando ele chegou fiquei olhando p'ra ele e ele ficou olhando p'ra mim e perguntou o que eu era da GI. Ela disse que eu era amiga. Ele marcou um encontro comigo para gente se conhecer.
(Megan)

Comecei a paquerar com quatorze anos, vim namorar com quinze. meu primeiro namorado foi meu marido. O namoro começou assim: eu vi ele ali na esquina, todas as vezes que ele ia p'ra casa da minha avó ficava me paquerando e eu paquerando ele, aí teve um dia que ele falou direto

comigo, disse que queria namorar comigo e estava avechado p'ra pedir minha avó, eu dizia: Ah! Agora não porque ela não vai deixar. Ele perguntava: Por quê? Respondia: Minha avó é toda chata, não vai deixar, me acha muito adolescente para namorar, muito cedo. (Magahine)

Após o estabelecimento do namoro entre o casal, o passo seguinte é buscar o consentimento dos genitores ou responsável pela menina. Assim, o rapaz cumprindo o seu papel masculino, vai em busca de aprovação e de aceitação.

Comecei a namorar uma semana e depois foi que ele pediu a minha avó. Marcava encontro p'ra conversar, namorar, eu com medo que a minha avó ou mãe viesse ou meu tio, agente ficava olhando da esquina, só conversando, namorando. (Magahine)

A obtenção do consentimento dos pais para o namoro ou enlace. É apresentada na narrativa de *Magahine*. A aprovação decorre do pedir consentimento direto. Regras são impostas para o casal de namorados, que passa ser controlado pelos responsáveis da garota, conforme a situação de *Magahine*. Serão feitas investidas de controlar e dificultar a iniciação sexual, evitando espaço de privacidade para que não haja relação sexual antes do casamento. Com isso, busca-se garantir a moral da família e prevenir que não fique falada na vizinhança. Nem sempre tais tentativas são bem sucedidas.

Quando ele falou com minha avó, a gente ficou namorando na porta, ele disse p'ra ela: Quero namorar de porta com a Magahine, ela disse: Ah! mas vocês tem que namorar de porta, direitinho, só que eu não vou deixar

você sair mais ela p'ra o cinema, nem p'ra praia, p'ra canto nenhum, eu pensava assim: que besteira da minha avó, vejo tanto namorado saindo com a namorada. Não saía escondido, só ia na casa da mãe dele.
(Magahine)

Não obtendo a aprovação dos pais para namorar. Os pais podem reagir contra o namoro proibindo-o, principalmente, quando acham ter a filha pouca idade para namorar; isso não significa que os namorados acatarão. *Megan* é um exemplo de resistência e busca de estratégias para esconder o vínculo firmado na intimidade, tanto ela quanto o namorado utilizaram-se de múltiplas alternativas, firmaram pacto de segredo, encontraram-se às escondidas, fingiram que não estavam namorando, ficaram juntos em grupo e até utilizaram de uma suposta namorada, a qual com o tempo, provocou reações de ciúmes. Para a continuidade do namoro, homem e mulher utilizaram-se de recursos que possibilitaram camuflar e disfarçar, embora tenham sido, finalmente, descobertos. A experiência de *Megan* apresenta como o controle dos genitores acontece e como, ao mesmo tempo, é frágil a tentativa de domínio.

Ele foi pedir ao meu pai para namorar comigo. Meu pai disse que não tinha moça para namorar, que eu ainda era uma criança. Fiquei namorando escondido dele, quando ele soube brigou comigo, só faltou me bater. (Megan)

Quando namorava saía de casa escondido, dizia que ia para casa da Areia. Namorava na casa de meu cunhado, até o dia que o meu irmão descobriu. Meu marido combinou bem assim: Megan tapinho que estou

namorando com aquela outra menina, namoro com aquela menina tapinhando... para seu pai não desconfiar que você está namorando comigo... para ele não bater em você. Ai eu disse: –Tá bom. (Megan)

Depois ele ficou namorando com a outra menina e comigo. Depois eu disse: Segenamoya. não dá certo não, se você quiser namorar, namore só comigo porque ninguém que ter seu namorado p'ra dividir com duas pessoas não. Agente ficou namorando. Ainda a menina ficou com raiva de mim, disse que estava grávida dele tapiando, p'ra eu não casar com ele, para eu desistir. Falei: Olhe minha filha se você estiver grávida não vai me empatar de casar com ele não.(Megan)

Agente ficava namorando, tinha vez que ficava em grupo para não desconfiar, tinha vez que ia passear escondido, até no dia que minha mãe soube. (Megan)

O namoro pode acarretar sentimentos de intensa alegria, mas também de grande decepção e frustração. Isso depende de como a experiência é vivenciada. O caso de *Anyuai* mostra sentimentos de frustração diante de um namoro, no qual evidencia-se o uso do prestígio masculino.

Comecei a namorar aos 14 anos. Minha primeira experiência foi muito chata porque gostava muito dele, e ele era assim daqueles rapazes que só porque era mais de bem de vida do que eu, ele gostava mais de sair com as meninas, porque eu não dava o que ele queria, fazer coisa com ele, sexo...ele me chamava eu não queria, aí ele saía com as meninas e eu sabendo, saía p'ra motéis. Ele levava as meninas, namorava com elas na minha frente, beijava, me abusava, sofri muito... do primeiro namorado. (Anyuai)

É possível identificar o constrangimento da garota tendo em vista o namorado sentir-se livre para namorar quantas garotas ele desejar, evidenciando-se o prestígio sexual masculino. Isso expressa uma dominação

na relação de gênero do masculino sobre feminino, no que diz respeito à posição social e no uso da sexualidade, por ela não aceitar a atividade sexual. Isto é o esperado de sua cultura. O mesmo recorria às outras garotas que se submetiam às suas imposições, isso revela o quanto há permanência da dupla moral: para o homem, sexo livre; a mulher, para casar, deve controlar-se e recatar-se.

6.1.3 O NOIVADO

O noivado é a fase intermediária entre o namoro e o casamento que mais se aproxima do matrimônio. Nele ocorrem os preparativos para a futura união. Para *Magahine*, é nesse período que as intimidades ocorrem de forma mais intensa.

Namoramos dois anos, quando completei dezesseis noivei, mudou o respeito, ficou com muita liberdade, minha avó dizia p'ra esperar o casamento para depois acontecer... (Magahine)

6.1.4 O INÍCIO DA ATIVIDADE SEXUAL

A iniciação sexual. O início da vida sexual ocorre de diversas maneiras e lugares, um dos lugares utilizados é a casa dos pais tanto dele quanto dela ou de outro. O parceiro se responsabiliza pela iniciação sexual da parceira, reproduzindo a concepção de que do homem é a responsabilidade de assumir e iniciar sexualmente a mulher. *Magahine* iniciou-se sexualmente na casa dos pais dele, pelo fato de ter acontecido antes do casamento, ela diz que o namorado avançou o sinal. Com *Anyuai* foi na casa dela, o fato de sentir que

ele gostava muito dela, deu-lhe segurança de confiar a ele a intimidade sexual, assim, num momento em que os dois estavam sozinhos, se entregaram um ao outro. A residência do cunhado foi a opção de Megan por não ter acesso à casa dos pais que não aprovavam o namoro.

Quando ele avançou o sinal foi na casa dele, fiquei desconfiada, com medo... (Magahine)

Já o segundo, foi melhor, já foi p'ra casar. É, agente namorou... aí percebi que ele gostava de mim, gostava muito, agente ficou sozinho... um tempo dentro de casa, começamos a se beijar, a namorar, a brincadeira foi mais séria, tá entendendo? Acho engraçado por isso dou risada. A brincadeira foi mais séria, foi quando ele disse p'ra mim que eu não tivesse medo do que aconteceu, nós dois quis, aí ele disse: vou falar p'ra sua mãe hoje, fiquei com medo dele falar ele disse: (Anyuai)

—Não se preocupe não, você sozinha não vai ficar não, vou falar hoje com seu pai e sua mãe, aí chamou. (Anyuai)

Me perdi na casa do meu cunhado... (Megan)

A expressão dos sentimentos que acompanham a iniciação sexual. Após a primeira relação sexual, a garota pode ser absorvida por sentimentos ambíguos de culpa, medos e, ao mesmo tempo, sentir a experiência como boa. *Magahine* ficou desconfiada, logo, sua avó percebeu que algo estava acontecendo com ela. A tristeza de *Megan* sinalizou para que o pai dela desconfiasse de alguma coisa. *Magahine* e *Megan* preocuparam-se com a possibilidade de seus namorados as abandonarem depois de terem-se “entregado” para eles. A iniciação sexual para a menina é acompanhada de

sentimentos de perda conforme expressa Megan . Perda do que tem mais de valioso, perda da virgindade, perda da inocência, perda do corpo de menina.

Ele era comportado, namorou direitinho, não casei logo totalmente não, em fevereiro ele avançou o sinal, eu contei p'ra minhas irmãs, fiquei desconfiada, minha avó dizia: — Eu sei muito bem quando uma moça se perde, como é que ela fica. (Magahine)

Quando ele avançou o sinal foi na casa dele, fiquei desconfiada, com medo...com medo da minha avó dá em mim. P'ra minha mãe não era nem novidade, ela nem ligava p'ra isso. P'ra mim foi muito bom ter se perdido com ele, confiei muito nele, pensava assim: de me entregar e ele me deixar como faz os outros, né. Mas eu confiei muito nele e ele correspondeu. (Magahine)

...então eu me perdi com ele... (Megan)

Para eu me perder com ele, ele disse que gostava muito de mim, fico com vergonha de falar, dou risada. Me perdi na casa do meu cunhado, tive medo... fiquei chorando... Tive medo dele me desprezar... me entregar a ele e ele só querer me usar e me desprezar, tive muito medo, fiquei chorando... Fiquei muito triste também... por isso que meu pai desconfiou, porque fiquei muito triste, desconfiada... ele foi e desconfiou. Ele disse: — a Megan nunca teve desconfiada assim, agora tô vendo ela desconfiada... alguma coisa aconteceu com ela, então ele descobriu. (Megan)

Só vivia chorando, chorando... O meu marido mandou dizer a verdade a meu pai, ele disse: — Megan diga a seu pai que você não é mais moça não, que você já é minha mulher, agora se ele quiser fazer o casamento ele faça que eu caso com você, meu pai foi, acertou tudo, meu marido estava trabalhando, pagou o casamento e agente casou. O casamento foi bonito, me sinto tão feliz que só Deus sabe... (Megan)

Para que a mulher "perca" o que lhe é precioso, no caso, a virgindade, é necessário confiar no amor do homem. Entretanto, culturalmente,

há o receio de não ter o "dono", de ficar abandonada, de ter a sua sexualidade exposta e tornar-se socialmente falada e, na pior da hipótese, de ter sido usada e enganada. Portanto, para correr tal risco, é preciso que o rapaz demonstre que gosta da garota. A iniciação sexual é que confirma a mulher como pertencente aquele homem. Ele passa ser o dono e o responsável por ela.

A compreensão dos pais para com a iniciação sexual da filha.

Os pais ou responsáveis pela garota podem reagir de forma favorável, com aceitação ou reagir indignados, com desaprovação à iniciação sexual da filha antes do casamento.

Os pais de *Anyuai* reagiram com compreensão e diálogo frente à notícia da iniciação sexual da filha. A atitude de entendimento proporcionou que as coisas fossem resolvidas sem maiores conflitos.

... Com poucas horas, meu pai chegou com minha mãe. Ele ficou p'ra lá conversando com a minha mãe e o meu pai. Eles não entraram em pânico, entenderam, conversou com agente, ele marcou data de casamento comigo.: (Anyuai)

Ela perguntou as minhas irmãs, aí minhas irmãs falaram que eu não era mais moça, ela nem bateu em mim e nem nada disse: — é aconteceu, o jeito é casar no civil e ir morar. Casei no civil e até hoje agente está morando na nossa casinha. A minha irmã gêmea também está grávida de dois meses, ela se perdeu. (Magahine)

A desaprovação dos pais à iniciação sexual da filha. A reação dos genitores de desaprovação pode ser identificada pela expressão de raiva, desgosto, porque subtende-se que a filha maculou a moral da família,

conforme reação do pai de *Megan*, mas como não tem poder de mudar os fatos, de início rejeita. Com o passar do tempo, ocorre a aceitação e o vínculo é resgatado, principalmente com a chegada do neto(a). O fato de iniciar a atividade sexual antecipadamente foi uma maneira de *Megan* forçar a aceitação e garantir o seu relacionamento frente a seus pais.

Meu pai não queria que eu namorasse com ele, não sabia que eu estava namorando escondido, então eu me perdi com ele, meu pai ficou com raiva, com desgosto.... (Megan)

A utilização do sexo para confirmar o afeto e o vínculo, para pertencer e acelerar o casamento. O ato sexual assume diversos significados e pode ser usado para diversos fins. É a maneira do casal exprimir seus sentimentos de afeto, confirmar o vínculo entre si, atender à necessidade sexual. Pode ser usado para confirmar o pertencer um ao outro que, nesse caso, dirige-se mais à mulher como pertencente ao homem. Também é possível que através do sexo o casamento possa ser acelerado, se obtenha a aprovação dos pais à uma relação proibida. Na lógica deste grupo cultural, o sexo e a gravidez são acontecimentos que devem ocorrer após o casamento. Embora seja uma norma incorporada, não é cumprida em sua plenitude. Existem vários tipos de vínculos entre o homem e a mulher, que vão do oficial através do casamento religioso e/ou civil até ao morar juntos com parceria não oficial.

O namorado de Anyuai, percebendo-se como agente da sexualidade de sua namorada, exprime que teve a relação sexual porque queria casar com ela mesma. Nesse caso, sua ação de levar a moça a “se perder” é justificada.

— *Eu ja fiz isso porque eu já queria casar com ela. Com um ano e pouco agente casou. O bebê veio antes, assim que agente brincou ela veio logo. (Anyuai)*

Outra forma de estabelecer a união entre o par é o conhecido rapto consentido. É através dele que o casal busca sua iniciação sexual ou estabelece a perspectiva do casamento. Na maioria das culturas, o homem é o raptor, e assim, afirma culturalmente a sua masculinidade e estabelece o vínculo com a parceira independente da aceitação do seu grupo social. Segundo os estudos de MEAD (1979), roubar ou raptar a parceira significava ter relações sexuais antes da puberdade ou antes dos ritos que a sociedade estabelece como passagens para a vida adulta e para o casamento. *Agilapwe* relata a sua experiência de fugir, ou seja, a de ser raptada pelo parceiro quando ainda era adolescente.

...conheci um rapaz, fugi com ele, que é esse o pai do meu filho mais velho. Fugir... agente pega uma bolsa, bota uma roupa dentro e se manda, foi isso que fiz... (*Agilapwe*)

6.1.5 O CASAMENTO

Com o casamento, a relação se estabelece e adquire a aprovação social do casal, dos familiares e da comunidade, firmando o vínculo construído no namoro e noivado. Nem todos aguardam o casamento para iniciar a vida

sexual. *Kumat* respeitou o padrão do casamento para iniciar-se sexualmente. Com receio de levantar suspeita de que estivesse mantendo relações sexuais antes do casamento, recusou-se a utilizar algum tipo de contracepção. Assim, logo engravidou contra a sua vontade.

Casei em dezembro, quando foi em janeiro mesmo engravidei (Kumat)

Kumat, Magahine e Anyuai relacionaram-se primeiro sexualmente para depois casarem-se, o casamento passou a ser a solução para a circunstância da antecipação sexual conforme situação de *Megan* e *Magahine*. O pai de *Anyuai* achou que não deveria forçar o casamento, mas explicitou que seu sonho era ver a filha casada.

A imposição para o casamento acontece quando os familiares tomam conhecimento da iniciação sexual do casal de namorados.

Casei em 11 junho de 1997, não estava grávida, o juiz casou sem problema nenhum. Casei só no civil porque na igreja não podia porque eu sou muito nova, só podia com 17 anos. Quando casei minhas amigas ficaram feliz. (Megan)

...É aconteceu, o jeito é casar no civil e ir morar. Casei no civil e até hoje agente está morando na nossa casinha. A minha irmã gêmea também está grávida de dois meses, ela se perdeu. (Magahine)

...Ele marcou data de casamento comigo. Ele mesmo quem quis, meu pai até disse p'ra ele: (Anyuai)

— Ói, eu não vou forçar vocês casar a pulso porque eu acho muito feio isso, o pai fazer a filha casar com um rapaz a pulso sem ele querer,

então se você quer casar com ela você case, é o meu prazer ver a minha filha casada. (Anyuai)

Há uma outra situação que resulta da iniciação da atividade sexual ou do exercício da sexualidade nas mulheres mais amadurecidas. É aquela na qual a adolescente ou mulher adulta, vêem-se abandonadas pelos parceiros que as iniciaram ou as engravidaram (concepção cultural de que o homem é quem engravida a mulher). Essa situação é temida e, sob esta circunstância, a família passa a assumir com as conseqüências ou a própria mulher arca com tudo sozinha. A irmã de *Magahine* foi abandonada pelo namorado e por isso estava morando com a avó. *Agilapawe* foi abandonada pelo parceiro depois que engravidou, por isso teve que assumir sozinha com as conseqüências de uma gravidez inesperada. *Miduian*, sempre que engravidava, era abandonada pelo parceiro anterior.

A minha irmã gêmea também está grávida de dois meses, ela se perdeu há pouco tempo, ela mora com a minha avó. (Magahine)

Se ele estivesse comigo... seu percebesse que ele não queria nada...(Agilapwe)

O homem que eu gostava, emprenhava dele, quando sabia que eu estava grávida me dava um chute, eu pensava: meu Deus, grávida, desempregada, ficava em casa, minha vó dizia: não quero menino aqui, enchia minha cabeça aí eu pô, saía pra beber, aí eu dizia meu Deus do céu! (Miduian)

6.1 O DESCOBRIR DA SEXUALIDADE

◆ O VIVENCIAR DA MENSTRUÇÃO

- O tornar-se mocinha com menstruação.
- O vivenciar da primeira menstruação com ambivalência e desconhecimento.
- O vivenciar da menarca com orientação e tranquilidade.
- O descobrir-se mulher a partir da menarca.
- Os tabus que permeiam a menstruação.

◆ O NAMORO

- O namoro iniciado com a paquera.
- A obtenção do consentimento dos pais para o namoro ou enlace.
- Não obtendo a aprovação dos pais para namorar.

◆ O NOIVADO

◆ O INÍCIO DA ATIVIDADE SEXUAL

- A iniciação sexual.
- A Expressão dos sentimentos que acompanham a iniciação sexual.
- A compreensão dos pais para com a iniciação sexual da filha.
- A Desaprovação dos pais à iniciação sexual da filha.
- A utilização do sexo para confirmar o afeto e o vínculo, para pertencer e acelerar o casamento.

◆ O CASAMENTO

6.2 A EXPERIÊNCIA DA GRAVIDEZ

6.2.1 A CONFIRMAÇÃO DA GRAVIDEZ

O perceber-se grávida. A gravidez promove uma série de modificações físiopsicológicas que, segundo SOIFER (1992), são percebidas pela mulher mesmo antes que ela tenha certeza da concepção. Ao encontrar-se grávida, aos fenômenos biológicos e emocionais serão atribuídos significados culturais.

Segundo MALDONADO (1997), a mulher pode perceber-se grávida antes do resultado do exame laboratorial e até antes da data que deveria ocorrer a próxima menstruação. O estado de gravidez poderá levá-la a desconfiar do acontecimento, captando inconscientemente as transformações bioquímicas e corporais decorrentes da fecundação, as quais poderão ser expressas por meio de sonhos ou intuições.

Para RAPHAEL-LEFF (1997), a gestante percebe-se grávida logo que o óvulo tenha se estabelecido no espaço uterino. O espaço psíquico da mulher será fortemente influenciado pelo óvulo fertilizado, assim poderosas imagens inconscientes de sua história interior começará a permear seus sonhos, fantasias, o emocional e, conseqüentemente, a vida social. Toda uma rede de valores, crenças, compreensão de mundo, de significados passarão a circunscrever a vida desta mulher a partir de então.

A percepção da gravidez se dá através da ausência da menstruação e de outras sensações corporais, que em si mesmas não constituem a gestação, mas a estas se acrescentam significados intrínsecos, que levam à dedução de serem tais sintomas decorrentes de um estado da gravidez.

Vômitos, tonturas, dor abdominal, sensibilidade nas mamas são um conjunto de sensações coligadas que são organizadas em uma totalidade de sentido, culminando com ausência da menstruação, completa-se, assim, uma totalidade de significado. O estado de gravidez, além de ser um fato, os indivíduos nela envolvidos fazem interpretações ou julgamentos que são parte do processo de construção social, assim como um dado grupo social pode construir o significado da gravidez em cima de tais sensações. MEAD (1979), encontrou, entre suas participantes, mulheres que engravidavam e não associavam tais sintomas à gestação, ficando claro que os sistemas de significados são uma construção cultural particular. *Megan* ansiava engravidar, diante dos sinais e sintomas associou-os imediatamente à sua gravidez.

Quando desconfiei que estava grávida ia fazer um mês, ou antes de um mês, porque quando fui para casa da minha mãe, senti uma vontade de desmaiar, uma fraqueza, vontade de vomitar, nunca senti enjoô quando ando de carro! Pensei: acho que estou grávida, tenho certeza de que estou grávida, então disse:(Megan)

— *Oh! Segenamoya estou grávida, ele disse:*

— *Tu sabes para dizer a verdade. Respondi:*

— *Sei, vamos fazer uma aposta? Ele disse:*

— *Vamos! Quando chegar em Maceió vou procurar um médico, vou fazer uma consulta p'ra ver, foi quando fui, deu certo.*

A desconfiança da gravidez com a amenorréia. A interrupção temporária da menstruação é o principal sinal de que a gravidez chegou. A partir de sua experiência, *Magahine* desconfiou e teve a certeza de que estava gestante porque há dois meses não vinha fluxo menstrual.

Tinha certeza que estava grávida, estava desconfiada porque passou dois meses e não vinha a menstruação. Eu falei: — Acho que estou grávida Akerman. Ele disse: — Vá fazer exame p'ra saber. respondi: — Não precisa fazer exame porque eu já sei que estou grávida, a menstruação faltou e não veio mais, daí fui fazer pré natal. (Magahine)

A ocorrência da gravidez após interrupção de contraceptivo. A

gravidez para *Magahine* aconteceu após decidir não tomar mais o comprimido, a pedido do marido. No mês seguinte, já estava grávida. O uso da contracepção por *Magahine* era escondido para que sua avó não pudesse saber que era sexualmente ativa. O marido, na época do namoro era quem comprava o comprimido na farmácia, este fato revela o quanto é mais fácil para o sexo masculino assumir a vida sexual.

Engravidei quando já estava casada, desde que me perdi estava evitando tomando comprimido, agente comprava na farmácia, ele é quem comprava, eu tinha vergonha. Tomava à noite, escondido da minha avó. Ele resolveu que eu deveria parar de tomar os comprimidos depois do carnaval desse ano, ele disse que não era mais p'ra eu tomar o comprimido. (Magahine)

Depois que parei os comprimidos fiquei grávida, veio no dia nove do mês e não veio mais. (Magahine).

A interrupção de contracepção pode decorrer também pelo fato da mulher não ter parceiro ou achar que não vai mais se relacionar, *Amitoa* tomou comprimido por muito tempo, interrompeu pelo fato de pensar que não se interessaria por mais ninguém.

Tomei comprimido cinco anos, não engravidei, compro ali na farmácia, ele tem um papel laranja, parei porque pensei que não ia mais me interessar por ninguém... (Amitoa)

A falta de conhecimento e experiência com relação à contracepção, demonstra o quanto *Baymal* não estava despertada para o uso de contraceptivo. Engravidou do terceiro filho sem desejar. O marido usava a camisinha e ela nem tomava conhecimento de como e quando ele a usava. Isso demonstra a relação da mulher com o seu corpo e sua sexualidade e o baixo grau de tomada de decisão sobre o corpo que lhe pertence. No marido foram depositadas tais responsabilidades

Com quatro meses fiquei grávida da menina, não tinha experiência de nada, de tomar remédio para evitar. (Baymal)

Eu não queria pegar outro filho, ele estava usando a camisinha, não via como ele usava e tirava, não prestava atenção, ele dizia que estava usando a camisinha... eu não queria ficar grávida agora não, não queria outro, menino dá muito trabalho, muito sacrificoso, estava falando p'ra ele. (Baymal)

A ocorrência da gravidez por não usar contraceptivo. A gravidez acontece principalmente entre aquelas mulheres em idade reprodutiva que não fazem nenhum tipo de contracepção. *Miduian* engravidou por manter relações sexuais sem uso algum de contraceptivo, embora tenha provocado cinco abortos. O “não se dar” com a camisinha implica em não gostar de fazer sexo com ela.

Nunca tomei nada p'ra evitar, pior ainda, não me dou com camisinha.

(Miduian).

Megan conhecia alguns tipos de contracepção, mas escolheu não usar nenhum deles, mesmo namorando escondido dos pais e tendo “fugido” com o marido, o sonho dessa colaboradora era engravidar.

Não tomei nada para evitar filho, conheço comprimido, injeção, camisinha, mas não usei nada. (Megan)

Dentre os motivos que impedem o uso de contraceptivo, está o receio de que os familiares desconfiem de que a relação sexual acontece no namoro. Com receio de levantar tal suspeita, *Kumate* preferiu não usar.

Casei em dezembro, quando foi em janeiro mesmo engravidei, não estava tomando nada p'ra evitar, porque não pensei logo em tomar nada não. Antes da gente casar ele perguntou se eu queria filho, se eu queria que ele comprasse comprimido, eu queria tomar, mas disse que não, porque se minha mãe visse podia achar que eu estava transando antes. Porque qualquer coisa ela pergunta, remédio assim... (Kumate)

Não tomei nada para evitar filho, conheço comprimido, injeção, camisinha, mas não usei nada. (Megan)

A confirmação da gravidez através de teste laboratorial. Após os sinais e sintomas de início da gravidez, a gestante procura a confirmação através de exame laboratorial. Para tal, procura o serviço de pré-natal ou outro

tipo de atendimento médico que possa solicitá-lo. Foi o que fizeram *Kumate*, *Magahine* e *Megan*.

Desconfiei que estava grávida, fiz o teste p'ra saber se estava, quando fiz o exame deu positivo, já esperava. (Kumate)

No pré-natal fiz exame p'ra saber se estava grávida, exame de sangue, p'ra saber qual é o sangue... (Magahine)

Fiz exame para saber se estava grávida perto da praia da Pajuçara... (Megan)

6.2.2 A NOTÍCIA DA GRAVIDEZ

A reação de alegria com a notícia da gravidez. A notícia da gravidez pode acarretar sentimentos os mais ambivalentes possíveis, desde o de felicidade, alegria, receptividade ao de desconforto, tristeza; dependendo, logicamente, da circunstância na qual ela aconteceu, como afirmam MALDONADO (1997); MALDONADO, DICKSTEIN, & NAHOUM (1997). *Magahine* saiu contando aos seus amigos e familiares o resultado positivo do teste de gravidez, sua alegria era total. *Magahine* contava com o apoio do marido, de seus familiares e era a sua primeira gravidez .

Quando tive a certeza eu disse p'ra todo mundo, disse p'ra mãe dele... Estou contente com a minha gravidez, foi bom acontecer, eu queria muito, não sei como será o parto, estou desconfiada... tenho dúvidas... (Magahine).

A reação de tristeza com a notícia da gravidez. Baymal recebeu a confirmação do exame com muita tristeza e decepção, já possuía dois filhos, tinha vida cheia de tarefas domésticas, suas crianças ainda estavam muito pequenas, sentia o quanto dava trabalho cuidar de duas crianças, certamente o trabalho aumentaria com a chegada do terceiro. Também sua preocupação era dirigida às dificuldades financeiras para sustentar mais um, embora contasse com a participação e envolvimento do marido no processo da gravidez.

Quando recebi a notícia da gravidez, achei ruim porque não queria menino agora, muito trabalho, criança tudo pequena, além de ser trabalho e p'ra sustentar? fiquei chorando... Não queria abortar porque a criança não tem culpa de vir ao mundo, não tem culpa do serviço do pai e da mãe, não tem culpa de nada. (Baymal)

A gravidez foi recebida com desânimo por *Miduian*, principalmente porque mora na casa e depende da avó para sobreviver.

Morando aqui na casa de minha avó, a chegada de mais um me deixa desanimada, fazer o quê? Matar não posso, jogar fora também não posso, eu prefiro dar a alguém... minha avó diz: (Miduian)

–Não posso comprar leite não...

A gravidez para *Kumate* não foi bem vinda porque ela se planejou para engravidar com mais tempo de casamento, embora não tenha usado nenhum contraceptivo.

No começo eu não queria porque casada a pouco tempo, pensava que só ia engravidar lá p'ra o finalzinho do ano, não queria logo, antes de

*casar eu sempre pensei que quando eu casasse ia demorar a ter filho.
(Kumate)*

A notícia da gravidez para a família. A notícia da gravidez para os familiares, pode ser recebida com muita alegria, satisfação ou com muita tristeza e decepção. Quando a gravidez acontece fora do casamento, os pais podem evidenciar os sentimentos semelhantes aos da mãe de *Anyuai*, que se decepcionou pela fato da filha ter engravidado antes do casamento, visto que o padrão moral da cultura cobra o casamento para se ter filhos ou relação sexual assumida.

Minha mãe assim que ficou sabendo ficou um pouco triste, depois ela foi acostumando, tá querendo, aceitando tudo numa boa, até meu pai está muito feliz, ele não diz p'ra mim mas diz p'ra família do meu marido que está feliz com a neta. (Anyuai)

A notícia da gravidez para o grupo social. A notícia da gravidez pode ser recebida pelo grupo social com hostilidade e punição verbal. A experiência de *Anyuai* mostra claramente o quanto os padrões morais, ligados ao comportamento sexual no que se refere à gravidez antes do casamento, são cobrados. Pela reação das pessoas, subtemde-se que a gravidez deva ocorrer no casamento, embora não seja essa a prática de todos os elementos do grupo. O falatório é dirigido apenas à menina, ela é a desavergonhada que “abriu as pernas” para o namorado; enquanto que o rapaz não sofre nenhuma pressão e nenhuma condenação.

Depois disso quando eu passava na rua as pessoas ficavam falando, era aquele falatório. O falatório era porque eu era muito menina, abri a perna p'ra o rapaz, p'ra o namorado logo cedo. Casei grávida, foi um disse-me-disse porque eu casei grávida. Quando eu fui casar era piadinha: vai casar de véu e grinalda? Eu chorava o tempo todo. Tinha tempo até de ficar tão louca que pensava em pegar coisa que via na frente e ir lá tacar na cabeça da pessoa. Tinha tempo que ficava tão louca com esse titi. (Anyuai)

Minha mãe dizia assim:

— Não se preocupe não, porque aconteceu, mas o rapaz, elas sabem que o rapaz gosta e vai casar com você, é inveja. Por isso estão fazendo isso... é inveja delas. Porque você... aconteceu isso e vai casar e tem muitas que aconteceram e não casaram, aí ficam assim com você, me acalmava mais. Ele também, às vezes ele se alterava e queria brigar, mas minha mãe dizia que não arengasse. (Anyuai)

O abandonar a escola por causa da gravidez. Um fato que acredito ser importante discutir é que, embora as mulheres tenham ocupado um grande espaço na educação, há ainda situações sociais e culturais nas quais a mulher abandona o estudo e a profissão por ocasião do casamento ou gravidez, limitando assim, a sua possibilidade de crescimento. Isso foi o que aconteceu com *Megan* e *Miduian*.

O casamento ou a gravidez é usada como instrumento de separação, a mulher embora conviva em seu meio social é separada de atividades públicas, pelo fato da gravidez significar o cumprimento do papel da mulher ou a mesma ser compreendida como incapacitante.

Estudei até a segunda série, quando comecei a namorar estava estudando, parei de estudar quando casei e também porque vi aqui p'ra Maceió. Não faço trabalho fora, só em casa. (Megan)

...Tenho duas meninas, tinha 15 anos na primeira, fiquei com vergonha e abandonei o estudo. (Miduian)

Fiz até a 6ª série, na gravidez da minha primeira menina tive vergonha de estudar, daí me atrasei no estudo, não quis mais saber de estudo por causa dessa minha menina que saiu de casa. (Miduian)

6.2.3 A GRAVIDEZ DESEJADA E INDESEJADA

O desejar a gravidez. A gravidez pode ser esperada com muito ansiedade, principalmente, quando acontece pela primeira vez. Desejar ter um filho se configura na realização do ser mulher. *Megan* ansiava tanto este momento que achava demorado ainda não ter acontecido.

Não esperava engravidar mais não, achava muito demorado, pensava: as outras ficam grávidas tão cedo e eu custo, aí minha sogra dizia bem assim:

— Megan Deus sabe o dia de dar um filho a você, não precisa você ficar pedindo não. (Megan)

A gravidez sem esperar. Quando a gravidez acontece de forma inesperada ou num momento inoportuno quando não é planejada, pode acarretar sentimentos de rejeição ou de tristeza, ver “**a reação de tristeza com a notícia da gravidez.**” Descobrir-se grávida, nessas condições, conduz à tentativa de livrar-se do problema através do aborto ou continuar a gravidez atropeladamente. *Baymal* e *Agilapwe* não queriam engravidar porque

achavam-se com muitos filhos; para *Kumate* ainda não era o tempo e para *Miduian* não era bom por morar na casa da avó.

Eu não queria pegar outro filho... Quando recebi a notícia da gravidez, achei ruim porque não queria menino agora, muito trabalho, criança tudo pequena, além de ser trabalho e p'ra sustentar?. (Baymal,)

No começo eu não queria porque casada a pouco tempo, pensava que só ia engravidar lá p'ra o finalzinho do ano, não queria logo, antes de casar eu sempre pensei que quando eu casasse ia demorar a ter filho. (Kumate)

Nem seu tivesse condições gostaria de ter essa gravidez, aconteceu... nem que eu tivesse numa boa com o pai da criança, p'ra que mais filho se eu já, tenho quatro? (Agilapwe)

Morando aqui na casa de minha avó, a chegada de mais um me deixa desanimada, fazer o quê? (Miduian)

O continuar a gravidez. A decisão de continuar a gravidez foi tomada por todas as colaboradoras que a aceitavam, pelas que não aceitavam. Embora tenha provocado cinco aborto, *Miduian* resolveu dar continuidade à essa gravidez; *Baymal* percebia que a criança não tinha culpa e *Kumate* foi gradativamente se adaptando ao novo momento.

Matar não posso, jogar fora também não posso, eu prefiro dar a alguém... (Miduian)

Não queria abortar porque a criança não tem culpa de vir ao mundo, não tem culpa do serviço do pai e da mãe, não tem culpa de nada. (Baymal)

No começo eu não queria porque casada a pouco tempo, pensava que só ia engravidar lá p'ra o finalzinho do ano, não queria logo, antes de casar eu sempre pensei que quando eu casasse ia demorar a ter filho. ...Depois não teve jeito então eu deixei. Depois eu fui gostando mais da idéia. (Kumate)

A gravidez interrompida. Quando a gravidez é inesperada, pode ocorrer a tentativa de interrompê-la. Todo grupo cultural tem seu modo de interromper as gravidezes não desejadas ou ocorridas em momentos inoportunos. Nesse grupo, a tentativa de reparar a situação foi com a tentativa de provocar o aborto. Nesse contexto, geralmente o aborto é feito clandestina e solitariamente, em condições de risco, embora tenha a cumplicidade daquele que negocia com abortivos, como foi o caso de *Miduian*. Ou a grávida conta com a participação do parceiro, como narra *Kumate*, que queria usar ervas consideradas abortivas, ou tenta tomar ervas abortivas por si só como retratam *Agilapwe Amitoa*

Já provoquei cinco abortos com citotec, do último aborto quase morri, coloquei dois e também tomei dois citotec, não lembro quanto gastei, mas hoje só um comprimido custa dez reais, comprei numa farmácia, nessa época vendiam sem receita e ainda vendem por debaixo dos panos, toda farmácia vende. O três primeiro abortos eu usei chás e os dois últimos citotec. Abortei porque tive raiva da pessoa que eu estava relacionando, tinha raiva, ficava agoniada, ele não vinha, aí eu fazia e tomava o chá, ia

beber era uma bagaceira triste. Ainda bebo, quando tiro pra beber bebo uma cachaça triste. Da última vez que tomei citotec quase fui p'ra o buraco, me deu um trêmo, infeccionou por dentro, (Miduian)

Eu queria até comprar remédio p'ra não ter, tomei remédio de plantas, p'ra..., eu mandei ele comprar na feira, era tudo misturado, eu tomava mas sempre vomitava. No dia em que mandei ele comprar o remédio ele não queria me ouvir, aí eu disse: — quero, quero, quero tomar! Só contei p'ra minha irmã que tomei o chá. Depois não teve jeito então eu deixei. (Kumate)

Pensei em abortar, tomei um chá com cominho e não resolveu nada, não resolve nada... A menina falou cem gramas de cominho, faça um chá bem forte e tome. Tomei e não resolveu e não resolve não... (Agilapwe)

Quando desconfiei que estava grávida tomei tanto remédio para abortar. Tomei cabacinha, parreira, branca... tomei tanto remédio que eu nem me lembro. Tomei café com cominho... tudo que entrava caia fora, pensei tu vem ao mundo mesmo? (Amitoa)

6.2.4 OS SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À GRAVIDEZ

O realizar de um sonho, o sentir-se feliz com a gravidez. A gravidez pode ter muitos significados, para *Anyuai* significou a realização de um sonho. Para *Kumate* ocorreram várias modificações em sua vida, percebia-se diferente. *Megan* sentia-se feliz e alegre com a gravidez.

Para mim a gravidez significa um sonho que está se realizando porque acho tão lindo um caszinho com bebê. Ele é louco por um nenê.(Anyuai)

A gravidez p'ra mim mudou muita coisa, a pessoa fica diferente, sabe que vai ter um filho, fica esperando. (Kumate)

Quando soube que estava grávida fiquei muito alegre, me senti mais feliz, alegre, nunca estive assim, só vivia falando. Mesmo quando era solteira, ainda criança queria ter um filho para cuidar, criar, p'ra dar banho, andar com ele, dar carinho. Eu pedia tanto a Deus para me dá um filho, até quando Deus me deu, me ouviu e me deu, agradeço a Deus. Agora o que peço a Deus é que me dê meu filho com saúde e me dê saúde e a todas as pessoas e proteja meu filho e nós todos. (Megan)

O sentir-se desanimada com a gravidez. A gravidez pode desencadear sentimentos de desânimo, quando chega num momento em que a mulher não estava esperando. *Miduian* ficou desanimada e *Baymal* recebeu com desagrado a gravidez .

*...A chegada de mais um me deixa desanimada, fazer o quê?
(Miduian)*

Quando recebi a notícia da gravidez, achei ruim porque não queria menino agora. (Baymal)

6.2.5 OS SINAIS E SINTOMAS DA GRAVIDEZ

O experimentar os sinais e sintomas da gravidez. São vários os sinais e sintomas da gravidez. *Kumate* sentiu enjoos, apresentou vômitos e sonolência e hiperfagia. *Megan* percebeu o feto mexer no quinto mês da gravidez. *Miduian* sentiu dor no abdômen. *Magahine* apresentou hiperêmese gravídica .

Nos primeiros meses eu senti... senti muito enjoô, só vomitando e dormia muito, depois comia muito também (Kumate)

O meu nenê mexeu eu ia fazer quatro ou era cinco meses de grávida, fiquei muito feliz, fico muito feliz quando ele mexe, fico com raiva quando ele não mexe porque ele devia sempre mexer. (Megan)

Durante a gravidez senti vontade de vomitar, desmaiei, quase desmaiei ali na sala, não caí porque segurei no meu marido. Em São Miguel quase que desmaiava umas três vezes, me sinto fraca se eu não, ficar num canto caio... (Megan)

Estou sentindo tanta dor na barriga desta gravidez, tomei chá de sambacaitá. (Miduian)

Eu vomitei bastante na gravidez, emagreci, emagreci muito quando estava com três meses, emagreci, ficava amarela, minha vó disse: —Como ela está amarela, emagreceu! Vomitava muito, vomitei até os quatro meses. Quando acabava de comer botava tudo p'ra fora... (Magahine)

6.2 A EXPERIÊNCIA DA GRAVIDEZ

◆ A CONFIRMAÇÃO DA GRAVIDEZ

- O perceber-se grávida.
- A desconfiança da gravidez com a amenorréia.
- A ocorrência da gravidez após interrupção de contraceptivo.
- A ocorrência da gravidez por não usar contraceptivo.
- A confirmação da gravidez através de teste laboratorial.

◆ A NOTÍCIA DA GRAVIDEZ

- A reação de alegria com a notícia da gravidez.
- A reação de tristeza com a notícia da gravidez.
- A notícia da gravidez para a família.
- A notícia da gravidez para o grupo social.
- O abandonar a escola por causa da gravidez.

◆ A GRAVIDEZ DESEJADA E INDESEJADA

- O desejar a gravidez.
- A gravidez sem esperar.
- O continuar a gravidez.
- A gravidez interrompida.

◆ OS SENTIMENTOS EM RELAÇÃO A GRAVIDEZ

- O realizar de um sonho, o sentir-se feliz com a gravidez.
- O sentir-se desanimada com a gravidez.

◆ OS SINAIS E SINTOMAS DA GRAVIDEZ

- O experimentar os sinais e sintomas da gravidez.

Quadro 3 A experiência da gravidez.

6.3 A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ

A gravidez pode proporcionar um aumento na sensação de intimidade, amor e união entre os parceiros, favorecendo à relação sexual durante esse período ou poderá ter efeito contrário, ou seja, produzir uma situação de distanciamento, gerar conflitos e até produzir ruptura na relação. Tudo isso vai depender das condições nas quais a gestação ocorreu.

Para MALDONADO (1997), ao experimentar a gravidez, a mulher passa a ter uma mudança na percepção de si mesma, sente-se mais adulta e mais feminina, o que pode ser favorável para que viva uma sexualidade madura.

Embora as alterações hormonais, decorrentes da gravidez, intensifiquem a produção dos hormônios sexuais circulantes no corpo a partir do momento da concepção e produzam o aumento do desejo sexual em muitas mulheres, principalmente no segundo trimestre como observa MACDOUGALL (1998), é comum verificar graus variados do desejo sexual. Segundo MALDONADO (1997), pode ir do grau máximo de desejo erótico chegando até à inapetência sexual por parte da mulher.

Dentre os fatores que podem levar à diminuição ou à rejeição da atividade sexual durante a gravidez, MALDONADO (1997) cita: a cisão entre maternidade e sexualidade, que compreende a grávida como pura e assexuada; o sentimento de ambivalência relacionado em sentir prazer e, ao

mesmo tempo, sentir temor de atingir, fazer mal ou amassar o feto, produzindo uma reação de excessiva cautela e proteção.

Com base nas narrativas das mulheres entrevistadas, que fazem parte deste estudo, pude identificar que as questões que envolvem a sexualidade feminina estão centradas em dois eixos principais: o primeiro é o de proteger o feto e mantê-lo viável e o segundo se dá através preocupação em satisfazer as necessidades sexuais do parceiro.

6.3.1 O RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL NA GRAVIDEZ

O permanecer o mesmo no relacionamento afetivo. O relacionamento afetivo durante a gravidez, para *Anyuai* e seu o parceiro, permaneceu o mesmo que era no namoro, inclusive, ele optou por tratá-la com mais carinho, protegê-la de sentimentos de raiva e contrariedades. O tratamento especial proporcionado pelo cônjuge pode ser interpretado como uma conduta simbólica de não provocar reações de contrariedade na grávida. O significado do tratamento especial proporcionado nesse período objetiva garantir a saúde fetal, pois a raiva, segundo se concebe nesse grupo cultural, pode provocar prejuízos ao bebê e induzir até ao aborto. A experiência de *Baymal* mostra que quando engravida, seu companheiro expressa carinho através de beijos e de mais aproximação. *Megan* e *Kumate* dizem que o comportamento sexual dos maridos permaneceu o mesmo.

Estamos morando na nossa casa, meu relacionamento sexual com ele, é do mesmo jeito que ele era comigo no namoro, ele está do mesmo

jeito estando casado e comigo grávida, eu acho que parece que ele está muito mais assim..., ele não quer, ele não gosta de me fazer raiva. Se eu tenho raiva ele vem me fazer um carinho p'ra eu não ter raiva, não deixa ninguém me fazer raiva, ele é super legal comigo. (Anyuai)

Ele sempre me procura do mesmo jeito, com gravidez ou não, vem com amor, abraços, beijos, assim e tal... Para ele, como homem, não há nenhum problema por eu estar grávida, quando engravidado, é sempre muito agarrado comigo, durante o dia é beijo p'ra lá, beijo p'ra cá, agente discute pouco, porque todo casal discute, mas ele não anda judiando de mim. (Baymal)

Meu marido está bem, é sexualmente igual o que era antes. Continuo mantendo relação sexual, ele não fala nada... (Megan)

Durante a gravidez, meu marido, continuou o mesmo no sexo, quando a barriga estava muito grande agente fazia de banda, em pé mesmo.. (Kumate)

O sair com a parceira grávida. Uma das observações feitas pelas colaboradoras desta pesquisa, é o fato do companheiro sair ou levá-las para passeios com eles. Tal atitude indica aceitação da gravidez, o assumir a relação e manutenção do compromisso diante do grupo e familiares.

Sempre sai comigo, agente passeia, ele nunca sai sem mim. (Magahine))

A mudança no relacionamento afetivo-sexual. O relacionamento pode sofrer drásticas mudanças durante a gravidez. Diminuição do interesse, da freqüência e de satisfação sexual podem ser relatados. Ruptura de

relacionamento pode ser desencadeado por ocasião da gestação. *Agilapawe* é um exemplo de reação negativa do parceiro frente à gravidez dela.

Se ele estivesse comigo... Antes de engravidar ele saía comigo, agora não... Não é a mesma coisa, quando estava sequinha ele era carinhoso, quando engravidei ele sumiu, vem de vez em quando... (Agilapawe)

O evitar sair com a parceira grávida. Por ocasião da gravidez, tem homens que mantêm um distanciamento da sua parceira grávida, evitando aparecer em público com ela. *Megan* queixa-se da atitude do marido que passeava com ela para os lugares antes da gravidez e, depois que engravidou, não o fez mais.

Sinto raiva porque depois que fiquei grávida ele não quer andar comigo, quando estava sequinha, que nem as outras ele queria carregar para todo canto. Ele tem andado de vez em quando comigo, dia de Sábado... (Megan)

6.3.2 O CORPO GRÁVIDO

O perceber o corpo grávido como bonito. A maneira como a mulher vê o seu corpo grávido e como percebe as alterações corporais está intimamente ligada à maneira como a sexualidade é compreendida por homens e mulheres e como estes se situam diante do corpo. As modificações corporais podem ser interpretadas como sentimentos de orgulho pelo corpo, principalmente quando a mulher sente-se valorizada pelo parceiro.

Acho bonitinha minha barriga, redondinha, meu corpo continua bonitinho não fiquei larga, meu marido pega na barriga, beija, não vê a hora de nascer, pede p'ra nascer logo, tirar a barriga porque...(Magahine)

O perceber o corpo grávido como feio. As alterações corporais da gravidez podem ser vistas como deformidades. Assim, a mulher poderá sentir-se feia, um monstro, sexualmente incapaz de atrair alguém, o que pode acarretar retração sexual, segundo expõe MALDONADO (1997).

Sexo! Tô com o corpo muito feio... (Agiapwe)

MALDONADO (1997) cita que dentre os temores universais da gravidez, encontram-se as alterações da estética corporal. Há medo da irreversibilidade, ou seja, de que o corpo não retorne ao estado que era antes. O temor de ficar alargada e flácida tem um significado simbólico profundo, o receio de ficar modificada como pessoa pela experiência da maternidade, de não mais recuperar sua identidade antiga e transformar-se numa outra pessoa, com mais perdas do que ganhos.

6.3.3 O SEXO NA GRAVIDEZ

O temor de machucar o feto. A atividade sexual durante a gravidez segue acompanhada de alguns temores e, o medo de causar algum dano ou morte ao feto, é o que mais se faz presente. O relato de *Anyuai* revela o quanto esse conceito faz parte do cotidiano de seu grupo cultural. Mesmo com a informação recebida no pré-natal de que a relação sexual não traz prejuízo ao feto, o temor ainda persiste. É interessante perceber que conhecimento científico e saber popular convivem na mesma estrutura social. Para ALVES & RABELO (1998a), as linguagens científica e tecnológica estão entrelaçadas

com a linguagem popular. *Baymal* também demonstra tal preocupação e afirma que se não tivesse medo de afetar o feto se soltaria mais na relação sexual. Teme também que o conceito nasça com algum problema ou defeito. Tais conceitos, incorporados culturalmente, são inibidores da expressão sexual feminina, que se sente na responsabilidade de proteger o “filho(a) ainda em gestação”, cumprindo, assim, o seu papel de mãe. O marido de *Baymal* sabe que o feto não é prejudicado com a relação sexual, mas mesmo assim ela sente medo. *Kumate* tinha medo de apertar a barriga.

Na procura sexual, ele procura mas só que ele tem um pouquinho de medo. Medo de machucar a criança, eu digo:

— A médica mesmo que mandou fazer... disse que é bom fazer porque facilita o parto, ele ficou sem medo, mas mesmo assim ele não quer todo dia, é dois dias sim, dois dias não, três dias sim e lá vai.(Anyuai)

Não sei nem dizer o porque mas sinto um medo de ter relação quando estou grávida, medo de machucar alguma coisa, medo do menino nascer doente, de prejudicar dentro da criança, de nascer com algum defeito, ou coisas de outros tipos.... porque as vezes tem criança cega... é assim que eu penso. Ficava com medo, eu achava que a relação sexual podia provocar isso, seu eu não tivesse essa preocupação toda, acho que me soltaria mais.(Baymal)

Ele já teve outra mulher e disse que não machuca a criança porque a criança fica dentro do útero e não fica na vagina, a vagina já é outro local, mas sempre eu fico com medo da criança nascer com defeito, nascer alguma coisa no cérebro, fico com esses medos assim. Acho que o meu medo faz mais sentido do que o que ele diz, mas mesmo assim... é assim que eu sinto. (Baymal)

Eu tinha medo p'ra ele não apertar a barriga, e tinha vezes que eu não me sentia bem, tinha dias que ... (Kumate)

O fazer sexo durante a gravidez. A atividade sexual no período da gravidez tem repercussão bastante variada na vida das mulheres e dos homens. A sexualidade feminina é um fenômeno que poderá ser estimulado ou reprimido com a chegada da gravidez. Baymal não sentia prazer na relação sexual, fazia para atender à solicitação do parceiro.

Na gravidez eu não sinto... prazer de ter relações com ele não, porque acho que quando a pessoa está grávida só faz por fazer, porque realmente não dar prazer de nada. Se ele não me procurasse durante a gravidez, eu ficaria sem ter relações. (Baymal)

Em estado gravídico, os seios sofrem modificações decorrentes do aumento da rede vascular e glandular. O aumento da vascularização e consequente tumescência das mamas, provocava dor em *Kumate* quando o marido lhe acariciava os seios. A vasocongestão pélvica generalizada no abdômen e vísceras pélvicas pode levar a mulher a ter mais sensibilidade nessas regiões. *Baymal* refere-se à sensação de dor na penetração. Tais desconfortos podem estar associados ao medo de causar danos ao feto, à maneira como a mulher sente as modificações gravídicas e às crenças culturais a respeito do sexo na gravidez.

Durante a gravidez, meu marido, continuou o mesmo no sexo... Sentia dor nas mamas quando ele apertava, dizia p'ra ele e ele não dizia nada. (Kumate)

Na gravidez a relação não é a mesma, o sexo dói... dói quando vou ter relações, dói a relação. (Baymal)

Estou sentindo dor na vagina, um pé está inchando. (Baymal)

O gostar mais da fase do preparo para o ato sexual. O prazer sexual para *Baymal* está na fase de preparo para o ato sexual, o antes. Carinhos, abraços, beijos são a parte de que mais gosta; diz não atingir o orgasmo e não sentir muito prazer durante a relação sexual quando grávida. *Baymal* percebe que há diferença em praticar sexo durante gravidez e não estando grávida. Enquanto que *Magahine* faz pouca observação a respeito das alterações corporais.

Ele sempre me procura do mesmo jeito, com gravidez ou não, vem com amor, abraços, beijos, assim e tal... A parte do sexo que gosto muito é quando ele me beija, me abraça antes da relação. Quer dizer... eu não sinto muito prazer não, quando estou grávida não sinto muito prazer não, não gozo... O prazer é quando agente sente aquela coisa...! (Baymal)

Agente namora e depois faz o sexo, não observo nada em mim, se molho ou não, depois que faz ele tira, então sai o corrimento das mulheres. (Magahine)

O buscar posição alternativa para o ato sexual durante a gravidez. O sexo durante a gravidez exige mudanças de posição, principalmente quando o crescimento fetal promove o aumento do abdômen feminino. Assim, *Baymal* e *Kumate* adotaram a posição “de lado” para evitar pressão em cima do feto, na busca de mais conforto e como proteção ao feto.

Magahine já planeja buscar a posição “de lado” quando o abdômen estiver maior.

Na gravidez a relação não é a mesma... A posição, também, não é a mesma, porque ele não vai ficar em cima da minha barriga porque pode machucar a criança e assim mesmo dói a barriga, não é a mesma, agente faz de banda. Quando já estava com quatro meses agente já mudava de posição, só de banda mesmo. (Baymal)

Durante a gravidez, meu marido, continuou o mesmo no sexo, quando a barriga estava muito grande agente fazia de banda, em pé mesmo. Sentia dor nas mamas quando ele apertava, dizia p'ra ele e ele não dizia nada. (Kumate)

Dou risada de vergonha, agente faz sexo normal como fazia. Ele faz em cima de mim. Quando estiver com a barriga bastante grande vai fazer de bandinha e não em cima, que vai ser ruim p'ra o nenê. (Magahine)

O perceber diferença no ato sexual quando grávida. Durante a gravidez, a resposta sexual que se refere à lubrificação poderá ser acentuada. *Kumate* percebeu que a resposta de lubrificação era maior. Embora sentisse que ficava mais cansada durante o ato sexual.

Na gravidez é diferente transar, eu fico mais cansada, só que molha mais (lubrifica). (Kumate)

O útero aumentado, percebido através do abdômen devido à sua expansão, faz com que a grávida perceba-o como obstáculo, era assim que *Magahine* percebia.

Quanto ao sexo mudou p'ra mim, acho que mudou, não era como antigamente, como antes de eu estar grávida. Antes era bom, acho que p'ra mim empata por causa da barriga, é ruim assim.... (Magahine)

O ter relação para facilitar o parto. A relação sexual para a mulher, no estado gravídico, pode ser interpretada como facilitadora para o trabalho de parto. *Kumate* associou não sentir dificuldade no parto por ter tido relações sexuais na noite em que a criança nasceu. *Magahine* fazia por recomendação médica e abrir o canal de parto.

Agente teve relações a noite, antes dele nascer, quando foi de madrugada comecei a ter as dores. Não tive dificuldade p'ra ele nascer. (Kumate)

... Fazer relação, a pessoa faz a pulso, porque diz que é bom fazer, o médico disse que é bom, p'ra não parar de fazer isso, que é bom p'ra abrir a came. (Magahine)

A mulher pode associar também o seu tipo de parto à facilidade ou à dificuldade de penetração. *Magahine*, por se achar “fechada”, previa um parto cesáreo.

...estou achando que não vou ter normal, vou ter cesárea porque acho minha passagem muito pequena, sinto quando vou ter relação, me acho muito fechada, demora ele fazer... demora p'ra cruzar (entrar e ejacular), acho muito fechada, trancada, ele também acha, fico pensando que não vou ter filho normal. Não uso nada para ajudar a penetrar. (Magahine)

6.3.4 O SEXO PARA ELE COM A PARCEIRA GRÁVIDA

O fazer sexo com a parceira grávida. O sexo para o homem, quando a parceira engravida, pode continuar o mesmo e a gravidez pode ser motivo de aproximação, conforme experiência de *Baymal*.

Para ele, como homem, não há nenhum problema por eu estar grávida, quando engravido, é sempre muito agarrado comigo, durante o dia é beijo p'ra lá, beijo p'ra cá... Ele sempre me procura do mesmo jeito, com gravidez ou não, vem com amor, abraços, beijos, assim e tal.... (Baymal)

Dou risada de vergonha, agente faz sexo normal como fazia. Ele continua o mesmo comigo no sexo, faz com muito prazer, tem marido que não faz pensando que é ruim fazer em mulher grávida, mas eu não faço com muito prazer, ele é animado. (Magahine)

A vida sexual do parceiro pode também passar a ter outro caminho, que é o de visitas esporádicas, até o afastamento total da parceira grávida, como retrata a experiência de *Agilapwe*.

...quando estava sequinha ele era carinhoso, quando engravidei ele sumiu, vem de vez em quando... (Agilapwe)

6.3.5 O SEXO PARA ATENDER AO PARCEIRO

O fazer sexo para atender à solicitação do parceiro. Atender à solicitação sexual do parceiro é a intenção de *Baymal*. Ela afirma que, caso não fosse solicitada, ficaria sem atividade sexual durante o período da gestação. *Magahine* faz porque o marido é ativo, para ela acontece sem muito prazer. *Miduian* prefere que ele não a procure devido à dor que tem na relação.

Nesse caso, o parceiro havia tomado remédio para gonorréia e não a avisou que estava doente.

Se ele não me procurasse durante a gravidez, eu ficaria sem ter relações. (Baymal)

...Mas eu não faço com muito prazer, ele é animado, .(Magahine)

Prefiro que ele não me procure, quando tenho alguma relação parece que vai me furar, dói quando tenho relação, arde! Será que é problema de gestação ou é problema mesmo?(Miduian)

Estou com uns problemas aí também, no meu útero, o meu útero está com problema, estou com corimento e ardor p'ra urinar...(Miduian)

Está com um mês que ele tomou um remédio p'ra gono, tomou dez comprimidos de uma vez, não sei não mas acho que passou p'ra mim, tenho medo de virar câncer, ele teve relação comigo e não me disse.(Miduian)

6.3 A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ

◆ O RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL NA GRAVIDEZ

- O permanecer o mesmo no relacionamento afetivo.
- O sair com a parceira grávida.
- A mudança no relacionamento afetivo-sexual.
- O evitar sair com a parceira grávida.

◆ O CORPO GRÁVIDO

- O perceber o corpo grávido como bonito.
- O perceber o corpo grávido como feio.

◆ O SEXO NA GRAVIDEZ

- O temor de machucar o feto.
- O fazer o ato sexual.
- O Fazer sexo durante a gravidez.
- O Gostar mais da fase de preparo para o ato sexual.
- O buscar posição alternativa para o ato sexual durante a gravidez.
- O perceber diferença no ato sexual quando grávida.
- O ter relação para facilitar o parto.

◆ O SEXO PARA ELE COM A PARCEIRA GRÁVIDA

- O fazer sexo com a parceira grávida.

◆ O SEXO PARA ATENDER AO PARCEIRO

- O fazer sexo para atender à solicitação do parceiro.

Quadro 4 A experiência da sexualidade na gravidez.

6.4 AS TEIAS DE SIGNIFICADOS

Após a categorização dos dados narrados pelas colaboradoras, posso verificar que a sexualidade, no período da gestação e como geradora da gravidez, assume múltiplos significados, principalmente no que diz respeito à condição feminina.

Estudar a sexualidade no período da gravidez possibilitou-me compreender a percepção e a vivência das mulheres que colaboraram com este estudo. A dinâmica da gravidez e da sexualidade, com suas múltiplas facetas, integra-se neste período, adquirindo amplos e vários significados para a mulher e o homem.

A mulher experimenta, simultaneamente, as mudanças biológicas, psicológicas, socioculturais e sexuais nesse período, a partir de sua concepção individual e da do grupo a que pertence.

Os eventos que ocorrem durante a gravidez e os conceitos adquiridos assumem concepções simbólicas, os quais passam a ser delineadores da conduta sexual de homens e mulheres. Segundo GEERTZ (1989), o conjunto de mecanismos simbólicos são responsáveis por controlar o comportamento humano e pelo que os indivíduos são capazes de se tornar.

Refletindo com base nos eixos temáticos, **O DESCOBRIR DA SEXUALIDADE, A EXPERIÊNCIA DA GRAVIDEZ e A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ**, que emergiram das narrativas, identifiquei mecanismos simbólicos que os envolvem e mostro como os comportamentos das mulheres são definidos por esses termos.

O *DESCOBRIR DA SEXUALIDADE* deve ser entendido não só como a prática sexual, mas também como um conjunto de experiências vivenciadas pelas mulheres que compreende: ***a menstruação, o namoro, o noivado, o início da atividade sexual e o casamento.*** As mudanças de caráter fisiológico, que se dão no corpo feminino, sedimentam as concepções culturais.

Na perspectiva das mulheres, a menstruação significa tornar-se moça, adquirindo o corpo de mulher. Tal momento se dá a partir da menarca. Pode ser entendido não só como a descida do fluxo sangüíneo, mas também como a possibilidade de engravidar, de descobrir-se mulher e de confirmar a identidade feminina. Segundo COSTA (1994), é a partir da convicção e consciência de que se pertence ao gênero feminino que a mulher estabelece sua identidade. A menarca é uma experiência que traz grande contribuição para o estabelecimento da identidade de gênero feminino. Menstruar, como uma teia de significado, assume a dimensão simbólica de ter o significado de tornar-se mulher, representando a permissão para iniciar-se no mundo adulto, amadurecimento sexual, capacidade para reproduzir (fertilidade).

O namoro e o noivado, conforme os dados apreendidos, foram etapas do relacionamento que conduziram ao casamento, embora nem sempre tenham ocorrido nessa ordem e nem dessa maneira. Mas, segundo os valores do grupo cultural, deveriam ocorrer.

Conforme a experiência do namoro, pude identificar a relação de gênero entre homem e mulher, confirmando a posição do masculino, como

sendo aquele que conquista, que tem a liberdade de namorar quantas e quem bem quiser, sem sofrer sanções morais. O namoro é o espaço, em que o par envolvido tem a permissão de se encontrar, conversar, de iniciar-se no toque e nas carícias. No noivado, conforme experiência de uma colaboradora, ocorreu mais intimidade física. Este é o período de transição mais próximo do casamento. O sexo com penetração, segundo os dados proporcionaram compreender, está restrito ao momento após o casamento, para a mulher. A família articula-se para adotar estratégias que dificultem o “avançar o sinal”, para guardar o corpo virgem da garota, tentando mantê-lo não violado, resguardado, moralizado e apropriado para o dever conjugal.

É possível, através das experiências relatadas, identificar o controle da cultura sobre o corpo feminino e como a manifestação do corpo, no que se refere à sexualidade, é coibida para as mulheres, em algumas situações. A menina geralmente, como deduz RODRIGUES (1986), tem a sua sexualidade reprimida até o casamento, enquanto que para o menino ela é estimulada. Existe uma dupla moral que beneficia e reforça o prestígio sexual masculino, voltada para atender às vigências sexuais dele.

A partir da **descoberta sexual**, identifico que a lógica desse grupo está voltada para os interesses sexuais masculinos. Está organizada na perspectiva do gênero, no prestígio da masculinidade, como apontam ORTNER & WHITEHEAD (1996). Há uma participação diferencial de homens e mulheres nas questões que envolvem a sexualidade. O domínio masculino define em que termos a sexualidade feminina deve ser iniciada e acontecer. O controle do

comportamento sexual feminino é exigido para as mulheres. Entretanto, para os homens, quanto mais ativo e expressivo for sexualmente, maior o seu prestígio.

Através da iniciação sexual, vejo dois padrões de comportamento para o homem e a mulher no contexto estudado. Para ele implica em dominar, se impor e em garantir a sua masculinidade. Enquanto que para ela implica em ser dominada, perder algo; nesse caso, a virgindade. Ele ganha, ela perde, o que justifica o uso do termo "*ela se perdeu*". Ele conquista, ela é conquistada.

A iniciação sexual masculina é de responsabilidade do próprio homem. Ela não se inicia, é iniciada sexualmente por ele. Ele passa a ser o dono, ela a ser pertencida. Se não ocorrer dentro dos padrões do casamento, sentimentos de culpa e medo podem absorvê-la. Quando o parceiro não a assume sofre sanções morais, passando a ser falada e desvalorizada.

Tecendo considerações finais a respeito do **DESCOBRIR DA SEXUALIDADE**, identifiquei que as colaboradoras descobrem a sua sexualidade a partir da experiência da menstruação, descobrindo-se, portanto, como mulher e significando o aflorar da capacidade reprodutora e sexual. A possibilidade de iniciar-se sexualmente pode estar na experiência do namoro, noivado ou casamento. Os papéis sexuais que as colaboradoras assumem são prescrições da sociedade e a sexualidade reflete o pensamento prevalecente da cultura em que elas vivem.

Neste momento, apresentarei um esquema (Fig. 3) que traduz **O DESCOBRIR DA SEXUALIDADE**, conforme o significado apreendido das

colaboradoras. Este esquema e os demais, foram montados em Mapas Mentais, segundo a proposta de DRYDEN & VOS (1996). Estes autores reconhecem no *Mind Map* ou Mapa Mental, uma maneira prática, sintetizadora e fácil de lembrar os principais pontos da realização de um estudo. Adotando essa percepção, construirei a proposta esquemática. A anotação não será linear, será feita com associações das experiências narradas com pontos relacionados à experiência. Utilizarei termos chaves. No final, poderão ser vistos os principais conceitos em conjunto.

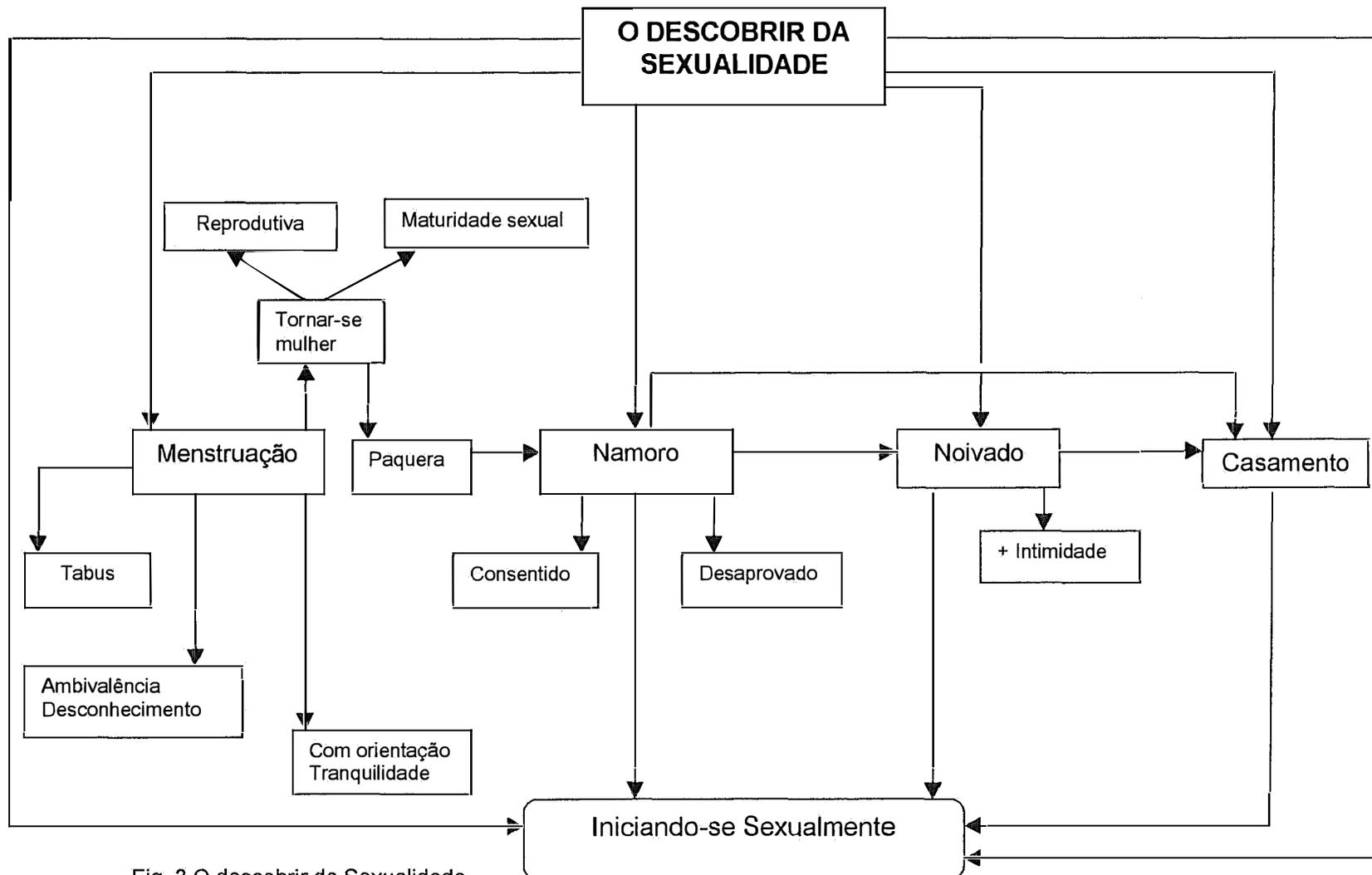


Fig. 3 O descobrir da Sexualidade.

Com o corpo feminino iniciado sexualmente, as possibilidades de gravidez aumentam. Quando a gestação ocorre, naturalmente, é influenciada pela compreensão do contexto sociocultural. Com a gravidez, ocorrem mudanças no corpo que passam a ter significados específicos. A mulher passa a ter sua imagem corporal e papéis alterados, como destacam MALDONADO (1997); MALDONADO, DICKSTEIN, & NAHOUM (1997).

Na perspectiva das mulheres pesquisadas, **A EXPERIÊNCIA DA GRAVIDEZ** como significado cultural, configurou-se a partir de cinco fenômenos, **a confirmação da gravidez, a notícia da gravidez, a gravidez desejada e a indesejada, os sentimentos em relação à gravidez, os sinais e sintomas da gravidez**. Conforme o que as colaboradora identificaram e o que interpretei da relação entre tais fenômenos, apresento os dados esquematicamente (Fig. 4).

A gravidez é considerada por MALDONADO (1997), uma transição que faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano. Quando gestante, a mulher necessita de reestruturação e reajustamento em diversas dimensões de sua vida, tais como mudança de identidade e definição de novos papéis, como explica esta autora.

Para o grupo estudado, a gravidez configurou-se sob duas situações antagônicas: desejada ou indesejada. As mulheres que desejavam a gravidez, reagiram à notícia com sentimentos de alegria. Tristeza, desânimo e raiva absorveram aquelas que engravidaram sem esperar ou desejar, portanto, houve tentativas para abortar em algumas e outras não.

Conforme os relatos das mulheres, a notícia da gravidez assumiu significados diversos para a própria mulher, para o parceiro, para a família e para o grupo social.

Enjôos, vômitos, sonolência, tonturas são sinais e sintomas que o grupo associou à gravidez, dentre estes, a amenorréia é o que mais significado tem como suspeita da gravidez.

Através da vivência da gravidez como experiência cultural, foi possível perceber nuances da relação de gênero. Espera-se que a mulher seja engravidada e que o homem a engravide. Ele age, é ativo, disseminando o seu sêmen nela. Ela é receptora do sêmen, é engravidada, é passiva.

Ênfase tem sido dispensada aos aspectos biológicos da reprodução; entretanto, a gravidez assume amplos significados que são definidos, desenvolvidos e experimentados no contexto sociocultural de diferentes sociedades. Cada gravidez, como aponta MONTICELLI (1994), é vivida de forma única, sendo que o conjunto de informações culturais incorporadas pela mulher, familiares e grupo social determinam as atitudes frente à gestação. BONADIO (1996) argumenta que a evolução da gravidez e sua assistência é influenciada e determinada pela sociedade.

A gravidez como fenômeno cultural, traz em si amplos significados, que podem ser interpretados com múltiplas facetas. Engravidar para mulher pode ser a forma de realizar-se através da maternidade. Quando engravida confirma a sua capacidade reprodutora e um dos mecanismos para estabelecer a sua feminilidade é através da fecundidade. A gravidez quando acontece como

resultado da atividade sexual, do encontro íntimo entre homem e mulher, revela e confirma a prática sexual.

Um outro significado cultural dado a gravidez, apreendido nos dados, é que o resultado final da gestação, é associado ao comportamento da mãe. Por isso justifica-se todo um controle social quanto a alimentação, atividade física, práticas sexuais e outras com a finalidade de proteger o feto de danos posteriores.

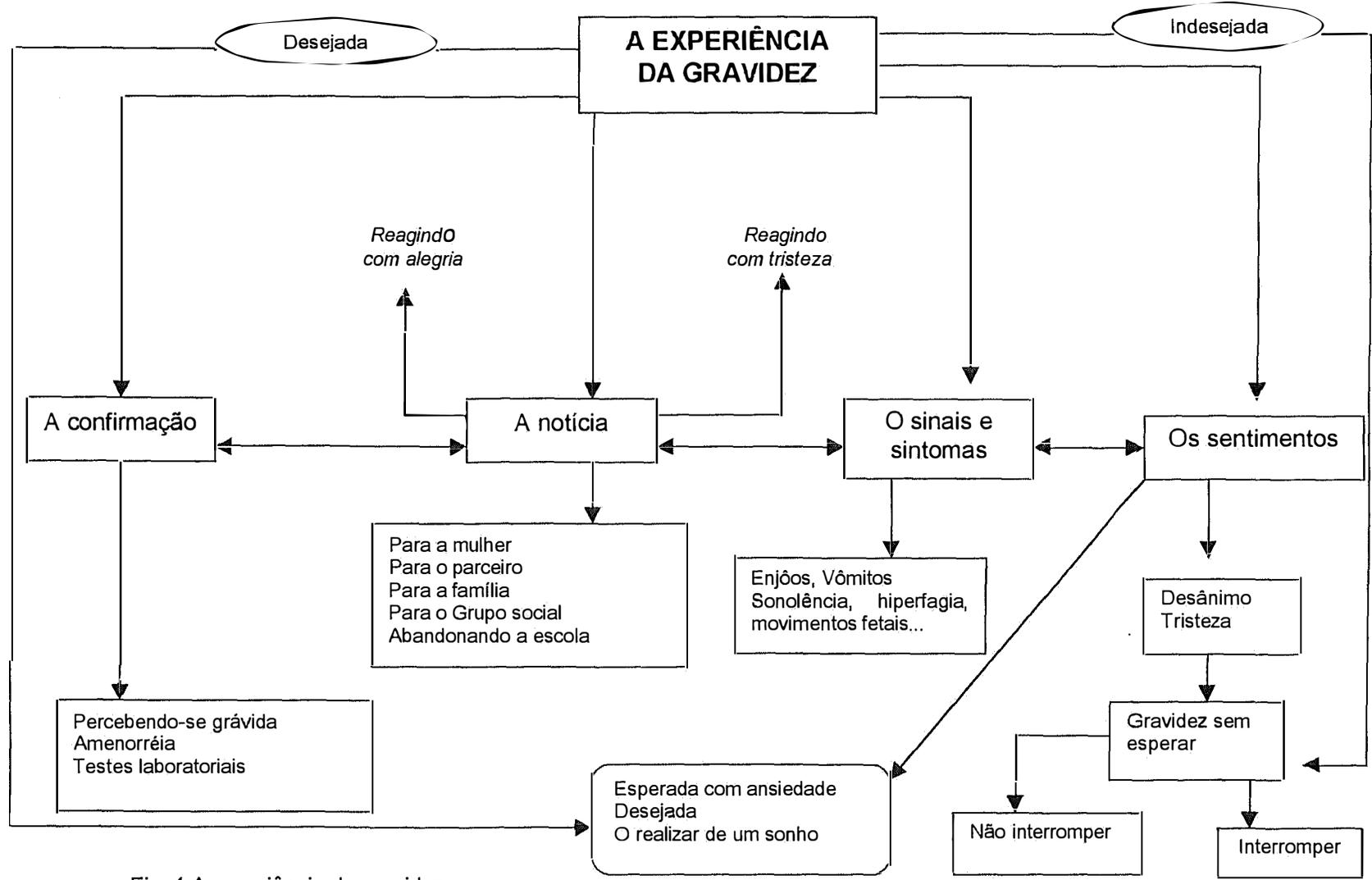


Fig. 4 A experiência da gravidez.

Conforme as narrativas das mulheres entrevistadas, que fazem parte deste estudo, identifiquei que as questões que envolvem a sexualidade feminina estão centradas nos seguintes eixos: o de proteger o feto e mantê-lo viável, e a preocupação da grávida em satisfazer as necessidades sexuais do parceiro, subtende-se a questão de que a mulher deve estar pronta para atender às necessidades do seu parceiro.

Com base nos dados narrados pelas grávidas deste estudo, do eixo temático **A SEXUALIDADE NA GRAVIDEZ**, emergiu as categorias ***relacionamento afetivo-sexual na gravidez, o corpo grávido, sexo na gravidez, sexo com a parceira grávida e sexo para atender o parceiro.***

No que se referiu ao relacionamento afetivo-sexual na gravidez, houve situação, em que o parceiro permaneceu o mesmo sexualmente, aumentou os cuidados para com a parceira evitando contrariá-la.

A situação do relacionamento, em outros casos, foi modificada após a gravidez, abandono da parceira, afastamento sexual definitivo, distanciamento por parte do parceiro comprometeu a expressão afetivo-sexual para sentimentos positivos nessas mulheres. Assim, sentimentos de ódio, raiva, rejeição, repulsa foram experimentados durante a gravidez por algumas narradoras.

O corpo feminino foi visto como bonito durante a gravidez, principalmente naquelas que desejavam a gravidez; enquanto para outras foi considerado feio, quando não desejavam a gravidez e já haviam experimentado os efeitos da gestação em seu corpo.

O sexo na gravidez, foi seguido do temor de machucar o feto, e da percepção das modificações gravídicas como desconfortáveis para o ato sexual. A fase de preparo foi tida como a que mais a grávida gostava, a busca da posição “de lado” para o ato sexual nesse período foi enfatizada.

Teve mulher que percebeu diferença no ato sexual quando grávida, tal como mais lubrificação vaginal. Conforme explicou MASTERS & JOHNSON (1984), a lubrificação vaginal desenvolve-se mais rapidamente e em maior quantidade na mulher gestante. Isso ocorre em decorrência do ingurgitamento venoso do canal vaginal provocado pelas alterações da gravidez, como explicam esses autores. A relação sexual também foi compreendida como facilitadora do futuro parto pelo fato do canal vaginal ser mantido aberto por meio da penetração.

O sexo com a parceira grávida continuou o mesmo para alguns homens e a gravidez foi motivo de aproximação; para outros, restringiu-se a visitas esporádicas ou afastamento definitivo.

Algumas mulheres afirmaram fazer sexo na gravidez porque eram procuradas por seus parceiros, caso contrário, ficariam sem atividade sexual durante toda a gravidez, outras só faziam para atender unicamente aos desejos dele.

A sexualidade durante a gravidez, conforme as vivências desse grupo de mulheres e de acordo com as minhas interpretações, pode ser representada, esquematicamente, da seguinte maneira (Fig. 6):

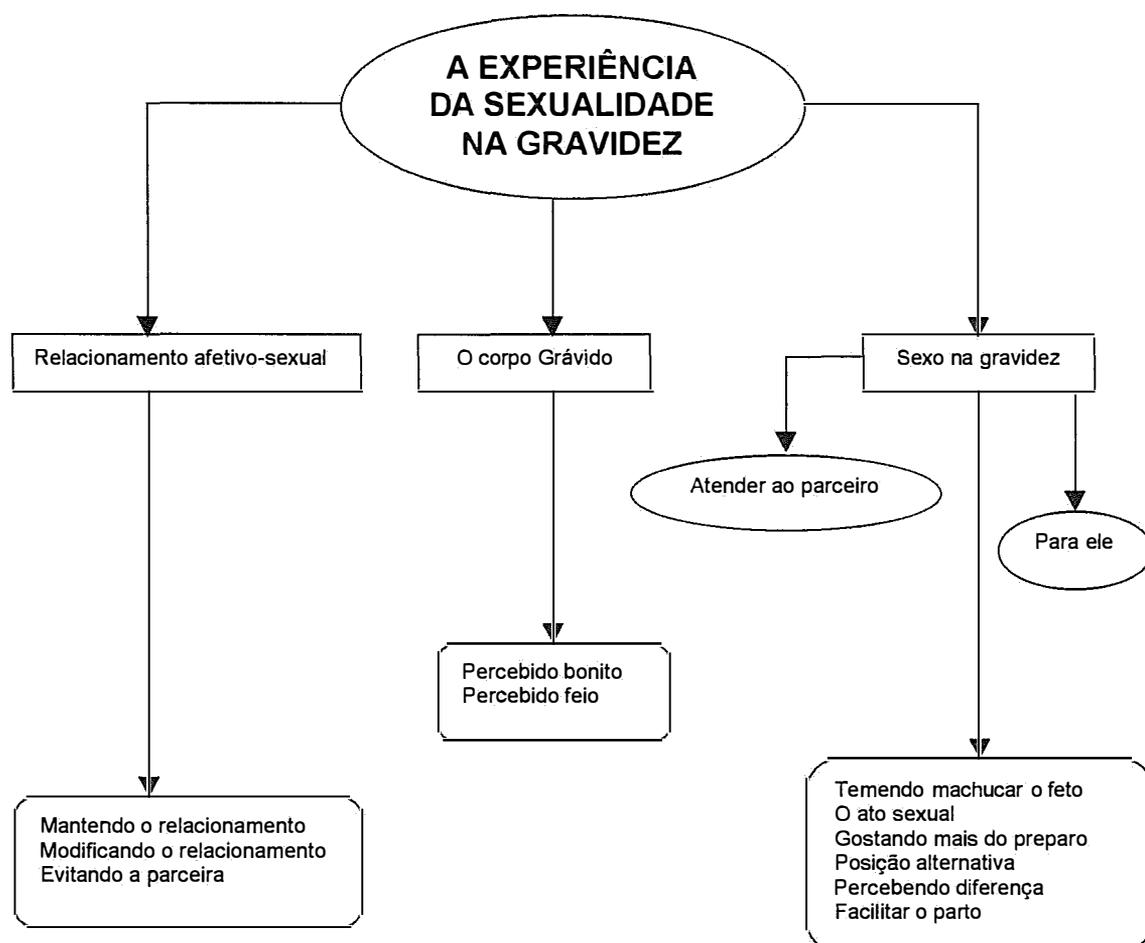


Fig. 5 A experiência da sexualidade na gravidez.

Através da história da sexualidade, é possível identificar o amplo significado resultante da ideologia sociocultural de diversos povos, que o corpo grávido assumiu, nas sociedades. O corpo ser visto como realidade física e social.

A gravidez constitui-se numa experiência de caráter sociocultural que reflete o complexo interativo entre indivíduos, grupos e instituições; portanto, ela está cheia de significados.

MARCON (1990) afirma que há significativas mudanças na imagem corporal, no relacionamento conjugal, com filhos e familiares, por ocasião da gravidez. Os serviços de saúde e profissionais que prestam assistência à mulher no ciclo grávido-puerperal, nem sempre estão preparados para fazer as orientações necessárias a essa fase.

Através desta pesquisa pude perceber que a sexualidade no período da gravidez não deve ser vista apenas neste período, pois ela é o resultado da sexualidade da mulher como um todo e da sexualidade como um processo de vida. Nesse processo está circunscrita a forma como homens e mulheres são percebidos por seu grupo cultural e como são construtores e reprodutores dos saberes de seu meio.

Para compreender a sexualidade de mulheres vivida no período da gravidez, foi preciso citar as questões que envolveram ***O DESCOBRIR DA SEXUALIDADE, A EXPERIÊNCIA DA GRAVIDEZ e A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NO PERÍODO DA GRAVIDEZ.***

Percebi que a vivência da sexualidade na gravidez relaciona-se com a maneira de como a cultura define o modo de ser feminino e masculino. Uma cultura centrada no modo da masculinidade, dita a maneira da mulher vivenciar a menarca, as orientações recebidas, a experiência de namoro, a iniciação sexual, como a gravidez deve ser vivenciada, como são utilizadas as informações recebidas a respeito de contracepção e sexo, a falta de orientação, os sentimentos a respeito da gravidez no que se refere a esses assuntos e

outros que estão relacionados. Tudo isso faz parte de um sistema ou teia de significado, como alude GEERTZ (1989).

Com base nos resultados deste estudo, foi possível compreender que:

- ◆ O prática sexual está restrita ao sexo com penetração. O que ocorre no período do namoro e do noivado não é considerado prática sexual;
- ◆ O modo como a cultura percebe o ser feminino, contribui para uma iniciação sexual sem prevenção da gravidez indesejada e de doenças sexualmente transmissíveis;
- ◆ Há conceitos culturais que são inibidores da expressão sexual principalmente feminina;
- ◆ A prática sexual feminina está estruturada para atender ao prazer do masculino;
- ◆ O prazer sexual feminino está em segundo plano ou se dá mais em termos relacionais com o parceiro e com o filho que vai nascer;
- ◆ A maneira como homens e mulheres são vistos através da relação dos gêneros interfere na expressão sexual feminina;
- ◆ A sexualidade na gravidez sofre fortes influências de crenças culturais que podem restringir a expressão do prazer feminino;
- ◆ Homens e mulheres têm sua interpretação da experiência da sexualidade durante a gravidez;

- ◆ A saúde sexual durante a gravidez sofre interferência do sistema de significados culturais do grupo social;
- ◆ Para manter o feto saudável o casal compromete a sua sexualidade;
- ◆ Há mulheres que só fazem sexo, enquanto grávidas, para atender ao parceiro.

6.4.1 Pontuando algumas questões

Através da riqueza dos dados narrados e com base na saúde reprodutiva e saúde sexual adotadas neste estudo, julguei também necessário destacar os seguintes pontos:

- ◆ Os sentimentos de culpa e medo que acompanham a iniciação sexual feminina.
- ◆ O risco da gravidez indesejada a que estão expostas as mulheres.
- ◆ O risco de vida com relação à tentativa e à prática de aborto clandestinas.
- ◆ As barreiras para uma contracepção eficaz.
- ◆ A falta de conhecimento das questões que envolvem o corpo e sexualidade.
- ◆ A exposição às doenças sexualmente transmissíveis.
- ◆ A reprodução de crenças que interferem na expressão do prazer.
- ◆ As condições em que ocorre a gravidez.
- ◆ O abandono do parceiro quando grávida.

Após este momento de aproximação conceitual do significado das mulheres a respeito da sexualidade na gravidez, sob a perspectiva da cultura, farei algumas reflexões e apresentarei as implicações do estudo para a Enfermagem.

J. BAWODKI

***REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES DO ESTUDO PARA A
ENFERMAGEM***

CAPÍTULO 7

7 REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES DO ESTUDO PARA A ENFERMAGEM

Uma resolução só poderá ser implementada se a estrutura da própria teia for mudada, o que envolverá transformações profundas em nossas instituições sociais, em nossos valores e idéias.

Fritjof Capra

Com frequência, os enfermeiros têm inadequado conhecimento, compreensão e conforto para lidar com a sua sexualidade e a de seus clientes. Segundo HOGAN (1980b), isso não deve causar surpresas tendo em vista que estes profissionais são membros de uma sociedade que foi restritiva na investigação e na discussão da sexualidade e dos problemas sexuais.

Na concepção dessa autora, existem dois princípios básicos a considerar, na questão que envolve enfermeiro e sexualidade. O primeiro é que, embora tenham direito a ter suas próprias crenças e comportamentos em relação à sexualidade, os mesmos têm uma obrigação séria de não penalizar com palavras ou atos aqueles que têm crenças e práticas diferentes. A sexualidade é um assunto tão sensível e tão integrante do ser humano, que é fácil para os profissionais de saúde penalizar por cuidados inadequados,

esporádicos e superficiais aqueles que expressam sua sexualidade de forma diferente.

A sexualidade, como preconiza HOGAN (1980c), abrange atividade sexual física, envolve identidades, papéis de mulheres e homens, fatores psicológicos e socioculturais que asseguram uma vida sexual saudável, no contexto das relações humanas.

Felizmente, na perspectiva dessa autora, os enfermeiros estão reconhecendo que a sua sexualidade e a de seus clientes estão inevitavelmente interrelacionadas. Entretanto, são desinformados, assumem e reproduzem mitos e concepções errôneas sobre as questões sexuais que permeiam a sociedade e isto influencia os cuidados prestados aos clientes, de uma forma nem sempre perceptível.

Para HOGAN (1980b), alguns enfermeiros podem ter crenças religiosas fortes e compromissos sobre imoralidade de certas práticas sexuais. Inevitavelmente, conflitos podem surgir quando estes profissionais confrontam-se com o cuidado de indivíduos cujas práticas não se conformam às suas crenças, conseqüentemente, podem apresentar repulsa, ficar embaraçados ou chocados por algum comportamento sexual que não faça parte das suas normas.

Alguns enfermeiros podem concluir que sexualidade é uma assunto pessoal e que não deve fazer parte das preocupações da Enfermagem. Outros enfermeiros podem reconhecer que no cuidar da pessoa como um todo, a sexualidade como uma qualidade do ser humano, deve ser inserida no domínio

desta profissão. Há, portanto, necessidade de que esses profissionais recebam formação para que se tornem habilitados para informar, dar resposta e discutir sobre sexualidade na prática da Enfermagem, conforme explicita essa autora.

O profissional de enfermagem enfrenta os mais variados problemas das áreas da sexualidade, inclusive estereótipos sexuais e sexismo dentro da profissão, no dizer de HOGAN (1980b). A Enfermagem tradicional caracterizou-se pela rigidez em controle, hierarquicamente disciplinar, com conotação das enfermeiras como puras e assexuadas, assim como os costumes culturais prevalentes, serviram para proibir o tópico da sexualidade na formação daqueles profissionais. SOBRAL (1994), ousadamente trata da questão do erotismo e do corpo de pacientes e enfermeiros, e questiona o silêncio e os subterfúgios utilizados nos momentos em que questões da sexualidade são explicitadas na prática da Enfermagem.

Segundo HOGAN (1980b), uma abordagem holística aos cuidados enfoca satisfazer necessidades físicas, emocionais e espirituais. O paciente como um ser sexual é essencialmente ignorado. No fim da década de 60, a literatura de Enfermagem começou a tomar consciência da sexualidade do indivíduo como uma preocupação adequada para a Enfermagem.

É importante considerar que a sociedade está em constantes mudanças, no que diz respeito aos valores e à compreensão dos fenômenos sexuais. Explica essa autora que a relação homem e mulher está sendo alicerçada sob nova ótica, portanto, os clientes estão pedindo ajuda em muitas áreas da sexualidade. Enfatiza ainda HOGAN (1980b), que o enfermeiro pode

associar a sexualidade aos cuidados de saúde, enfocando intervenções preventivas, terapêuticas e educacionais para que possam ajudar aos indivíduos a atingirem ou a manterem a saúde sexual. Para essa autora, uma visão dos cuidados de enfermagem do futuro, relacionada à sexualidade, começa a emergir e, apostando nisso, é que propus um estudo cultural da sexualidade na gravidez.

Conhecer as práticas do cuidado saúde-doença, crenças e valores nas diferentes culturas, na concepção de SILVA & FRANCO (1996), pode proporcionar a oferta de cuidados de Enfermagem significativos e eficazes para as pessoas.

Um outro aspecto que é importante ser considerado nas ações de Enfermagem, diz respeito às questões do gênero. VALENZUELA & BENGUIGUI (1997), identificam que a construção do gênero exerce influência inquestionável sobre a saúde dos indivíduos, através da socialização e do controle institucional.

Portanto, abordar a sexualidade nas condições da gravidez exige uma compreensão multidisciplinar. Chamo a atenção para a saúde sexual a partir da compreensão dos sistemas de significados que nela estão envolvidos.

Através desse estudo, apresento questões da sexualidade feminina durante a gravidez, numa visão mais ampla. Para tanto, faço uma trajetória que se estende sobre três eixos norteadores: ***O DESCOBRIR DA SEXUALIDADE, A EXPERIÊNCIA DA GRAVIDEZ*** e a ***EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NA***

GRAVIDEZ. Dessa forma, foi possível apreender o significado da sexualidade na gravidez a partir da experiência do grupo estudado.

Os temas emergidos do estudo são apropriados para elaboração de uma proposta de assistência de Enfermagem, porque identificam as experiências sexuais das mulheres. Essas categorias permitiram identificar que a experiência de vivenciar a sexualidade é um processo dinâmico, influenciado pela cultura que circunda a mulher, principalmente na experiência da gravidez. Isso sugere a necessidade de priorização do conhecimento das questões sexuais na formação e prática da enfermagem.

A compreensão da sexualidade como um todo e no período da gravidez possui implicações para a prática, pesquisa e ensino da Enfermagem. O estudo traz implicações no desenvolvimento de modelos que forneçam subsídios para o atendimento diferenciado à mulher, durante a gravidez.

Os conteúdos que emergiram neste estudo permitem que enfermeiro e equipe de saúde reflitam, de maneira mais crítica, sobre a prática profissional no que se refere à atenção que vem sendo dispensada à mulher durante a gestação.

Espero que esses resultados mobilizem e possibilitem mudanças de atitudes por parte dos profissionais que lidam com a saúde da mulher e, especificamente, os profissionais da Enfermagem, no que concerne a uma assistência mais totalitária.

Espero que as aproximações conceituais que emergiram dos dados deste estudo, possibilitem ampliar o elenco de conhecimento que norteia o ensino, com relação ao atendimento da mulher e sua sexualidade.

Este estudo está relacionado com a sexualidade, numa fase específica da vida humana: a gravidez. Atualmente, esse conhecimento tem sido de interesse para muitos profissionais de saúde. Nas questões abordadas na IV Conferência de Beijing, descritas pela ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (1996), foram discorridas a dimensão sexual feminina, como está imbricada e é consequência da concepção cultural no grupo em que vive a mulher, como as relações de gênero estão diretamente ligadas ao comportamento de homens e mulheres nessa área.

Por compreender a sexualidade muito mais do que o ato sexual puramente físico, mas envolvendo a identidade, papéis de mulheres e homens, fatores psicológicos e socioculturais, é que propus estudar o significado da sexualidade no cotidiano de mulheres grávidas. Os dados podem ser importantes para ampliar o raio de ação dos enfermeiros que assistem a mulher no ciclo grávido puerperal, fazer diagnóstico de situação e construir ações de Enfermagem mais apropriadas à realidade estudada. Para se compreender as questões sexuais é importante que sexo e sexualidade sejam encarados nos contextos das relações humanas.

Este estudo também demonstrou que é importante que o enfermeiro preocupe-se com o bem estar, felicidade de seus clientes, ao compreender a saúde como um completo bem estar físico, mental e social.

Muito pode ser feito pela enfermagem quanto às questões sexuais envolvidas na gravidez, informação correta, promoção da saúde sexual, orientações preventivas da gravidez não planejada, fornecimento de recursos contraceptivos, prevenção de situação de risco quanto a aborto provocado, prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Advogar políticas de saúde que contemplem a saúde sexual. Conhecendo a percepção cultural do grupo que presta assistência, terá uma visão mais ampla, realística da situação.

Para planejar ações de Enfermagem à gestante é preciso:

- ◆ Garantir a saúde sexual e reprodutiva
- ◆ Melhorar a saúde ou atenção à saúde sexual e reprodutiva, conforme propõe a Organização Mundial da Saúde.
- ◆ Considerar as questões sexuais do cliente na prática da enfermagem
- ◆ Considerar como são organizadas as questões culturais, quanto ao processo saúde-doença, práticas relativas ao corpo, dos indivíduo em sua comunidade.
- ◆ Considerar como a cultura produz e reproduz os significados do corpo grávido
- ◆ Ampliar a compreensão da gravidez, discutindo sobre sexualidade nessa fase, considerando a perspectiva da gestante.
- ◆ Abordar a sexualidade na gestação de forma mais enfática.

- ◆ Questionar conceitos que interferem no uso adequado do sexo e impedem o exercício prazeroso da sexualidade na gravidez.
- ◆ Integrar nas ações de enfermagem ações terapêuticas e educacionais que possam ajudar os indivíduos a atingirem e a manterem saúde sexual.
- ◆ Apoiar o casal para que compreenda a sexualidade, e principalmente durante a gravidez.

As recomendações que faço com base nos resultados desta pesquisa são:

- Que as questões culturais sejam consideradas pelos profissionais que dão assistência à mulher durante a gravidez, principalmente o enfermeiro.
- Que a abordagem da sexualidade seja parte da assistência que enfermeiros prestam à mulher no período da gravidez e demais fase da vida.
- Que enfermeiros e demais profissionais da saúde reflitam sobre e tenham maior preocupação nas questões que envolvem a saúde sexual e reprodutiva.
- Que o corpo seja visto pelos enfermeiros de forma ampla nas suas dimensões: biológica, psicológica, sociocultural.
- Que a abordagem da sexualidade faça parte da formação do enfermeiro no curso de graduação, proporcionando informação adequada à sua profissionalização.

A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (1996), através do relatório da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, refere-se à saúde reprodutiva e mais especificamente às questões da sexualidade feminina, em termos da saúde sexual como direitos humanos.

De acordo com HOGAN (1980b), a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a saúde sexual a partir de três elementos da saúde que incluem:

1. Capacidade de aproveitar e controlar o comportamento sexual e reprodutor de acordo com a ética social e pessoal.
2. Liberdade do medo, vergonha, culpa, falsas crenças e outros fatores psicológicos que inibem a resposta sexual e prejudicam a relação sexual.
3. Liberdade dos distúrbios orgânicos, doenças e deficiências que interferem com as funções sexuais e reprodutoras

Esse é o momento de pensar o pensar a sexualidade. Se ela, segundo conceitua COSTA (1994), refere-se ao "conjunto de fenômenos da vida sexual" (p:1), por meio do qual se consegue amar, ter prazer e procriar, por que necessita que seja reivindicada como um direito, principalmente no caso da mulher?

7.1 Tecendo considerações finais

Julgo importante, neste momento, tecer algumas considerações finais no que se refere à pesquisa realizada. Ao iniciar este estudo, pretendia

descrever e analisar o significado da sexualidade para mulheres grávidas num dado contexto cultural.

Os passos percorridos para realizar este estudo e os dados obtidos possibilitaram-me a alcançar os objetivos que propus para a pesquisa. Os dados revelaram uma riqueza de conteúdo narrativo e identificaram múltiplas possibilidades do vivenciar a sexualidade durante a gravidez.

Os achados do estudo me falaram do que observei, ouvi, do que as narradoras interpretaram e do que procurei interpretar, à luz das bases teórico metodológicas para que pudesse compreender o fenômeno da sexualidade da gravidez com suas múltiplas facetas. Percebi que o contexto social e as estruturas culturais são definidores da expressão sexual tanto de mulheres como de homens.

De acordo com as narrativas das colaboradoras deste estudo, constatei que essas mulheres convivem diariamente com as alegrias e com os desapontamentos da iniciação sexual, vivência da gravidez e da sexualidade durante a gravidez.

As diversas atividades interpretativas do vivenciar a sexualidade no período da gravidez, narradas pelas mulheres possibilitaram-me a construção de novos paradigmas para que pudesse compreender a saúde sexual nas perspectivas teórico-práticas da Enfermagem.

Quando a saúde é compreendida de forma ampla, deve ser vista como objeto de interesse da sociedade e da cultura, como um conjunto de

ações e movimentos que a própria sociedade utiliza-se para promover, manter saudável e, principalmente, justificar a ordem interna do próprio grupo.

Este estudo permitiu estudar a sexualidade durante a gravidez, usando o método etnográfico, por se tratar de um estudo qualitativo. Foram utilizadas diversas técnicas para a coleta e análise dos dados, a observação participante, entrevistas, história oral de vida, escuta e gravação das falas em fita tape. Colaboradoras específicas e gerais foram escolhidas a partir da formação de uma rede para contribuir com o processo de pesquisa. O uso desses recursos possibilitou a oportunidade de revelar uma nova perspectiva para as questões sexuais femininas, mais especificamente, no período da gravidez.

O estudo revelou que cada mulher vivência sua sexualidade desde a menarca até a gravidez de forma muito particular, mas ao mesmo tempo, é influenciada pelo saber coletivo de sua cultura.

A pesquisa mostra que as mudanças de caráter fisiológico, sedimentam as concepções da cultura, a sexualidade feminina inicia-se e mantém-se para confirmar a masculinidade dos homens.

Através do estudo, evidencia-se também a teia de significados que gravidez e sexualidade, durante a gestação, assumem e como em determinadas situações põem em risco a saúde sexual, a vida da mulher e de seu conceito

Percebi que os dados se tomaram realmente maciços, complexos e detalhados. A análise exigiu-me uma maior familiaridade com o assunto e um

tempo significativo de contato com o grupo estudado. Os temas derivaram dos próprios dados, foram colocados numa categoria de ordem que permitiram a compreensão do assunto estudado. Provavelmente, as interpretações poderão ter novas ou outras interpretações. Considerando o conceito de cultura de GEERTZ (1989), a noção de consenso nos estudos das estruturas culturais pode não ocorrer.

Ao término desta etapa do estudo – o que na realidade não considero término – mas sim um começo para novas indagações e aprimoramento das que foram levantadas, enfatizo a necessidade de se ampliar as ações de Enfermagem no período da gravidez, aplicando-se à abordagem da sexualidade para somar aos cuidados que se prestam, principalmente, às mulheres e, também, aos homens. Espero com este tema, ter contribuído para reflexões e mudanças na formação, prática e pesquisa da Enfermagem, como também abrir novas perspectivas no que se refere à saúde da mulher e, mais especificamente, quando ela encontrar-se vivenciando a gravidez.

J. BARDOKI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPÍTULO 8

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAMODT, A. M. Ethnography and epistemology: generating nursing knowledge.

In: MORSE, J. M. (ed). **Qualitative nursing research: a contemporary dialogue**. California, Sage, 1991. cap.3, p. 40-53.

AGUIRRE BAZTÁN, A. Etnografía. In: AGUIRRE BAZTÁN, A. (ed). **A**

etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural. Barcelona, Marcombo, 1995. cap.1, p.3-20.

ALBUQUERQUE, M.C.S. **Sexualidade humana: o despedir-se de uma visão puramente mentalista através do novo paradigma da corporeidade viva**.

R.B.S.H. v. 6, n. 1, p. 45-50, jan./jun., 1995.

ALTAVILA, J, de **História da civilização das Alagoas**. 8.ed. Maceió, EDUFAL, 1988. 138p.

ALVES, P. C.; RABELO, M. C. (org). **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro, Fiocruz/Relume Dumará, 1998a. 245p.

- _____. O status atual das ciências sociais em saúde no Brasil: tendências.
In: ALVES, P. C.; RABELO, M. C. (org). **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro, Fiocruz/Relume Dumará, 1998b. p. 13-28.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Edições 70, 1977. 229p.
- BONADIO, I. C. "**Ser tratada como gente**": a vivência de mulheres atendidas no serviço de pré-natal de uma instituição filantrópica. São Paulo, 1996. 200p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- CABRAL, I. E.; TYRRELL, M. A. R. O objeto de estudo e a abordagem qualitativa. In: GAUTHIER, J. H. M. et al. **Pesquisa em enfermagem: Novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro, Guanabar Koogan, 1998. Cap.2, p. 18-29.
- CANESQUI, A. M. Notas sobre a produção acadêmica de antropologia e saúde na década de 80. In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. de S. (org). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1994. Cap.1, p.13-32.
- CAVALCANTI, R.; CAVALCANTI, M. **Tratamento das inadequações sexuais**. 2.ed. São Paulo, Roca, 1996. cap. 1, p.1-5.
- CHAUI, M. de S. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 12.ed. São Paulo, 1991. 235p.

- COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. (orgs). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992. 336p.
- COSTA, N. Saúde sexual e reprodutiva. In: RIBEIRO, M. (org). **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo, Gente/Cores, 1999. v. 2. cap. 7, p. 241-252.
- COSTA, R. P. da. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo, Gente, 1994. 213p.
- D'EAUBONNE, F. **As mulheres antes do patriarcado**. Lisboa, Vega Universidade, 1977. 157.
- DEL PRIORE, M. (org). **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997. 678p.
- DRYDENN, G.; VOS, J. **Revolucionando o aprendizado**. Trad. de Maria do Nascimento Paro. São Paulo, MAKRON Books, 1996. 500p.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro, 1986. p.1584.
- FERREIRA, J. O corpo sígnico. In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. de S.(org). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1994. Cap.8, p.101-12.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1989. 323p.
- _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997. 366p.

- GUTIÉRREZ, D. **Salud reproductiva: concepto e importancia.** Washington, Organización Panamericana de la Salud, 1996. 123p. Série PALTEX para ejecutores de programas de salud, n.39.
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Ethnography: principles in practice.** 2.nd. London/New York, Routledge, 1995. 323p.
- HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença.** Trad. de Eliane Mussnich. 2.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994. 333p.
- HOEBEL, E. A.; FROST, E. L. **Antropologia cultural e social.** Trad. de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo, Cultrix, , 1996. 470p.
- HOGAN, R. M. Human sexuality: an overview. In: HOGAN, R. M. **Human sexuality: a nursing perspective.** Connecticut, Appleton-Century-Crofts, 1980a. cap. 1, p.3-18.
- _____. Nursing and human sexuality. In: HOGAN, R. M. **Human sexuality: a nursing perspective.** Connecticut, Appleton-Century-Crofts, 1980b. cap.2, p.19-33.
- _____. Society, culture, and sexuality. In: HOGAN, R. M. **Human sexuality: a nursing perspective.** Connecticut, Appleton-Century-Crofts, 1980c. cap.9, p.194-215.
- _____. Pregnancy, birth, and postpartum. In: HOGAN, R. M. **Human sexuality: a nursing perspective.** Connecticut, Appleton-Century-Crofts, 1980d. cap.22, p.469-493.
- HOLLOWAY, I.; WHEELER, S. Ethnography. **Qualitative research for nurses.** Cambridge, Blackwell Science, 1996. p.81-97.

- JIMENO SALVATIERRA, P. Los diarios de campo. In: AGUIRRE BAZTÁN, A. (ed). **A etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural.** Barcelona, Marcombo, 1995. cap. 21, p. 248-59.
- LAPLATINE, F. Aprender antropologia. Trad. de Marie Agnés Chauvel. São Paulo, Brasiliense, 1995. 205p.
- LINS, R. N. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo.** 4.ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997. 337p.
- LIRA, F. J. de **Crise, privilégio e pobreza: Alagoas no limiar do terceiro milênio.** Maceió, EDUFAL, 1997. 188p.
- _____. **Realidade, desafios e possibilidades: pensando saídas para a crise de Alagoas.** EDUFAL, 1998. 138p.
- LOPES, G. P. **Sexualidade humana.** Rio de Janeiro, MEDSI, 1989. 199p.
- MACDOUGALL, J. **Gravidez semana a semana.** Trad. de Gisela P. P. Vivian. São Paulo, Manole, 1998. 96p.
- MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério.** 14^a.ed. São Paulo, Saraiva, 1997. 229p.
- MALDONADO, M.; DICKSTEIN, J.; NAHOUM, J. C. **Nós estamos grávidos.** 10.ed. São Paulo, Saraiva, 1997. 208p.
- MARCON, S. S. **A assistência pré-natal: um estudo etnográfico.** Rio de Janeiro, 1990. 272p. Tese (Livre Docência) - Universidade do Rio de Janeiro.
- MASTERS, W. H. e JOHNSON, V. E. **A resposta sexual humana.** Trad. de Antonio Alberto de Toledo Serra. São Paulo, Roca, 1984. 296 p.

- MEAD, M. **Sexo e temperamento**. 2.ed. São Paulo, Perspectiva, 1979. 320p.
- MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo, Edições Loyola, 1998. 78p.
- MINAYO, M. C. de S. Construção da identidade da antropologia na área de saúde: o caso brasileiro. In: ALVES, P. C.; RABELO, M. C. (org). **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro, Fiocruz/Relume Dumará, 1998. pp. 29-46.
- MONTICELLI, M. **O nascimento como um rito de passagem: uma abordagem cultural para o cuidado de enfermagem às mulheres e recém-nascido**. Florianópolis, 1994. 260p. Dissertação (mestrado). Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.
- MORSE, J. M. Determining sample size. **Qualitative Health Research**. v.10, n.1, p.3-5, 2000.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Conferência Mundial sobre a Mulher, IV**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1996. 352p.
- ORTNER, S. B.; WHITEHEAD, H. T. Introduction: accounting for sexual meanings. In: **Sexual meanings: the cultural construction of gender and sexuality**. New York, Cambridge University Press, 1996. p.3-27.
- OSBORNE, R. **La construcción sexual de la realidad: un debate en la sociología contemporánea de la mujer**. Madrid, Cátedra, 1993. 324p.
- PAIM, H. H. S. Marcas no corpo: gravidez e maternidade em grupos populares. In: DUARTE, L. F. D.; LEAL, O. F. (org). **Doença, sofrimento,**

- perturbação:** perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1998. p.31-47.
- PAIVA, V. **Evas, Marias, Liliths:** as voltas do feminino. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1993. 242p.
- PITTA, D. P. R. O corpo situado no "trajeto antropológico" In: SILVA, I. A. (org) **Corpo e sentido:** a escuta do sensível. São Paulo, Editora da Universidade Estadual de São Paulista, 1996. p. 109-118.
- RAPHAEL-LEFF, J. **Gravidez:** a história interior. Trad. de Rui Dias Pereira. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997. 212p.
- REZENDE, J. de; MONTENEGRO, C. A. B. **Obstetrícia fundamental.** 5.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1988. cap. 1 e 2, p.3-36.
- RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo.** 4.ed. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986. 174p.
- SANCHIZ OCHOA, P. S.; CANTÓN DELGADO, M. C. Acceso y adaptación al campo. In: AGUIRRE BAZTÁN, A. (Ed.). **A etnografía:** metodología cualitativa en la investigación sociocultural. Barcelona, Marcombo, 1995. cap. 9, p.128-134.
- SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade feminina:** história, cultura, família, personalidade e psicodrama. São Paulo, SENAC São Paulo, 1998. 292p.
- SILVA, Y. F. e; FRANCO, M. C. (orgs). **Saúde e doença:** uma abordagem cultural da enfermagem. Florianópolis, Papa-Livros, 1996. 118p.
- SILVEIRA, J. Notícia histórica de Maceió. In: MACEIÓ CEM ANOS DE VIDA DA CAPITAL. Maceió, Casa Ramalho, 1939. p.7-20.

- SOBRAL, V. R. S. **A purgação do desejo: memórias de enfermeiras.** Rio de Janeiro, 1994. 113p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem, Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SOIFER, R. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério.** Trad. de Ilka Valle de Carvalho. 6.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992. 124p.
- SORJ, B. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. (orgs). **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992. p.15-23.
- TANNAHILL, R. **O sexo na história.** Trad. de Luísa Ibañes. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983. 516p.
- VALENZUELA, C.; BENGUIGUI, Y. A tenção integral em saúde materno-infantil e seus componentes. In: BENGUIGUI, Y. et al. **Ações de saúde materno-infantil a nível local: segundo as metas da cúpula mundial em favor da infância.** OPAS/OMS, 1997. 28-52.

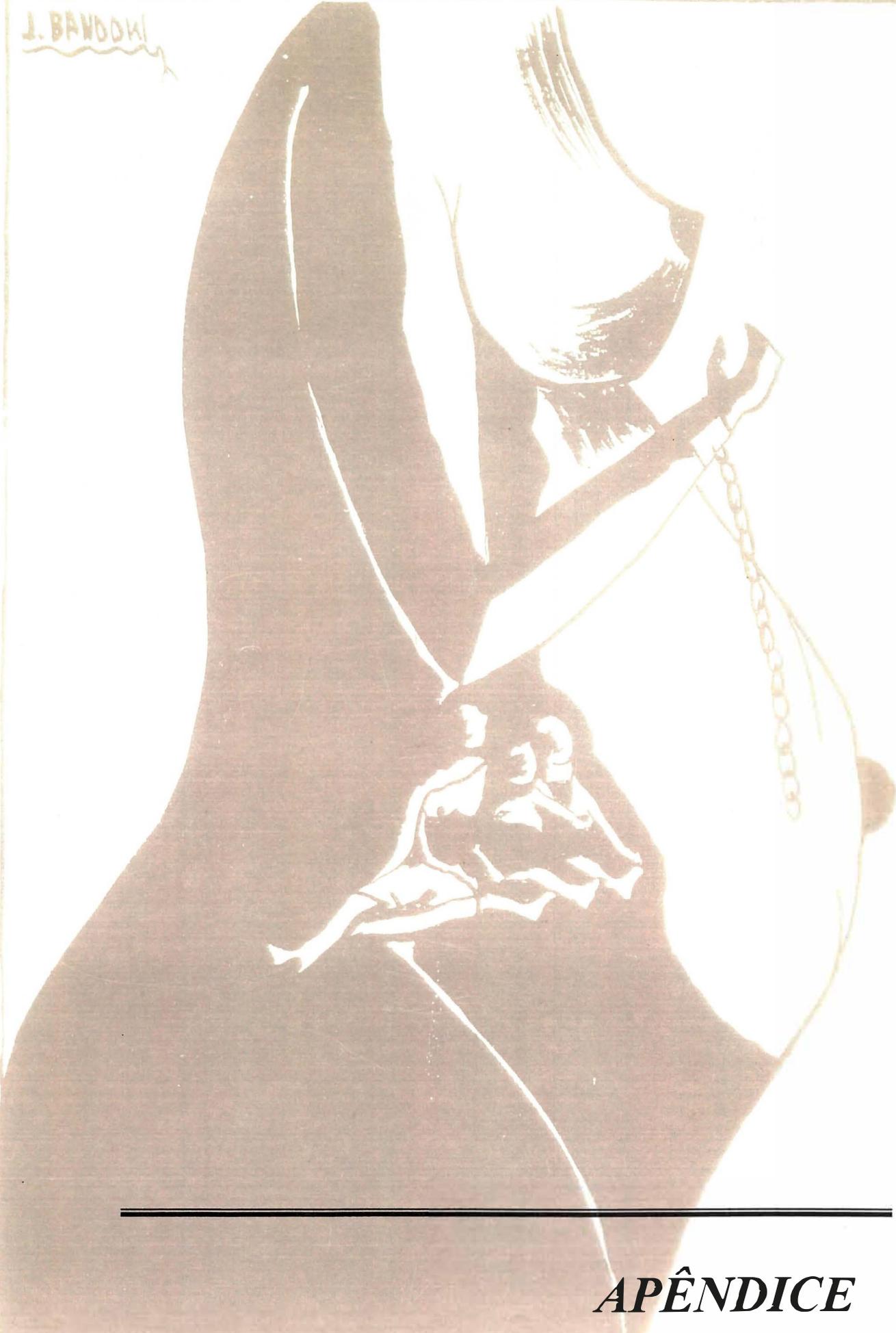
SUMMARY

THE MEANING OF THE SEXUALITY FOR PREGNANT WOMEN

This study was done with pregnant woman with the purposes of describe and analyze the experiences and the meanings of the sexuality since the point of view of the interviewers in their cultural context. The concept of the interpretative anthropology of the health and reproductive health and sexual health were used. We went through the methodological way using the ethnography. The data were collected through observations and interviews. A process of analysis was done having as basis the oral statements, of the stories of the life of women who cooperated with the study. Three main themes were identified: the discovery of the sexuality, the experience of the pregnancy and experience of the sexuality in the pregnancy. The study gives factors in which the nurses can have a better understanding of the sexuality during the pregnancy and consequently, to enlarge the actions of nursing in this moment of the female life.

Keywords: Sexuality. Pregnancy. Culture.

J. BANDOVI



APÊNDICE

11-9-99-

Maceió, 30 de março de 1998.

Ilmo. Prof. Marco Antonio Mota Gomes
Diretor da Escola de Ciências Médicas de Alagoas
Presidente do Pólo Saúde da Família

Prezado Diretor:

Na condição de Professora Assistente III do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas e Doutoranda em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, venho através desta solicitar a V. S^a. autorização para que eu possa realizar a pesquisa: **Sexualidade: o significado no cotidiano de mulheres grávidas**, com as famílias da comunidade Conjunto Virgens dos Pobres III inscritas no Programa de Saúde da Família.

Aproveitando o ensejo, informo que mantive contato prévio com a Prof^a Cristina Figueiredo, atual representante do Departamento de Enfermagem neste programa.

Gostaria de ressaltar que minha participação nesta instituição não ficará restrita apenas a coleta de dados. Pretendo também realizar atividades educativas e assistenciais com a comunidade já durante a coleta de dados, o que já planejei com a Prof^a Cristina Figueiredo. Também pretendo continuar realizando atividades assistenciais e educativas nesta comunidade

quando retornar do doutorado. Tenho por finalidade dar continuidade aos estudos antropológicos da saúde em outras temáticas pertinentes a este grupo social, através destes estudos objetivo contribuir com a assistência e mudanças de hábitos de saúde.

Contando com vosso carinho e apreço,

Agradeço antecipadamente.

Prof^a. Maria Cicera dos Santos de Albuquerque.

Departamento de Enfermagem/UFAL.

Pólo Saúde da Família em
Alagoas



SESAU - ECMAL - UFAL

Pólo Saúde da Família em Alagoas

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE ALAGOAS - SESAU
ESCOLA DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE ALAGOAS - ECMAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Maceió, 30 de março de 1998.

Prezada Professora:

Conforme decisão tomada em Câmara Técnica desse Pólo, autorizamos a V.Sa., realizar Coleta de Dados para a Pesquisa **SEXUALIDADE: O SIGNIFICADO NO COTIDIANO DE MULHERES GRÁVIDAS**, no Núcleo Docente-Assistencial Caic Virgem dos Pobres, no período de abril/98 a abril/99, prestando nessa oportunidade assistência à Comunidade do Conjunto Virgem dos Pobres III.

Atenciosamente,

Prof. MARCO ANTONIO
Presidente do Pólo Saúde da Família em Alagoas

Ilma. Sra.

Enf. MARIA CÍCERA DOS SANTOS DE ALBUQUERQUE
Professora da Universidade Federal de Alagoas / UFAL
NESTA

Maceió, _____ de _____ de _____

Prezada _____

Estou realizando um estudo sobre a sexualidade durante a gravidez com os objetivos de identificar, compreender e descrever as questões que envolvem este assunto, como também, fornecer a enfermagem um melhor entendimento da mulher durante esta fase e conseqüentemente ampliar as ações de enfermagem neste momento especial da vida feminina.

Para que isso ocorra, conto com a sua colaboração através de suas informações, que serão colhidas por meio de entrevistas, utilizando-me do gravador e apresentada na forma de narrativas. A forma de colher as informações será por meio da sua história oral de vida ou história oral temática.

O estudo será realizado na sua própria comunidade, residência e CAIC da Virgem dos Pobres III. Você tem toda a liberdade de recusar a participar ou retirar o consentimento, em qualquer fase do estudo, sem qualquer tipo de prejuízo. Terá o sigilo garantido para assegurar sua privacidade no caso de dados confidenciais. Não terá despesas decorrentes da participação na pesquisa e nem receberá qualquer tipo de remuneração para participar.

Para evitar a ocorrência de qualquer tipo de prejuízo decorrente deste estudo, só divulgarei qualquer tipo de resultado após sua apreciação e conferência. A narrativa transcrita deverá ter sua aprovação e liberação, quanto ao conteúdo contido na sua história oral. Para que o estudo seja realizado solicito que assine esta carta de esclarecimentos e a carta de cessão em anexo.

Maceió, _____ de _____ de _____

Eu, _____

_____ (nome completo),
_____ (estado civil), _____ (RG, Certidão de
Nascimento/Casamento de nº), _____ (profissão), declaro para
os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista,
_____ (gravada nas datas), para Maria Cicera dos
Santos de Albuquerque, transcritas e após leitura de conferência para ser
usada integralmente ou em partes, desde a presente data com as limitações
abaixo relacionadas.

Da mesma forma, estendo os limites de sua audição e o uso das
citações à terceiros, ficando vinculado o controle à Maria Cicera dos Santos
de Albuquerque, que detém a guarda da mesma.

Abdicando de direitos meus e de meus antecedentes, subscrevo
a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório ou mediante
testemunhas.

Limites:

- 1) De prazos _____ (citando se
há limitação de tempo para sua liberação - ou mais anos
desde a data da gravação – ou se apenas deve ser colocada à
público depois da morte da pessoa).
- 2) De partes _____
(citar partes que não podem ser ouvidas indicando inclusive se
devem ser apagadas da cópia original ou apenas das
colocadas a público).
- 3) De pessoas ou grupo que não devem ter acesso à fita _____

Assinatura: _____

Testemunhas:

1 _____

2 _____